ARACELY MEHL GONÇALVES

FRANCISCO FERRER y GUARDIA: Educação e a imprensa anarco-sindicalista – "A PLEBE" (1917- 1919)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Educação, do programa de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.
Área Temática: Imprensa, Trabalho e Educação Linha de Pesquisa: História da Educação

Profa. Dra. Maria Isabel Moura Nascimento
Orientadora

Dezembro/2007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA-UEPG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FRANCISCO FERRER y GUARDIA: Educação e a imprensa anarco-sindicalista – "A PLEBE" (1917- 1919)

Autora: Aracely Mehl Gonçalves

Orientadora: Maria Isabel Moura Nascimento

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de mestrado defendida por **Aracely Mehl Gonçalves** e aprovada pela Banca Examinadora, em 10/12/2007.

Orientadora: Prof. Dra Maria Isabel Moura Nascimento

___

Comissão Julgadora:

___

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo (UNICAMP)

___

Prof. Dra. Rita de Cássia da Silva Oliveira (UEPG)

___

Prof. Dr. Adair Ângelo Dalarosa (UEPG)

Ponta Grossa/PR
Dezembro de 2007

Catalogação na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UEPG

N17p

Gonçalves, Aracely Mehl
Francisco Ferrer y Guardia: Educação e a imprensa anarco-sindicalista - "A PLEBE" (1917- 1919), Aracely Mehl Gonçalves. – Ponta Grossa- PR: [s.n.], 2007

Orientadora: Maria Isabel Moura Nascimento.
Dissertação de (mestrado) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Faculdade de Educação.

1.Francisco Ferrer Y Guardia- 2. História da Educação- 3. Imprensa anarco-sindicalista – Jornal Plebe- 4. Educação – Brasil – História.
I. Nascimento, Maria Isabel Moura, II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Faculdade de Educação. III. Título.

04-004-BFE

Keywords: Francisco Ferrer y Guardia
History of Education
Anacho- syndicalist press
Jornal Plebe- 4. Educação – Brasil – História.

Área de concentração: História da Educação
Titulação: Mestrado em Educação
Banca examinadora: Maria Isabel Moura Nascimento, Silvio D. Gallo, Rita de Cássia da Silva Oliveira, Adair A. Dalarosa
Data da Defesa:10.12.2007

RESUMO

Este estudo examina o pensamento educacional libertário propagado no Brasil pelos anarquistas no final do século XIX e início do século XX, e, também, analisa o jornal anarquista “A Plebe” nos anos de 1917 a 1919, uma vez que a imprensa era considerada por estes uma ferramenta de difusão de suas ideais.O referencial teórico – metodológico que respaldou esta pesquisa foi o do materialismo histórico através das leituras das obras de Marx e Engels. As fontes bibliográficas que deram suporte as análises feitas a partir deste referencial constituíram-se de autores que se referem à teoria educacional desenvolvida por Francisco Ferrer y Guardia ; autor adotado pelos anarquistas em suas escolas, bem como escritos dele próprio e os trabalhos de autores marxistas que contextualizam a passagem do modelo econômico agro exportador ao modelo industrial no Brasil As fontes primárias, referentes ao jornal analisado, foram coletadas no Arquivo Edgard Leuenroth na UNICAMP, e na Fundación Francesc Ferrer y Guardia em Barcelona , Espanha.O estudo foi dividido em três capítulos, sendo que o primeiro apresenta e situa a figura de Francisco Ferrer y Guardia na Europa do século XIX ,a organização e fundação de suas Escolas Modernas bem como o seu pensamento educacional conhecido como Ensino Racionalista.O segundo capítulo aborda a vinda dos imigrantes europeus ao Brasil, as condições de trabalho e de vida que encontram e as quais se submeteram;assim como os movimentos grevistas organizados pelos anarco-sindicalistas que, além de lutarem por melhorias trabalhistas, também fundaram escolas onde a teoria educacional de Francisco Ferrer y Guardia se tornou o pensamento pedagógico que os representava.No terceiro capítulo, foi feita uma análise dos artigos referentes à educação encontrados no jornal “ A Plebe”, no período já referenciado, a fim de se verificar se o pensamento pedagógico de Ferrer aparece naqueles e se este jornal fazia a defesa da educação proletária. Em termos gerais, concluiu-se que o jornal “A Plebe” contribuiu para o desvelamento da ideologia colocada pela classe dominante durante o período estudado e foi um instrumento de propagação da teoria de Ferrer no Brasil , além de ter sido um organizador de lutas operárias e abertura de escolas libertárias. A pesquisa demonstrou que a organização das escolas libertárias pelos anarquistas , aliada ao discurso revolucionário de seus jornais e a organização de greves e de sindicatos, foram atos que levaram a uma modificação nas condições de trabalho e de estudo da população;porquanto receosos de que o povo fizesse uma revolução , o governo se apressa e organiza leis para regulamentar o trabalho e cria escolas para a classe trabalhadora, abafando assim o grito e a organização operária anarquista em todos os seus aspectos.

Palavras- chave: Pedagogia libertária, Imprensa operária, Francisco Ferrer y Guardia, Brasil, História da Educação.

ABSTRACT

This study examines the libertarian educational thought propagated in Brazil by the anarchists at the end of the XIX century and beginning of the XX one and analyzes the anarchic periodical "A Plebe" within 1917 to 1919, once the press was considered a tool to the diffusion of their ideals. The theoretical reference that endorsed the research was the historical materialism through readings of Marx and Engels's works. The bibliographical resources that supported the analysis carried out from this referential was constituted by authors who make references to the educational theory developed by Francisco Ferrer y Guardia; author who was adopted by the anarchists in their schools, as well as his own writings and works of Marxists authors who contextualized the passage of the economical agro exporter model to the industrial one in Brazil. The primary sources which are referent to the analyzed periodical were collected at Edgard Leuenroth Archives at UNICAMP, and at Fundación Francesc Ferrer y Guardia in Barcelona, Spain. The study was divided in three chapters: the first one presents and points out the figure of Francisco Ferrer y Guardia in XIX century Europe, the organization and foundation of his Modern Schools as well as his educational thought known as Rationalist Teaching Education. The second chapter deals with the coming of the European immigrants to Brazil, the conditions of work and life that they found here and to which they were submitted to and also the strike movements organized by the anarcho-syndicalists who, besides fighting for working improvements also established schools where the educational theory of Francisco Ferrer y Guardia became the pedagogical thought that represented them. On the third chapter an analysis of the referring articles on education found in the periodical "A Plebe" was carried out, within the period cited before, in order to verify whether Ferrer's pedagogical thought appears in it and if this periodical took the defense of the proletarian education. In general terms, it was concluded that the periodical "A Plebe" contributed to the unveiling of the ideology imposed by the dominant class during the studied period and was an instrument of propagation of Ferrer's theory in Brazil, as well as an organizer of laboring struggles and opening of libertarian schools. The research demonstrated that the organization of the libertarian schools by the anarchists, the revolutionary speech of their periodicals as well as the organization of strikes and of unions by them, were acts that led to a modification in the work and study conditions of the population, once , fearful that the common people could lead a revolution, the government hurries and organizes laws to prescribe the working activities and creates schools to the working class , thus suffocating the shout and the laborer anarchist organization in all its aspects.

Key- words: Libertarian Pedagogy, Proletarian Press, Francisco Ferrer y Guardia, Brazil, History of Education

.

Dedico esta dissertação ao meu esposo Marcus e minha filha Heloisa, sem os quais não haveria o porquê de ter escrito tal trabalho, e a família Dusi, com a promessa de manter para sempre em meu coração e na minha pena, nosso ideal de Liberdade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Arthur e Alzira, por terem me ensinado que não basta querer ; é preciso dedicar- se e lutar pelo que se quer. Seus exemplos formaram meus princípios de vida.

Ao meu esposo Marcus Vinícius e a minha filha Heloísa, por terem me desculpado e entendido as milhares de horas que não passei ao lado deles,pois estava sempre ocupada perseguindo este objetivo; amo vocês!

À minha orientadora Professora Maria Isabel Moura Nascimento por ter se dedicado a fim de me ajudar a construir este trabalho, pelas conversas e risadas, pelas pinturas natalinas, pela amizade e respeito.

Ao Professor Nelito Moura Nascimento pelos inúmeros tesouros que garimpou nos sebos, sempre procurando ajudar a enriquecer esta pesquisa e assim mostrando sua preocupação para com os orientandos de sua esposa; que ele acabou adotando como seus.

À Professora Rita de Cássia da Silva Oliveira por ter me dado a chance de iniciar na pesquisa ainda quando eu estava na graduação, pela confiança e amizade.

À Professora Cleide F. Rodrigues, meu mais profundo obrigado por ter acreditado em minha capacidade de ser uma pesquisadora em história da educação , por ter me mostrado a pedagogia de meus ancestrais e, acima de tudo, pelo carinho e amizade que sempre me dedicou; este trabalho tem um pouco da senhora.

A Professora Luzia Borsatto por ter sempre me considerado mais capaz do que realmente sou, seu incentivo foi fundamental para que eu enfrentasse este desafio.

Ao Professor Silvio D. Gallo que esteve sempre pronto a ajudar uma nova companheira de pesquisa Libertária que, talvez um dia, chegue a saber metade do que ele já sabe sobre o assunto.

Ao Professor Adair Dalarosa pelas ótimas conversas, pela "alquimia" realizada nas aulas que se transformavam em ouro e pelo maravilhoso churrasco.

Ao Professor Jefferson Mainardes por ter sempre cuidado para que nos sentíssemos pesquisadores importantes e capazes de produzir uma dissertação maravilhosa, espero ter atingido suas expectativas!

A todos os meus colegas de mestrado, principalmente a Solange, por terem dividido comigo os medos e as angústias deste período.

A minha amiga do coração Claudia Tullio, por ter enxugado minhas lágrimas, a minha amiga irmã Gislene Bida por ter me protegido, a querida Regina Sviech por ter me emprestado o termo "alquimista" usado anteriormente e principalmente por ter sido o rosto amigo e companheiro em algumas aulas cansativas , que você fazia parecerem mais leves.

As minhas madrinhas, amigas, incentivadoras, mãezonas, doces presenças em minha vida, Claudia, Sônia e Bia ;o mestrado nunca mais foi o mesmo sem vocês por aqui; e também, aos meus sempre presentes companheiros de luta e sonho,Lúcia e Rodrigo, obrigada.

Muito obrigada a todos vocês!

LISTA DE FIGURAS

“Tolerar a existência do outro,
E permitir que ele seja diferente,
Ainda é muito pouco.
Quando se tolera,
Apenas se concede
E essa não é uma relação de igualdade,
Mas de superioridade de um sobre o outro.
Deveríamos criar uma relação entre as pessoas,
Da qual estivessem excluídas
A tolerância e a intolerância.”

(José Saramago)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz parte de um processo de investigação dentro da área de História das Instituições Escolares no Brasil, e tem como tema FRANCISCO FERRER y GUARDIA: Educação e a imprensa anarco-sindicalista – "A PLEBE" [1] (1917- 1919).

A escolha deste tema para estudo advém de minha trajetória de vida. Pois sendo tetraneta de um dos fundadores da Colônia Cecília[2], Daniele (Daniel) Dusi[3], o interesse pelo tema sempre foi uma constante nas reuniões de família. As questões oriundas de minha participação no Grupo de Pesquisa "História e Sociedade no Brasil", HISTEDBR Campos Gerais-PR, também contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento deste estudo.

Esta dissertação originou-se da constatação de que a Pedagogia Libertária foi sufocada pela ideologia dominante burguesa, principalmente, por meio da ação do Estado, que dava amplos poderes à polícia política e à polícia secreta para repreender o movimento.

O governo republicano fez uma limpeza de tudo o que lembrasse ou, simplesmente, mencionasse a organização operária anarquista no começo do século XX; eliminando quaisquer meios que congregassem os membros da classe operária e atraíssem a atenção de todos - desde a panfletagem, até sindicatos, escolas alternativas, organizações de classe, centros de cultura, círculos de palestras, bailes, greves e teatro. Dirigindo, assim, uma grande perseguição ao movimento anarquista e aos seus líderes, utilizando-se, também, da educação oficial, para omitir da história a organização sindical e anarquista e sua imensa manifestação cultural no país.

Esta pesquisa parte de uma concepção de história onde se busca expor o processo real de produção, considerando-se que esta não é mais que a sucessão "[...] das diferentes gerações, cada uma delas explorando os

---

[1] Jornal anarco-sindicalista da cidade de São Paulo.

[2] Experiência de uma colônia anarquista, fundada em 1890, na colônia Santa Bárbara, município de Palmeira, Paraná, aproximadamente a 40 quilômetros de Ponta Grossa. Buscava por em prática os ideais anarquistas e tinha como idealizador e fundador o italiano Giovanni Rossi. Para maiores detalhes ver NETTO, C.M.1998.

[3] Sua participação na experiência anárquica da Colônia Cecília encontra-se documentada em diversas fontes, entre elas: NETTO, C.M.1998, VALENTE, S.M.P. 2004, FELICI, I. 1998. RODRIGUES, E. 1995, AGOTANI. 1933.

materiais, os capitais e as forças produtivas que lhes foram transmitidas pelas gerações precedentes." (MARX,1979, p.44). Desta maneira, partindo-se da produção material da vida dos operários anarquistas, também conhecidos como libertários , a fim de compreender a forma de intercâmbio trazido por eles ao modo de produção engendrada nesta sociedade no período histórico analisado, buscar-se-á compreender a sociedade civil, no período escolhido para o estudo, [...] como o fundamental de toda a história, apresentando-a em sua acção enquanto Estado e explicando a partir dela o fundamento de toda a história [...] (Idem, 1979, p.54).

Ao se eleger o "A Plebe" como fonte histórica para esta pesquisa, apresenta-se a necessidade do estudo do processo histórico de sua formação bem como da constituição do movimento social em que ele está inserido.

Após a libertação dos escravos, a fim de substituir esta mão de obra , o Brasil, abriu suas portas à imigração. A sociedade e o Estado republicano tinham por objetivo criar e assegurar as condições de desenvolvimento para a elite dominante dos cafeicultores, que era um grupo hegemônico na economia no início do século XX.

A imigração massiva de trabalhadores de origem européia atingiu seu apogeu ainda na primeira República, período marcado pelo descompromisso social e pela repressão econômica voltada para o mercado exterior e a monocultora, além do autoritarismo da elite agrária, particularmente os cafeicultores do oeste paulista que se utilizavam da máquina estatal para beneficiar os seus interesses.

A Província de São Paulo, sequiosa de trabalhadores

> [...] tomou a seu cargo todas as despesas relativas à imigração: pagamento de viagem dos trabalhadores e de suas famílias, criação de um organismo encarregado de dirigir a imigração, através de agências fixadas em vários paises da Europa (sobretudo na Itália)[4]. A partir de 1880, a imigração tornou-se massiva [...] Foi fundamentalmente graças a essa imigração massiva de trabalhadores de origem européia que o mercado de trabalho formou-se e desenvolveu-se no Brasil, até a década de 1920 (SILVA, 1986, p.44).

[4]"O povo italiano, sobretudo o povo do sul da Itália, passava por dias difíceis após a Unificação Nacional" (SILVA, 1986, p.44).

A princípio, estes imigrantes dirigiram-se ás plantações de café, porém, em "[...] razão das condições sociais e da remuneração, os trabalhadores abandonam voluntariamente as plantações ao fim do contrato (1 ano) para procurar uma situação mais vantajosa [...]" (Idem, 1986, p.45).

Muitos deles escolheram ir para a cidade para poder exercer as atividades industriais e artesanais que já praticavam em seu país de origem, dando início ao aparecimento de um proletariado urbano (HILSDORF, 2003, p.58).

Os imigrantes, na sua maioria, organizaram-se em sindicatos e sociedades de classe, com intuito de reivindicar melhores condições de trabalho, algo que já haviam feito em seus paises de origem, durante a revolução industrial.

O crescimento da indústria paulista fez com que muitos dos imigrantes se dirijam às fábricas a procura de trabalho; consolidando a cidade de São Paulo "[...] como um grande mercado distribuidor,sendo que, em 1907 havia 326 empresas em seu território ao passo que em 1929 já existiam 6.923" (SILVA 1986, p. 79).

A vinda dos imigrantes - pessoas de diversas origens - traz consigo diferentes pensamentos para dentro das indústrias, sendo que "[...] o anarquismo[5] se converteria na principal corrente organizatória do movimento operário, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo" (Idem, 1977, p.62).

A palavra anarquia vem do grego e significa "sem governante", sendo assim esta palavra "[...] pode ser usada para expressar tanto a condição negativa de ausência de governo, quanto a condição positiva de não haver governo por ser ele desnecessário à preservação da ordem (WOODCOCK, 2002, p.8). Outra explicação histórica do termo nos é dada por Leuenroth 1963, p.22, que nos conta que na Grécia, por volta de 478 A.C. , existiu um homem chamado Arquias que escravizava e barbarizava o povo que se reuniu para protestar contra ele, An - Arquias eram os que se opunham a ele, já que o prefixo An significa não na língua grega.

[5] As idéias anarquistas no Brasil também remontam ao século XIX, havendo o registro de publicações como Anarquismo Fluminense, de 1835, e Grito Anarquial, de 1849,[...] a Colônia Cecília, que funcionou entre 1889-1894 [...] (SAVIANI, 2007, p.182).

O Anarquismo, como movimento, é um sistema de pensamento social objetivando mudanças “[...] na estrutura da sociedade, com o objetivo de substituir a autoridade do Estado por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres (FAUSTO, 1977, p.63). Esta cooperação se dá mediante do indivíduo em si, sem representantes, sem delegações, naturalmente em comunidades federadas e autônomas.Tomando-se a visão marxista para análise deste princípio, encontra-se a crítica ao anarquismo dizendo que, se para os anarquistas o Estado foi quem criou o capital e que ”[...] o capitalista é dono do capital por graça do Estado” (MARX, 1980,p.119) Consequentemente, suprimindo-se o capital os dois - Estado e capitalista - desaparecerão.

O anarquismo negava o que era de mais essencial, seguindo a

> [...] concepção de Marx e Engels, na luta pela emancipação da classe operária: a ação política de um partido independente da classe operária voltado para a conquista, e não para a destruição imediata, do poder de Estado (BOTTOMORE, 2001, p.12).

Portanto, num sentido oposto, dizem os marxistas:

> [...] abolis o capital e a apropriação do conjunto dos meios de produção das mãos de alguns, o Estado se extinguirá.A diferença é essencial: a abolição do Estado sem uma revolução social anterior é um absurdo, a abolição do capital constitui precisamenete a revolução social e traz em si uma transformação do conjunto dos meios de produção (MARX, 1980,p.120).

Para o Marxismo a classe operária, ao longo de seu desenvolvimento, ”[...] colocará no lugar da velha sociedade civil uma associação que exclua as classes e seu antagonismo; não haverá mais poder político propriamente dito[...]" (MARX, 2004, p.215). Nesta visão, o Estado não existiu eternamente pois, existiram

> [...]sociedades que passaram sem ele, que não tiveram a menor noção de Estado[...] Ao chegar a um determinado nível de desenvolvimento econômico, que estava ligado necessariamente à divisão da sociedade em classes, o Estado se converteu em... uma necessidade. Agora nos aproximamos velozmente de uma fase de desenvolvimento da produção em

> que a existência dessas classes não só deixa de ser uma necessidade, mas se converte em um obstáculo direto à produção. As classes desaparecerão de um modo tão inevitável como surgiram, Com o desaparecimento das classes, desaparecerá inevitavelmente o Estado. A sociedade, reorganizando de um modo novo a produção sobre a base de uma associação livre e igual de produtores, relegará toda a máquina do Estado ao lugar que então lhe há de corresponder: ao museu de antiguidades, junto à roca e ao machado de bronze (ENGELS,1979, p.25)

Para sociedade melhor e mais justa Marx defendia que

> Numa fase superior da sociedade comunista (isto é, socialista), quando houver desaparecido a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho, e, com ela, o contraste entre o trabalho intelectual e o trabalho manual; quando o trabalho[...]se tornar a primeira necessidade da vida; quando, com o desenvolvimento múltiplo dos indivíduos, crescerem também as forças produtivas[...], só então poderá ser ultrapassado totalmente o estreito horizonte do direito burguês, e a sociedade poderá inscrever em suas bandeiras: De cada um, segundo sua capacidade; a cada um, segundo suas necessidades (MARX, ENGELS, 1987, p.7).

Percebe-se que, a longo prazo, o ponto que procuram ambos os movimentos é o mesmo: destruir o capitalismo e abolir o Estado, acabar com os tutores e confiar as riquezas aos próprios trabalhadores. (GUÉRIN, 1979). O que vai variar em ambas as teorias e o que é a origem dos desacordos é a maneira, ritmo e meios usados para alcançar o desaparecimento do Estado no seguimento da revolução para que se crie uma sociedade nova, sem patrões e sem exploradores, a qual é pretendida por ambos.

É preciso esclarecer, já no início deste trabalho de dissertação, que o objeto analisado não é a diferença de concepções do anarquismo e do marxismo, só isso já justificaria uma outra dissertação, já que tão vasto é o assunto, e tão vastos são os posicionamentos dentro das próprias correntes.

O objeto desta pesquisa é a Educação Libertária, representada no Brasil principalmente por Francisco Ferrer y Guardia, seu desenvolvimento em solo

nacional e sua presença no principal meio de difusão das idéias anarquistas que foi o jornal proletariado.[6]

Como já foi dito anteriormente, o movimento anarquista apresentou diferentes concepções e correntes dentro do seu interior. Tolstoi, Godwin, Proudhon e Kropotkin foram alguns dos mais importantes pensadores do anarquismo e vêm deles as divergências quanto à maneira de atingir os objetivos do movimento: Tolstoi não admite a violência, Godwin procura alcançar a mudança por intermédio da palavra, Proudhon acreditava que a proliferação pacífica de organizações cooperativas os levaria a vitória, somente Kroptkin aceita a violência, mesmo assim com relutância, pois vê nela uma ação inevitável para aqueles que buscam uma revolução social. (WOODCOCK, 2002, p.15).

O anarquismo, dentro do campo de atuação dos movimentos operários brasileiros, possuiu três variantes mais conhecidas: o coletivismo, o anarco-comunismo, e o anarco-sindicalismo. O coletivismo substituía a propriedade individual pela idéia de propriedade gerida por instituições voluntárias, que dariam a cada operário o direito sobre o produto de seu trabalho. O anarco – comunismo tinha como lema: "De cada um, de acordo com seus meios; a cada um de acordo com suas necessidades" (Idem, 2002, p.21) e os anarco-sindicalistas dão valor aos sindicatos de classes como instrumento revolucionário, tendo, na greve, sua mais poderosa arma de luta para a construção de uma sociedade livre.

O movimento anarco-sindicalista pregava que os sindicatos dos trabalhadores operários ocupassem o principal papel na luta para a destruição do Estado, da Igreja e do Capitalismo, e, que após a revolução estes norteariam a construção da nova sociedade. As ações grevistas, organizadas pelo movimento, teriam o papel de destruir a força de Estado e eram consideradas as armas mais poderosas de luta para a construção de uma sociedade livre.

---

[6] A opção pelo método cientifico do materialismo histórico feita pela pesquisadora deu-se a partir do entendimento de que : para apresentar a educação libertária, fruto de uma classe que lutava contra a exploração do homem pelo homem, seria necessário explicar a história da sociedade – do período analisado- através de fatos materiais e essencialmente econômicos, uma vez que a luta de classes e as condições econômicas determinam e regulamentam o legado da história.

A liberdade, responsabilidade e autodisciplina eram as palavras de ordem do movimento. Para os anarquistas o futuro da humanidade exclui todo principio de autoridade, de domínio e de exploração do homem pelo homem.O sujeito que segue as idéias anarquistas é um cidadão

> [...] que não quer ser oprimido mas também não quer oprimir, que não quer ser explorado , mas também não quer explorar, que não quer ser iludido mas também não quer iludir os outros[...](LEUENROTH, 1963, p.22).

Para que este sujeito fosse formado, era preciso que o ideal anarquista fosse profundamente conhecido por ele, e, para que isto ocorresse, foram organizados grupos; publicados folhetins, jornais, panfletos e livros; bem como realizadas conferencias e comícios, para espalhar os ideais do grupo.

A imprensa anarquista e operária, ligada aos sindicatos que eram formados, contribuiu sobremaneira á divulgação dos ideais do movimento e suas ações políticas, trazendo também um caráter didático e doutrinário. Para garantir a educação política de seus membros e espalhar seu ideal na comunidade, os anarquistas faziam grande uso dos jornais e impressos.

Estes impressos, por sua vez, faziam opções de divulgar esta ou aquela idéia educacional que melhor representasse seus princípios[7], seus pressupostos teóricos, e que, portanto, articulassem a idéia de educação e revolução anarquista.

No *Programa Educacional*, divulgado em 1882, e elaborado por vários membros importantes do movimento anarquista: Kropotkin, Elisee Reclus, Louise Michel, Jean Grave e Carlo Malato, bem como o educador Paul Robin, com o objetivo de definir normas para orientar as atividades educacionais anarquistas - algumas idéias desenvolvidas por educadores não anarquistas foram adotadas, dentre elas destacou-se Francisco Ferrer y Guardia[8] um educador catalão.

O movimento da Escola Moderna, orquestrado por Ferrer na Espanha, fundou em 1901 a Escola Moderna de Barcelona, com os princípios da

---

[7] Lembrando as variantes de concepções dentro do movimento anarquista.
[8] Deste ponto em diante do trabalho será usado o nome FERRER em referência à Francisco Ferrer y Guardia.

Educação racionalista, que primava pela idéia de liberdade, recebendo apoio dos anarquistas por todo o mundo.

O movimento anarco-sindicalista Europeu, adotou as idéias de Ferrer, e, com a vinda dos imigrantes para o Brasil, as idéias do anarco-sindicalismo e do racionalismo pedagógico apareceram nas folhas dos jornais que aderiram a este movimento, sendo um deles o jornal "A Plebe", aqui analisado.

No Brasil, em 1912, foi fundada a Escola Moderna n.1 em São Paulo, seguidas por outras escolas e cursos que mantinham a metodologia e a didática racionalista de Ferrer, cuja educação era considerada um ato político, nunca neutro, princípio este que se mantinha em consonância com os ideais anarquistas, que não acreditavam na neutralidade em nenhum campo (MORAES, 2000, p.36).

Ao se fazer a opção de ter o jornal como fonte histórica em uma pesquisa é necessário que o pesquisador esteja ciente que:

> [...] um órgão de imprensa está sempre defendendo posições, querendo formar opiniões, através de uma venda de informações. È justamente isso que permite ao historiador detectar a posição político-ideológica do jornal, o que pensam de política e que visão da realidade tem os proprietários ou diretores do jornal, ou melhor, o grupo social que eles representam (BORGES, 1985, p.25)

A imprensa jornalística é um poderoso instrumento de divulgação de idéias, valores e comportamentos, que, ocultando interesses econômicos e políticos representados no jornal em que as notícias vinculadas são construídas e através de relatos direcionados para determinados interesses, exerce sua influencia em diferentes setores da realidade brasileira, de forma que a

> [...] objetividade dos fatos configura-se, em ultima instancia, como técnica de manipulação do leitor. Ela não se faz apenas pelo conteúdo, ou seja, pela transmissão de valores a serem identificados como universais ou universalizáveis. Dá-se, também, de maneira invisível - o fato exposto não evidencia os critérios de seleção e ordenação. Na leitura, produz-se uma transparência de linguagem que esconde a opacidade da prática de produção do jornal e do público. Por meio da astúcia que articula o leitor a estrutura do jornal, disseminou-se a crença de que "deu no jornal, é verdade". (SILVA,2003, p. 142).

Compreender qual é a participação de determinado jornal no tempo histórico analisado e avaliar as contradições presentes não se deixando levar pela ilusão de que "[...] fatos e dados "falam por si" impondo-se ao pesquisador" (CARDOSO,1981, p.51), é a tarefa do pesquisador que os elege como fonte de pesquisa e que podem constituir-se no

> [...] ponto de partida, a base, da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história (SAVIANI, 2004, p..5)

O jornal propicia, embora de forma parcial, a interpretação de uma sociedade, pois, estando atrelado a determinados grupos com seus interesses próprios, torna-se porta voz das ideologias que defende e se coloca como porta voz.

> Contrariamente à filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui parte-se da terra para atingir o céu. Isto significa que não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam e pensam nem daquilo que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens de carne e osso; parte-se de homens, de sua atividade real (MARX, 1979, p.26)

O jornal "A Plebe", foi um importante jornal libertário publicado em São Paulo; pretendia conscientizar o povo de sua situação de explorados e unir os trabalhadores em suas lutas por melhores condições de vida e trabalho.

> *A Plebe* não se propunha apenas a representar a "voz do operariado paulista". Seu intento era maior: ser "eco" dos "protestos e do conclamar ameaçador desta plebe imensa".E de norte a sul**,** *A Plebe* queria representar todos os trabalhadores brasileiros" na luta contra o Estado, a Igreja e o militarismo (GONÇALVES, 2004, p.116).

O presente estudo utiliza como delimitações, os anos de 1917 a 1919 sendo o primeiro marco temporal relativo à fundação do Jornal "A Plebe"; e o

segundo, o período que demarca o ano de fechamento das Escolas Modernas no Brasil.

A relevância do jornal relaciona-se com a sua especificidade como veículo de circulação de idéias e representações de interesses, já que os jornais, "[...] quando feitos em nome da comunidade e não para promoção pessoal e política, são fontes de referência histórica, pois como entidades vivas, registram o espírito do tempo" (ORREDA, 1979, p.19).

Este estudo tem por objetivo geral: pesquisar no jornal "A Plebe" no período referente aos anos 1917 a 1919 e verificar as contradições de interesses acerca da educação, na perspectiva de análise do materialismo histórico.

Como objetivos específicos pretendem-se nesta pesquisa:

- Apresentar o educador catalão Francisco Ferrer y Guardia, seu método, e a Escola Moderna por ele fundada em Barcelona.
- Situar o movimento anarco-sindicalista no Brasil bem como suas idéias educacionais, contrapondo com as categorias: trabalho e ideologia.
- Identificar a concepção de educação veiculada pelo jornal "A Plebe", que segue a linha anarco-sindicalista, fazendo uso das categorias descritas no item anterior, verificando se o pensamento educacional de Ferrer está presente nos artigos sobre educação.

Portanto, a temática a ser examinada neste estudo, pauta-se no trabalho (operário) como princípio organizador e vê nesta relação, que é a de produção e, portanto social, o objeto da história, e , na dialética, o método de produção de conhecimento. Estas questões são apontadas por Marx e Engels, sobretudo, em suas reflexões sobre o método científico e a História em geral, e sobre a distinção entre as formas idealistas e científicas de apreensão do real, forjadas na contradição imanente entre base material, concreta, e suas formas de representação no pensamento, cujas razões, também materiais, encontram-se infundidas no jogo da divisão social e do trabalho. Deste modo entende-se que a "[...] produção de idéias, de representações e da consciência está em

primeiro lugar direta e intimamente ligada à atividade material o ao comércio material dos homens." (MARX, 1979, p.25)

O movimento do real só se torna conhecido se contextualizado e, se apresentar interconexões com os processos sociais, pelos quais passam os homens na produção de sua vida material.

> O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social.O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e espiritual em geral.Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência (MARX,s/d ,p.301).

Sendo o "ser social" o "determinador da consciência do homem", o modo de produção da vida material condiciona o processo

> [...] social, política e espiritual em geral, de que todas as relações sociais e estatais, todos os sistemas religiosos e jurídicos, todas as idéias teóricas que aparecem na história só podem ser compreendidas quando tiverem sido compreendidas as condições materiais da vida da época de que se trata, e se tenha sabido explicar tudo aquilo por estas condições materiais (MARX, s/d, p.305).

A educação tem papel mediador nesta sociedade, e, ligada com a totalidade, reflete o movimento das relações sociais.

> O momento propriamente educativo, nesse contexto, fica mais claro caso seja descrito em seus elementos dialeticamente complementares e contraditórios. Esses elementos são: as idéias pedagógicas, as instituições pedagógicas, os agentes pedagógicos, o material pedagógico e o ritual pedagógico (CURY, 1986, p.87).

O procedimento metodológico adotado na pesquisa foi o da pesquisa bibliográfica no que se refere aos dados a respeito de Ferrer e do anarco-sindicalismo e documental no que se refere ao procedimento de coleta e classificação de reportagens do jornal "A Plebe". A análise dos dados obtidos

em ambas as instâncias se deu através do referencial teórico do materialismo histórico, respeitando-se portanto as categorias da contradição e da totalidade.

As fontes primárias para a pesquisa foram coletadas no Arquivo Edgard Leuenroth[9], na Universidade Estadual de Campinas[10]. Foram feitas cópias na íntegra das reportagens que versam sobre educação, as quais, num segundo momento, foram digitalizadas e organizadas em um banco de dados[11] específico para a pesquisa para então serem analisadas à luz do referencial teórico. Algumas outras fontes primárias enviadas pela Fundación Francesc Ferrer i Guardiá, que está apoiando o desenvolvimento desta dissertação, também foram anexadas neste trabalho, porém análises mais aprofundadas deste material recebido[12] serão desenvolvidas no momento seguinte ao término desta dissertação.

Para proceder à análise, foram selecionadas algumas categorias[13] dentro do jornal que são: trabalho, educação e ideologia.

Esta pesquisa não se inscreve na concepção idealista de história, mas sim tem o propósito de:

> [...] permanecer sempre no solo da história real; não de explicar a práxis a partir da idéia, mas de explicar as formações ideológicas a partir da práxis material [...] tal concepção mostra que a história não termina dissolvendo-se na “autoconsciência” como espírito do “espírito” , mas que em cada uma de suas fases encontra-se um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e entre indivíduos, que cada geração transmite a seguinte (MARX, 1993, p.56).

Sendo assim, pretende-se, como ponto de partida - e para não cair no historicismo de contar a história tal qual ela se apresenta nos textos do jornal, situar a relação das idéias expostas nos artigos de “A Plebe” e relacioná-los ao

[9] O Arquivo Edgard Leunroth será referenciado pela sua sigla AEL deste ponto da dissertação em diante.
[10] Para referências a esta Universidade será usada a sigla UNICAMP.
[11] Ao final da pesquisa o banco de dados será disponibilizado aos pesquisadores que se interessarem por este levantamento.
[12] Cartilhas, livros de história, espanhol, matemática, boletim da Escola Moderna de Barcelona, agendas e livros de anotações de Ferrer.
[13] Categoria – em geral, qualquer noção que sirva como regra para a investigação ou para a sua expressão lingüística em qualquer campo (ABBAGNANO, 2003, p. 121).

contexto histórico, aos interesses dos jornalistas que colaboravam com tal periódico bem como a luta de classes que se efetivava neste período histórico.

O Estado do Conhecimento[14] aqui realizado, parte das dissertações e teses defendidas no país com o tema a Educação libertária, e que utilizam a imprensa como fonte primária de pesquisa, o que é o caso desta dissertação. Este levantamento foi elaborado tomando-se como referência a base de dados do CAPES e da ANPED e do IBICT.[15]

> Consideramos o estado do conhecimento um instrumento importante para o trabalho do pesquisador, que permite-se familiarizar com outras pesquisas dentro do tema escolhido, dando-lhe mais segurança e menores problemas em enunciar o seu problema de pesquisa. Outro benefício para o desenvolvimento da pesquisa é oferecer aos pesquisadores um tema com os limites de outras pesquisas já realizadas, anunciando o quanto a sua proposta de pesquisa pode somar ás demais pesquisas já produzidas. O exercício de garimpar é contínuo, o fato de um tema ser muitas vezes trabalhado não significa que teremos menos dificuldades. O importante é não desistir. Uma pedra rústica, como um diamante bruto, nas mãos de uma pessoa habilidosa e ágil, pode tornar-se um belo brilhante (NASCIMENTO, 2006, p.142).

Convém lembrar que existem alguns trabalhos que se utilizam da imprensa anarquista como fonte secundária, e por isso não entram nesta listagem, mas não deixam de ser importantes fontes de pesquisa para o tema da Educação Libertária,[16] tendo sido inclusive, usados para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que proporcionam uma visão geral do tema.

Nos levantamentos descritos para o Estado do conhecimento desta dissertação, foram encontradas as seguintes pesquisas até o ano de 2006:

Em 1995, a autora Denise Rosa Lobato, defendeu a tese de mestrado sob o título, **O papel dos princípios pedagógicos anarquistas nas práticas cotidianas de seus militantes: as tentativas de vivência das idéias e seus impasses**, na Universidade Federal Fluminense - Faculdade de Educação, na

---

[14] Entendemos por estado do conhecimento o levantamento das produções sobre o tema em estudo, com categorias específicas que ajudem no levantamento e estudo do tema. Nesta pesquisa foram levantadas as teses e dissertações defendidas no Brasil até o ano de 2007.

[15] CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ANPED - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Educação .

[16] A tese de doutorado de LUIZETO, F.1984, a dissertação de mestrado de GUIRALDELLI, P.J. 1987 e a dissertação de mestrado de MORAES, J.D. 1999.

qual faz um estudo dos princípios escolares aplicados dentro da escola anarquista, objetivando verificar se existia coerência entre o discurso e as ações escolares. Para tal estudo a autora fez uso de narrativas literárias, o teatro e a imprensa, verificando que existia articulação entre o discurso e a prática que embasavam as idéias educacionais e culturais anarquistas no início do século XX.

Fernando Antonio Peres, em sua dissertação de mestrado para a Universidade de São Paulo, Faculdade de educação, intitulada **"Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República**", defendida no ano de 2004, usa o jornal anticlerical "A Lanterna" como fonte principal de sua pesquisa. **,** fazendo um estudo da difusão do ideal libertário dentro do contexto social e econômico de São Paulo na Primeira República e dos diferentes grupos de pensamento anárquico na sociedade paulista que desenvolveram estratégias de aproximação em diversas atividades, assim como atividades educacionais. O jornal "A Lanterna" é analisado e demonstra as aproximações realizadas pelos grupos anarquistas.

Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dentro do programa de mestrado em Educação: História, Política e Sociedade, encontra-se a dissertação de mestrado defendida por Ody Furtado Gonçalves em 2002, intitulada **"A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal A Plebe**". Este trabalho tem, como fonte primária, o jornal "A Plebe" e estabelece, como objetivo, compreender o pensamento educacional dos autores ligados ao jornal, particularmente suas representações do homem anarquista, e as práticas que estes elegeram como principais para a formação deste novo homem revolucionário. Verifica que havia vozes dissonantes dentro do jornal, que divergiam quanto às estratégias de luta e formação dos trabalhadores sendo que a imprensa foi um espaço de luta para o convencimento de diferentes projetos de construção da sociedade anarquista.

Em 1992, Paulo Vitor Miranda Carrão, defendeu a dissertação de mestrado, na Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, com o título **"Anarquismo e Educação",** mediante através da análise das resoluções dos congressos operários (1906, 1913 e 1920), o jornal" A voz do

trabalhador” e a revista” A vida” levanta a proposta anarquista para a educação, concluindo que, na visão destes, esta é considerada fundamental para o êxito e consolidação da revolução e que, os vários artigos encontrados sob o tema da Educação Libertária, nestas publicações, comprovam a consistência do trabalho educacional dos militantes anarquistas durante a época estudada. Para enriquecimento do trabalho e esclarecimento de pensamentos errôneos acerca dos diferentes grupos anarquistas em ação no espaço de tempo analisado, o autor também apresenta em um capítulo as diferentes tendências do anarquismo: o anarco-mutualismo, o anarco-coletivismo, o anarco-comunismo e o anarco-sindicalismo. Os principais autores relacionados à pedagogia libertária, assim como Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Ferrer e Langardelle são também analisados.

Através das leituras acima citadas e também de outras que irão subsidiar este trabalho, bem como a utilização do jornal “A Plebe”, nos anos de 1917 a 1919, a presente pesquisa toma os seguintes recursos gráficos para a identificação do tipo de fonte (primária ou secundária) que estão sendo utilizados:

- “Itálico” - para as fontes primárias. As citações de fontes primárias mantiveram a redação original, sem qualquer atualização ortográfica.
- “Sem itálico” - para as fontes secundárias (NASCIMENTO, 2004, p. 9)

Este estudo está estruturado em três capítulos, por meio dos quais será analisada a temática da educação libertária no jornal anarco-sindicalista, objeto de nossa pesquisa.

No primeiro capítulo, apresentaremos o educador catalão Francisco Ferrer y Guardia, buscando entender através de sua vida, o contexto histórico e ideológico que o leva a desenvolver seu método e fundar suas escolas na Espanha do final do séc. XIX.

O segundo capítulo trata da corrente anarco-sindicalista, que, mediante a imigração européia, ocorrida no final do século XIX e início do século XX, aporta no Brasil, trazendo as idéias do educador estudado no primeiro capítulo e fundando jornais para a disseminação de seu pensamento ideológico. Nesta parte da pesquisa serão apresentados e analisados artigos encontrados no jornal “A Plebe” durante o período compreendido nesta dissertação a fim de

propiciar ao leitor o entendimento do que vem a ser esta corrente e quais são seus métodos de ação e princípios filosóficos.

O terceiro capítulo traz a educação libertária como objeto principal, sua aplicação em São Paulo, a análise das reportagens contidas no jornal “A Plebe” a respeito do assunto e as referências feitas pelo jornal ao educador Francisco Ferrer y Guardia.

Figura 1

A PLEBE

ASSIGNATURAS
ANNO . . 10$000 — SEMESTRE . 5$000
Numero avulso: Da semana, $100; atrazado, $200
As assignaturas começam sempre no 1.º do mez em que são tomadas

Redacção e Administração:
Rua 15 de Novembro, 16 (Sobrado) — S. PAULO
Endereço: Caixa Postal, 195

ANNO II — NUM. 11
São Paulo, 1.º de Maio de 1919
PUBLICA-SE AOS SABBADOS

RUSSIA
HUNGRIA
OLIGARCHIAS

A Revolução Social em marcha contra os seus inimigos

Fonte: Jornal "A Plebe" , 01/05/1919, AEL – UNICAMP.

CAPÍTULO I

FRANCISCO FERRER y GUARDIA E O AVANÇO DO CAPITALISMO NA EUROPA

> "A minha consciência é a minha relação com o que me rodeia" (MARX,1979, p.36)

A sociedade industrial surgiu na Inglaterra "[...] por volta de 1770 e se alastrou nas primeiras décadas do século seguinte ao continente europeu (França, Bélgica, Alemanha)[...]" (SINGER, 1985, p.24). Caracterizou-se pela passagem da produção doméstica, antes realizada pelos artesões em oficinas onde cada mestre trabalhava com um número pequeno de oficiais e aprendizes[17], para o sistema fabril de produção, proporcionado pelas máquinas a vapor , de fiar e o tear mecânico.

A passagem da produção manufatureira à produção industrial fez com que o homem não mais realize o trabalho; este é então realizado pelas máquinas. "Há literalmente uma substituição do homem pela máquina. A função do homem não é mais produzir, mas alimentar, vigiar, manter e reparar a máquina que tomou o seu lugar ." (Idem,1985, p.27).

Esta passagem aconteceu inicialmente com a intermediação do comerciante-manufatureiro, que fornecia as matérias-primas às famílias de tecelões, e recolhia a produção para vender.

O crescimento do comércio interno e ultramarino e a oportunidade de lucros percebida pelos banqueiros e mercadores no empréstimo de máquinas aos camponeses que não dispunham delas, deu inicio ao período de controle da produção pelos donos do capital. Assim, nasce a fase da manufatura, quando as máquinas e os trabalhadores foram reunidos num único local, a fábrica.

---

[17] Fator que dificultava a divisão técnica do trabalho, sendo assim todos os sujeitos envolvidos na produção eram capazes de fabricar o produto em sua totalidade.

A troca do trabalho manual doméstico pelo sistema fabril com ampla utilização de maquinário tornou-se uma das marcas iniciais da revolução industrial, que transformou as estruturas da sociedade de forma social, política, cultural e institucional no séc. XVIII.

A Revolução Industrial provocou mudanças profundas nos meios de produção até então conhecidos, afetando diretamente os modelos econômicos e sociais da época. Na Inglaterra, a Revolução Industrial foi responsável pela migração de grande parte da população rural para os centros urbanos.

> Em 1801, apenas um quinto da população inglesa vivia nas cidades, ao passo que, cinqüenta anos mais tarde, conforme demonstrou o censo inglês de 1851, a população urbana já era muito maior que a rural. (DECCA e MENEGUELLO, 1999, p.27)

Na metade do século XIX, a Revolução Industrial já estava concluída, principalmente na Inglaterra, o principal representante do capitalismo internacional, que soberana do processo de industrialização, apresentava-se como um império. A grande indústria também progredia na Alemanha, que havia se transformado de um país agrícola em um país industrial. Em Berlim, a maior cidade alemã da época os trabalhadores passaram de "[...]50.000 em 1798 para 180.000 em 1848 [...]" (EFIMOV,1977, p.29).A França seguiu a Inglaterra e a Alemanha em seu processo de industrialização, porém em um ritmo "[...] notavelmente menor que na Grã- Bretanha e na Alemanha, em virtude da resistência maior da produção simples de mercadorias, escudada na propriedade camponesa do solo." (SINGER,1985, p.34)

A Revolução Industrial, consolidada pelo alto grau de mecanização da produção, tornava a relação capital/trabalho extremamente tensa diante da exploração do trabalhador, que se via cada vez mais distante dos resultados de seu trabalho.

Diante das grandes dificuldades enfrentadas: o deslocamento da zona rural para os centros industriais, as péssimas condições de vida, os baixos salários e o pesadelo das doenças e do desemprego; muitos trabalhadores começam a se organizar em torno de diversas idéias, assim como o socialismo, o anarquismo e o marxismo, que pregavam a distribuição dos meios de produção e das riquezas socialmente produzidas pelo trabalho. Nascem,

assim, timidamente e com muita perseguição por parte do Estado e dos industriais, os movimentos em defesa dos direitos operários durante o século XIX.

O capitalismo se mostrou presente a partir da Revolução Industrial, que redefiniu a relação capital e trabalho. À medida que emergia um padrão de acumulação de capital mais vigoroso, centrado na expansão industrial, observava-se a formação de um novo mundo do trabalho, marcado pela presença de novos sujeitos, em especial, o operariado industrial assalariado, que não tinha autonomia porque não possuía os recursos para trabalhar por conta própria. O trabalhador, nessa relação, passa a ser propriedade da classe burguesa, (ENGELS, 1985) e o seu preço, estará atrelado ao valor de procura no mercado, como um produto de consumo.

> Se a procura de trabalhadores aumenta, o seu preço sobe; se diminui, o preço baixa. Se baixa ao ponto de haver um certo número de trabalhadores que já não são vendáveis e ficam em estoque, eles são abandonados a própria sorte, e como não há ocupação que os faça viver, morrem de fome (Idem, 1985, p.97).

O dinheiro ficava escasso, e a classe trabalhadora, sem poder alcançar as necessidades básicas para a sobrevivência, era considerada como massa utilizável: cada um explorando o próximo; e como resultado "[...] os capitalistas, se apropriam de tudo, enquanto que ao grande número de fracos, aos pobres, não lhes restam senão a própria vida, e nada mais" (Idem, 1985, p.36)

Com isso os camponeses desaparecem e migram para outras regiões em busca de subsistência; fato este que acabou por aumentar a oferta de mão de obra - o exército de reserva que permitia aos industriais constantes explorações dos operários. A classe proletária era considerada uma das características da sociedade moderna, o que se constituía na prática, na guerra de uns com os outros e todos contra todos.

> Esta guerra, guerra pela vida, pela existência, por tudo, é que, dadas as circunstancias, pode ser uma guerra de morte, põe em luta não só as diferentes classes da sociedade mas também os diferentes membros dessas classes (Idem, 1985, p. 93) .

Ainda que as condições de trabalho fossem degradantes, de extrema exploração das capacidades dos trabalhadores, a iminência de perda dos postos de trabalhos devido à mecanização , fizeram surgir as revoltas contra as máquinas, "[...] produzindo as revoluções de 1848 no continente". (HOBSBAWM, 1981, p.55).

A busca de emprego era constante, provocando a superpopulação nas cidades que não estavam preparadas para suportar um grande contingente de pessoas desempregadas. As populações se dirigiam para os grandes centros para permanecer próximo aos possíveis trabalhos e por falta de condições, moravam em habitações precárias nos porões e cortiços.

A partir de 1848, foram iniciados os grandes movimentos dos trabalhadores contra a classe dominante na Europa, o que leva ao processo de fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864. Marx foi um dos principais idealizadores, seu objetivo era unir toda a classe operária dos diversos países de forma que a orientação fosse única. Em sua opinião o grande número de operários era um elemento de êxito na luta contra a exploração capitalista, mas via que

> [...] os números só pesam na balança quando unidos pela associação e encabeçados pelo conhecimento.A experiência passada[18] demonstrou como a negligência desse laço de fraternidade que deve existir entre os operários de diferentes países e incita-los a manter-se firmemente unidos em todas as suas lutas pela emancipação, será castigada com o fracasso comum de seus esforços isolados (MARX, s/d, p.320).

Apesar de alguns países da Europa, assim como a Inglaterra, França, Alemanha, Dinamarca, os países nórdicos, e o norte da Itália já se encontrarem no processo da grande indústria que se desenvolvia a ritmo acelerado, outros paises do mesmo continente, assim como a Espanha, ainda se encontravam em um profundo desnível diante destes, com somente algumas regiões em

[18] Referindo-se ao movimento Cartista encabeçado pelos operários ingleses em prol da reforma eleitoral .Os operários ingleses esperavam que uma vez admitido o sufrágio universal, o Parlamento encontraria a solução para todos os problemas que os afetavam, fossem eles políticos ou econômicos, porque, segundo eles a maioria dos votos pertenceria então aos operários. Porém,em 1848, o movimento foi derrotado.Segundo Efimov (1977, p.159) "Embora entre as fileiras Cartistas se contassem muitos partidários do socialismo, não se sabia quais os métodos que deviam ser empregados para que o socialismo triunfasse."

início do processo industrial e a maior parte de seu território ainda extremamente agrícola. A situação da Espanha se dava devido a

> [...] sua ortodoxia em torno da Igreja, a disciplina em torno do Estado acoplado à nobreza dominante.Na Espanha cria-se uma "dominação hierocrática", conforme Weber, onde a Igreja resulta como organizadora de hegemonia vinculada ao Estado, que por sua vez, estava fundado na nobreza, não participando dessa hegemonia a burguesia e o povo (TRAGTENBERG,1978, p.18).

Neste contexto de grandes transformações em alguns países da Europa mas de total atrelamento a Igreja e a nobreza pelo povo espanhol, nasceu Francisco Ferrer y Guardia, o educador catalão que deu suporte às idéias pedagógicas professadas pelo movimento anarquista.

1.1. O INÍCIO DA CAMINHADA DE FERRER

Francisco Ferrer y Guardia nasceu em 10 de janeiro de 1859 em Alella, a doze quilômetros de Barcelona. Seus pais, Jaume Ferrer e Maria Àngels Guardia eram camponeses, assim como quase dois terços da população espanhola daquele período, que dependiam da produção agrária. Todavia, devido ao fato de não serem pequenos camponeses, tiveram condições financeiras de dar a Ferrer uma boa educação - ele chegou até mesmo a estudar em uma escola de jesuítas, num país onde a carência educacional era total. A lei de 21 de julho de 1838, que previa o ensino primário obrigatório em território espanhol, não fora efetivada, assim, num total de dezesseis milhões de habitantes somente quatro milhões de espanhóis sabiam ler e escrever. (Idem, 1978)

Num país ainda dominado pela fé e pela obediência ao rei, os pais de Ferrer, católicos fervorosos e monarquistas, criaram seu filho dentro de princípios tradicionais. Contudo, a grande influência de um tio que

compactuava com idéias liberais o levou a um incidente[19] com o vigário local e Ferrer foi enviado para Barcelona aos 14 anos a fim de trabalhar como escriturário, com um comerciante de farinha (GUSSINYER, 2003).

A Catalunha, cuja capital é Barcelona, era a região que mais se desenvolvia na Espanha. Diferentemente do restante do país, ainda extremamente agrícola, esta possuía indústrias têxteis, companhias de navegação, banco, produção e exportação de vinhos, indústria metalúrgica e de maquinaria. Devido a estas, também se desenvolviam indústrias de alimentação, couro, madeira, firmas de construção, atraindo assim uma grande quantidade de mão de obra, que emigrava de todo o país, engrossando a fileira do proletariado nesta cidade. (CUADRADO, 1983).

Nesta região, a classe média se desenvolvia a passos largos, através do comércio entre a Espanha e a França, transformando sua capital em um reduto das classes médias urbanas que iriam formar a burguesia liberal da Espanha.

A burguesia liberal que se desenvolvia naquela região levantou um debate ferrenho com a Igreja, pois não aceitava o poder que esta mantinha sobre o Estado Monárquico, intervindo na vida política e social do país. Em busca de colocar seu pensamento na sociedade espanhola, a burguesia via no afastamento da Igreja, na diminuição do poder do Estado e em suas transações comerciais, uma maneira de alcançar uma expansão industrial assim como aquela que havia sido produzida na Inglaterra e em menor medida, mas também eficazmente na França.

O comerciante que recebeu Ferrer em sua loja era um militante destas idéias anticlericais e liberais. Um livre-pensador que aparentemente, o influenciou com seus pensamentos, pois, aos vinte anos Ferrer se declarou um Republicano, anticlerical, e se uniu aos maçons, grupo que se dedicava a disseminar o pensamento liberal e a organizar conspirações políticas na Espanha.

Não se pode dizer, entretanto, que o fato de receber a influência deste comerciante foi o único fator que levou Ferrer a se tornar um republicano, pois também, nesta mesma época Ferrer freqüentou cursos noturnos onde se

[19] Seu tio falece e o vigário local proíbe-o de assistir ao enterro. Como Ferrer não o obedece este o esbofeteia. O caso é levado ao bispado e o vigário é deslocado da cidade. (SAFÓN, 2003, p. 18)

instruiu e conheceu autores e pessoas que marcaram sua formação intelectual e social.Assim

> [...] ele constituirá sua própria biblioteca, interessando - se pelas atividades das sociedades de resistência barcelonenses, lendo *Solidaridad Obrera* e estudando as idéias de Bakunin.Conhecerá Anselmo Lorenzo , anarquista, autor de *O Proletariado* militante que se tornará posteriormente tradutor das obras francesas publicadas por sua editora (SAFÒN, 2003, p.19).

FIGURA 2

Fonte: Jornal "A Plebe" , s/d, AEL - UNICAMP[20]

Ferrer foi um estudioso das transformações científicas e sociais que ocorriam em Barcelona, a proximidade desta cidade com a França, que já havia declarado a República - a "Revolução Gloriosa" de 1868, a qual destituiu a monarca absolutista Isabel II de Bourbon – e estabeleceu um outro governo e uma nova constituição; tudo isto e mais outros fatores políticos que Ferrer

[20] As siglas usadas nas ilustrações retiradas do jornal "A Plebe" significam: AEL – Arquivo Edgard Leuenroth e UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas.

vivenciou em seus 20 anos, fizeram que ele tomasse a decisão de direcionar seu pensamento ao Republicanismo.

O novo governo formado, após a "Revolução Gloriosa", reconheceu a soberania do povo, deu liberdade à imprensa, e também proclamou a liberdade de ensino e de culto; o que irritou a Igreja Católica e a fez opor-se ao governo representado naquele momento por uma monarquia constitucional. Para tal, os generais no poder, escolheram como rei Amadeo I de Saboya, filho de Víctor Manuel II, rei da recém unificada Itália, que pertencia a uma dinastia com fama de liberal.

Entretanto, esta medida não agradou aos membros do partido Republicano que procurava por modificações mais significativas nas estruturas políticas, sociais e econômicas do Estado e via no poder dos generais uma ditadura militar.

Este descontentamento passou a ser um fator de afastamento da aliança feita pelos partidos existentes[21], e os dois anos que duraram o reinado de Amadeo I de Saboya, foram muito instáveis politicamente, levando o rei a abdicar em fevereiro de 1873. (CUADRADO, 1983).

Os Carlistas e os Afonsinos ficaram sem saber quem colocar no trono e, aproveitando-se deste momento de desestabilização da monarquia, os deputados Republicanos e a população de Madrid proclamaram a República, no entanto esta contava com a oposição das instituições mais poderosas do país, a alta burguesia, o alto comando do exército, os proprietários de terras e a Igreja,que eram contrários ao novo regime.

Quatro presidentes da república se sucederam no período de um ano (1873-1874) que durou a Primeira República Espanhola: Figueras, Pi Y Margall[22], Salmerón e Castelar , até que os Afonsinos, por meio de um golpe

---

[21] Os Carlistas,partidários do tio de Isabel II,Carlos Maria Isidro,os Afonsinos, partidários da volta dos Bourbons através do filho de Isabel II e os Republicanos, grupo que reclamava por reformas mais radicais no campo político, econômico e social e se destacava por um forte anti-clericalismo.(CUADRADO, 1983)

[22] Tradutor e discípulo de Proudhon, o primeiro pensador a se declarar anarquista, acreditava na liberdade individual, rechaçava o poder do Estado e da Igreja, via na propriedade privada um roubo, pois determinaria à exclusão de muitos e, no mutualismo - uma sociedade de produtores unidos por um sistema de livres contratos - a solução para esta exclusão. Contrariamente a posição marxista da transformação social através de uma ação política, Proudhon via esta transformação sendo dirigida através de uma ação econômica ou industrial. Seus princípios de autogestão, descentralização, federalismo e controle direto, são elementos

planejado por seu líder Cãnovas del Castillo, colocaram o filho de Isabel II no trono, com o título de Afonso XIII, iniciando o período da Restauração da monarquia onde a

> [..] fragmentação dos derrotados opositores do sistema- republicanos à esquerda, carlistas à direita - permitiu a Cãnovas, permanecer no poder durante a maior parte do período de 1874-1897, manipulando os políticos e um apolítico voto rural (HOBSBAWN, 1998, p.145).

Desta maneira os Republicanos e Carlistas, que gozavam do apoio popular, foram excluídos da política, pois seus partidos foram proibidos de existir. Devido a isto, o chefe dos republicanos radicais, Manuel Ruiz Zorilla foi exilado e mudou-se para Paris. A classe proletária então, se aproximou do movimento anarquista que tomava forma em Barcelona (CUADRADO, 1983), mediante direcionamento de Giuseppe Fanelli, discípulo de Bakunin[23] , que disseminava entre os jovens intelectuais e operários as idéias colocadas na I Internacional, fundando a Federação Espanhola da Internacional.

Com cerca de vinte anos de idade Ferrer trabalhou como fiscal da Compainha Ferroviária no trajeto de Barcelona a Cerbére, e, neste trabalho, escondeu refugiados políticos procurados, ajudando-os a transpor a fronteira e fugir para a França. Também usou deste artifício para trazer para a Espanha o pronunciamento republicano de Manuel Ruiz Zorilla, aos generais Villacampa e Merelo. (SAFÓN, 2003).

Ferrer participou de uma derradeira tentativa de ver a Espanha se tornar uma República quando o General Villacampa se pronunciou em 1886, mas, esta não alcançou o resultado esperado, pois poucos oficiais o seguiram, e o levante foi sufocado pelo exército na Catalunha.

As esperanças colocadas nas mudanças políticas republicanas são frustradas, o que ocasionou um crescimento das associações dos trabalhadores com fins políticos e econômicos e então, estes trabalhadores começaram a fazer parte da Associação Internacional dos Trabalhadores, dentro do grupo anarquista.

---

importantes na teoria anarquista. Para mais informações sobre o assunto ler WOODCOCK. G., 2002., MARX, 2004.

[23] Para maiores informações sobre este pensador do anarquismo, ler WOODCOCK. G., 2002.

Ao ter seu nome ligado ao levante do General Villacampa, Ferrer foi seriamente comprometido com o republicanismo e, em 1886, se exilou em Paris, onde foi ocupar o posto de secretário de Manuel Ruiz Zorrilla.

A França se encontrava em um grau de desenvolvimento econômico e político completamente diferente da Espanha que Ferrer deixou. Os diferentes aspectos dos dois países levaram Ferrer a reflexões, como esta que se encontra na agenda de endereços usada durante sua estada em Paris

> *Francia paga al presidente de la República 1.000.000 francos.*
> *España paga al rei niño yá su família 9.500.000 idem.*
> *Francia paga á sus embajadores de Londres , San Petersburgo y Berlin 40.000 idem.*
> *España paga á sus embajadores de Londres y Berlin 83.000 idem.*
> *A los de Paris y San Petersburgo 92.000 idem.*
> *Francia paga á un arzobispo 15.000 idem.*
> *España paga á un idem 20.000 idem.*
> *Francia paga á un bispo 10.000 idem.*
> *Espana paga á um idem 15.000 idem.*
> *Francia tiene sobre 40 millones de habitantes y paga por contribución territorial 150.000.000 idem.*
> *España tiene 16 millones de habitantes y paga por la contribución territorial 166.000.000 idem.*
> *Basta. A dónde irá á parar Espana com tanto despilfarro y desgobierno tanto?* (FERRER, s/d, p.3)

Para garantir seu sustento, Ferrer trabalhou em diferentes atividades, todas elas sem muito sucesso, até que, com a ajuda de outros maçons, conseguiu um emprego de professor de espanhol na Associação Filotécnica e mais tarde no Liceu Condorcet e, nestes locais, conheceu pessoas que o fizeram refletir sobre o republicanismo já instaurado na França onde ele se põe

> *[...] em contato con personas de todas clases, tanto em concepto de carácter próprio como em el de su posición social, y examinadas com la idea de ver que prometian respecto de influir en el gran conjunto, sólo vi gente dispuesta a sacar el mejor partido posible de la vida en sentido individual: unos estudiaban el idioma espanõl para proporcionarse un avance en su profésion, otros para estudiar la literatura espanõla Y perfecionarse en su carrera, algunos hasta para proporcionarse mayor intesidad en sus palaceres viajando por los países en que se habla el idioma.A nadie chocaba el absurdo dominante por la incongruencia que existe entre lo que se cree y lo que se sabe, ni nadie apenas se preocupaba de dar una forma racional y justa a la solidaridad humana, que diera a todos los vivientes en cada generación la participación correspondiente*

en el patrimonio creado por las generaciones anteriores (FERRER, 1912, p.12).

Desgostoso com o rumo que tomara o Republicanismo, Ferrer entrou em contato com intelectuais, artistas, ativistas de esquerda e pessoas que, como ele, se interessavam em desenvolver uma obra educacional anticlerical e racionalista. Assim, seu pensamento republicano começou a se direcionar para um republicanismo de base social, com nuances libertárias. (GUSSINYER, 2000).

Correspondeu-se com Tolstoi[24] e, principalmente, com Paul Robin, secretário da I Internacional de Trabalhadores, que estava na direção de um orfanato próximo de Paris chamado Prèvost, na localidade de Cempuis e onde praticava sua idéia de "educação integral" [25].

Manuel Ruiz Zorilla faleceu em 1895 e Ferrer se afastou dos republicanos ligando-se mais profundamente aos anarquistas Malato, Grave e Paul Robin. (RODRIGUES,1992).

> *Mi relación com D.Manuel Ruiz Zorilla, que podia considerarse como centro de acción revolucionaria, me puso em contato com muchos revolucionarios espanõles y com muchos y notables republicanos franceses,y su frecuentación me causó gran desengaño: en muchos, vi egoismos hipócritamente disimulados; en otros que reconoci como más sinceros sólo hallé ideales insuficientes, en ninguno reconoci el propósito de realizar una transformación radical que, descendiendo hasta lo*

[24] Tolstoi manteve uma escola rural na Rússia. (GALLO, 2006, p.38)

[25] A educação integral proposta pelo educador e pedagogo Paul Robin, pressupõe uma educação onde o intelecto e o trabalho sejam igualmente privilegiados, um processo político baseada no direito todos em se desenvolver livremente, não um ensino que forme uma classe trabalhadora e uma elite pensante.Para que tal educação se consolide é preciso que levar em conta o desenvolvimento físico, intelectual, moral e manual do indivíduo, seja ele homem ou mulher.Um sujeito educado politicamente,não alienado e portanto não explorado pelo capitalismo. Robin via a educação como um processo histórico, que se desenvolveu através das idéias de diversos educadores ,assim como Rabelais e Rousseau , e que foram sistematizadas no Séc.XIX. (GALLO, 1995) Uma das maiores preocupações do ideal da educação integral era propiciar a criança a descoberta através da observação. A questão dos conflitos de classe se resolveria através da preparação das crianças, meninos e meninas, para se tornarem adultos completamente preparados para pensar por si mesmos, sem ter o habito de repetir teorias sem que elas mesmas as tivessem vivenciado. Esta prática pedagógica vê o homem como um todo, formado por diversos aspectos que se complementam. O educador, dentro desta filosofia educacional, necessita compreender as múltiplas facetas do aluno e respeita-las, buscando um desenvolvimento harmônico do aluno, pois, "[...] ninguém pode ser feliz se seu desenvolvimento se dá apenas em uma das facetas, relegando as demais ao esquecimento." (IDEM, 1995, p.97) Para maiores informações ler " Pedagogia do risco" (Idem, 1995.

> *profundo das causas, fuera garantia de una perfecta regeneración social* (FERRER, 1912, p.11).

Sua bandeira de luta tornou-se então a Educação. Escreveu um livro de gramática em Espanhol e começou a colocar em prática seu pensamento educacional. Além das aulas teóricas, Ferrer adquiriu a prática de

> [...] reunir alunos, fora dos cursos, a fim de debater pelo raciocínio e pelo entendimento as dados do ensino teórico, de maneira que cada participante pudesse disso extrair conclusões humanitárias e racionais. Fazer descobrir os malefícios de toda influência - começando pela sua - e extrair o essencial de todo problema individual, social e político. Disso fazendo a avaliação [...] (SAFÒN, 2003, p.21).

Uma de suas alunas foi Ernestine Meunie[26], uma senhora católica, de posses e sem família. Ferrer travou uma amizade com ela, suas conversas a levaram a reconhecer que "[...] *no todo irreligioso es um perverso, ni todo ateo um criminal empedernido, toda vez que yo, ateo convencido, resultaba uma demostración viviente contraria a su preocupación religiosa*" (FERRER, 1912, p.11).

Os dois viajaram juntos pela Espanha, Itália, Bélgica, Inglaterra, Portugal e Suíça. Nesta viagem Ferrer conheceu muitos centros de ensino e fez contatos com outros educadores que compartilhavam suas idéias educacionais.

Em suas conversas Ferrer colocou a Ernestine Meunie sua idéia de criar uma escola anticlerical, sem nenhuma influência do Estado, racional e científica. Ao falecer em 1901, ela lhe deixou boa parte de sua fortuna, a fim de que ele fundasse a escola que idealizara. Assim ele decide: "[...] *Llegó um momento que me pareció que se perdia el tiempo si de las palabras no se pasaba a lãs obras*" (FERRER, 1912, p. 16) .

Ferrer voltou à Espanha no mesmo ano e encontrou Barcelona em grande expansão industrial; com indústrias têxteis, de mineração, siderurgia, setor vinícola, companhia de navegação e metalúrgica, empregando mais da

---

[26] Este sobrenome aparece de diferentes maneiras: Meunie (FERRER, 1912), Meunier (RODRIGUES, 1992) e Meunié (GUSSINYER, 2000);o primeiro foi adotado nesta dissertação, por entender ser esta a fonte mais confiável.

metade da mão-de-obra operária de todo o país, cujos trabalhadores estavam se organizando em movimentos operários, principalmente, em torno dos ideais do anarquismo. Alguns movimentos e atentados, em nome do anarquismo, já haviam ocorrido no período em que Ferrer estava na França. Jornais[27] e congressos[28] espalhavam o pensamento libertário por todo o país.

A perda das colônias das Filipinas e de Cuba em 1898 trouxera graves consequências econômicas e sociais à Espanha. Estas colônias espanholas baseavam sua economia na cana-de-açúcar e no tabaco, que era produzido através da mão de obra escrava. Eram colônias que alcançaram um grande desenvolvimento e que eram muito lucrativas para a metrópole; a colônia de Cuba era a maior produtora de cana de açúcar do mundo naquela época. Ajudados pelos norte-americanos, as colônias entraram em guerra contra a metrópole, que teve sua frota destruída no Caribe e, com isso, perdeu mais de 50.0000 combatentes.

Este fato provocou um grande prejuízo econômico ao país, pois, tendo sua economia baseada principalmente no sistema de exploração das colônias, a Espanha não implantou um sistema de modernização econômica e social em seu território. (CUADRADO, 1983). Este fato veio a ser chamado em solo espanhol de “Desastre de 98” e causou uma grande comoção social, pois, a irresponsabilidade do governo havia levado à morte milhares de espanhóis da classe operária, já que esta se constituía na única que não tinha condições de isentar-se da guerra, os ricos, entretanto, podiam isentar-se do serviço militar pagando 1.500 pesetas ao Estado. (SAFÓN, 2003).

A situação educacional do país ainda era ruim. A Espanha do início do século XX possuía 72% de sua população analfabeta, o que a classificava como uma região não desenvolvida ou atrasada da Europa, ou, ainda, nas margens do desenvolvimento (HOBSBAWN, 1998). A igreja tinha a soberania nas instituições escolares do país, possuindo 80% das escolas, que eram oferecidas separadamente aos meninos e meninas.

> Só na cidade de Barcelona as escolas confessionais elevam-se a 489, contra 137 não confessionais, estatais ou privadas, as

[27] *La Revista Blanca* (CUADRADO, 1983, p.599)
[28] Congresso Anarquista em Madrid no ano de 1900 (Idem)

> quais acolhiam apenas 20.000 alunos sobre uma população de 60.000 crianças a escolarizar (SAFÓN, 2003, p.25).

Este é o cenário onde Ferrer inaugurou sua primeira escola, " *La Escuela Moderna de Barcelona*", na Rua Bailén, na periferia de Barcelona, e a editora, "*La Editorial*", que daria suporte ao pensamento pedagógico a ser utilizado na mesma.

Para tal empreendimento, recebeu o apoio de livres-pensadores, franco-maçons, republicanos radicais e anarco-sindicalistas.

1.2. FERRER E A ESCOLA MODERNA DE BARCELONA.

Ao idealizar sua escola, Ferrer se viu frente a duas opções: tentar colocar seu pensamento pedagógico nas escolas tradicionais já existentes ou fundar novas escolas em que pudesse aplicar seus princípios.

Consciente de que o governo não se opunha a educação das massas, mas sim usava a escola como instrumento para deter o poder, e de que alfabetizar a mão de obra se tornava o mínimo na sociedade capitalista de modo de produção, via que

> *[...] los progressos de la ciência y los multiplicados descubrimientos han revolucionado las condiciones del trabajo y de la produccción;ya no es possible que el pueblo permanezca ignorante se le necessita instruído para que la situación económica de un país se conserve y progrese contra la cuncurrencia universal.Asi reconocido, los gobiernos han querido una organizacón cada vez más completa de la escuela, no porque esperen por la educacion la renovación de la sociedad, sino porque necessitan individuos, obreros, instrumentos de trabajo más perfeccionados para que fructifiquen las empresas industriales y los capitalles a ellas dedicados*(FERRER, 1912, p.56).

Porém, não era este o homem que Ferrer queria formar; a Escola Moderna de Barcelona, fundada por Ferrer em agosto de 1901, tinha como meta "[...] *hacer que los ninõs y ninãs que se confien lleguen a ser personas instruídas, verídica, justas y libres de todo prejuício".* (Idem, 1912, p.21).

Necessitava ser uma escola laica e não estatal totalmente contrária à interferência da Igreja ou do Estado em sua administração, visto que, na

opinião deste educador, a escola como estava posta servia ao poder e não libertava o homem.

O local escolhido foi um antigo convento na Rua Baillén, no subúrbio de Barcelona. A inauguração se deu de maneira discreta, desta maneira, Ferrer esperava não atrair a atenção de seus inimigos; o Estado e a Igreja. Também se afastou do movimento anarquista "[...] para evitar as interferências governamentais, por um lado, e por outro, na esperança de encorajar todas as boas vontades de esquerda a juntar-se a ele" (SAFÒN, 2003, p.25).

A primeira aula aconteceu no dia 8 de setembro de 1901. Compareceram a aula 30 alunos, 12 meninas e 18 meninos (FERRER, 1912, p.28), provenientes de diferentes classes sociais.

Por não ser a escola financiada pela Igreja ou pelo Estado, ela era financiada pelas famílias dos seus alunos que pagavam conforme sua renda, num sistema chamado de gradação de cotas.

FIGURA 3

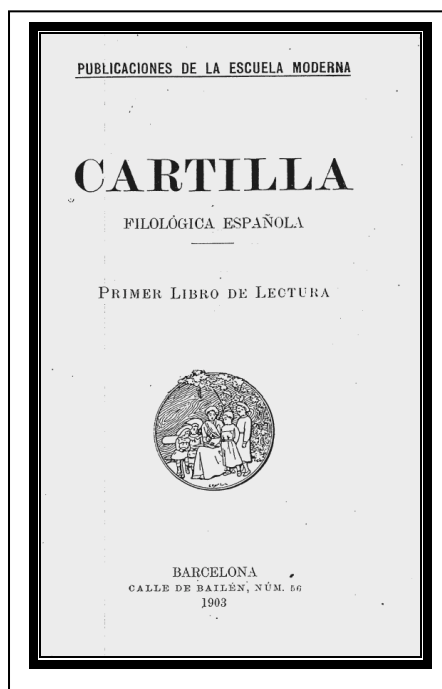
Cartilha da Escola Moderna de Barcelona - 1903

PUBLICACIONES DE LA ESCUELA MODERNA

CARTILLA

FILOLÓGICA ESPAÑOLA

PRIMER LIBRO DE LECTURA

BARCELONA
CALLE DE BAILÉN, NÚM. 56
1903

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia – Barcelona

Com um pequeno grupo de professores, Ferrer iniciou sua obra educativa. O primeiro passo foi fundar a editora que lhe daria suporte nos livros a serem utilizados em sua escola a fim de realizar seu intento de conduzir uma escola racionalista, visto que Ferrer não considerava que os livros existentes iriam servir ao processo educativo desenvolvido por ele.

Foram publicados 30 títulos[29] ao longo dos anos em que funcionou "*La Editorial*", bem como 72 números de um Boletim Escolar, no qual estavam incluídos textos de Ferrer e de seus colaboradores e também redações de alunos.

> O plano de edição compreendia particularmente duas categorias de obras, aquelas destinadas às escolas, tipos de manuais de gramática, aritmética, história, lição de coisas, etc., repletos de exemplos de conteúdo racionalista, e as obras de vulgarização, a maioria traduzida em várias línguas, naturalmente de caráter didático, concebidos para as bibliotecas e centros populares (SAFÓN, 2003, p.29) .

FIGURA 4

Boletim da Escola Moderna de Barcelona - 1902

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia – Barcelona

[29] Os nomes dos livros bem como uma breve descrição sobre os mesmos podem ser encontrados em RODRIGUES, 1992.p.17.

O espaço escolar era preparado para responder aos aspectos metodológicos apregoados por Ferrer. Havia uma preocupação com o aspecto higiênico por isso as salas de aula eram arejadas e bem iluminadas.

Os materiais didáticos usados para desenvolver o ensino cientifico e racionalista da escola, também se faziam presentes. Ao ser convidado para a inauguração da Escola Moderna de Barcelona, um repórter do jornal "*El Dilúvio*", escreveu:

> *El material, tan descuidado em la enseãnza de nuestro país, tanto oficial como privada, se halla en la Nueva Escuela representado por láminas de fisiologia vegetal y animal, coleccciones de mineralogia, botánica y zoologia; ganinete de física y laboratorio especial; máquina de proyecciones; substancias alimenticias, industriales, minerales, etecétera [...]* (FERRER, 1912, p.23)

Outros aspectos desenvolvidos pela Escola Moderna eram as atividades extra curriculares: visitas a fábricas, museus, etc e a correspondência escolar entre alunos de diferentes escolas. As visitas constituíam assuntos de debates entre professores e alunos, que eram incentivados a dar suas opiniões e refletir sobre o que foi dito através do exercício escrito de uma redação, que poderia ser publicada no Boletim da escola ou ainda ser usada como tema a ser discutido ao trocar a correspondência com outro aluno.

O fragmento da carta de uma aluna da Escola Moderna de Barcelona a um menino do Colégio Azul de Madrid, durante o ano de 1904 conta que estando no parque da Cidadela, com os professores, os alunos notaram que a cidade estava toda enfeitada para a visita do rei, fato este que levantou a seguinte discussão:

> Alguns colegas maiores fazem comentários e criticam sobretudo o que chamam de 'desperdício ornamental' em uma cidade com tanta miséria e com tanta crise operária como a nossa. Organiza-se um grande debate sobre esta questão. Nosso professor de línguas diz que continuaremos falando do tema na aula desta tarde, depois de expormos nossas opiniões e reflexões por escrito em uma redação (GUSSINYER, 2003, p.14).

FIGURA 5

Alunos da Escola Moderna de Barcelona – 1902

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia - Barcelona

Os festivais de teatro, realizados ao final do ano letivo, congregavam alunos de diferentes instituições, amigos, familiares e simpatizantes da escola, e, nos conta a mesma menina que seus pais “[..] dizem que os padres e os senhores da escola carlista[30] do bairro, não gostaram nada da festa escolar de encerramento de curso.” (Idem, 2003). A união de um grupo em volta de idéias de liberdade, anticlericalismo e igualdade, vai contra a sociedade a qual as classes dominantes esforçavam-se em conservar.

A prática pedagógica desenvolvida pela Escola Moderna não se limitava à educação das crianças. Havia, também, para os adultos, os níveis de extensão universitária, nos quais se tratava a educação popular e o nível de pesquisa em educação. (Idem, 2003, p.42).

O nível da extensão universitária se desenvolvia por intermédio de conferências aos domingos, quando se discutiam livros racionalistas e o *Boletin de la Escuela Moderna* e se ouvia a palestras de professores universitários.

[30] Referindo-se ao partido Carlista representado pela direita catalã..

Participavam destes encontros os professores da Escola Moderna, alunos universitários e o público em geral. [31]

> *[...] celebré um convenio com los doctores D.Andrés Martinez Vargas y D.Odón de Buen, catedráticos de la Universidad de Barcelona, para crear en la Escuela Moderna una Universidad popular, en la que aquella ciencia que en el establecimiento del Estado se da, o mejor dicho , se vende a la juventud privilegiada se diera gratuita al pueblo, como una especie de restituicíon, ya que todo ser humano tiene derecho a saber, y la ciencia no debe vincularse en una clase [...]* (FERRER, 1912, p.87)

O nível de pesquisa em educação se dava na medida em que Ferrer reconhecia a importância de formar professores para a escola racionalista, que fossem capazes de reconhecer as necessidades de seus alunos individualmente, já que criticava a uniformidade em matéria de educação e entendia que os professores deveriam ter a iniciativa e a liberdade de adequar a instrução aos seus alunos conforme fosse necessário. Devido a isto o movimento racionalista atribuía "[...] grande importância à pesquisa em ciências da educação, mas uma pesquisa absolutamente articulada à prática pedagógica e, de certo modo, subsidiária dela" (GUSSINYER, 2003, p.43).

Apesar de Ferrer não se dizer um anarquista e não ligar a sua escola a este movimento; sua ligação com os anarquistas era evidente, sendo que sua editora traduz obras de pensadores libertários europeus a fim de formar militantes operários e sindicalistas, e, em 1903 Ferrer patrocinou e dirigiu um jornal *"La Huelga General"* (A Greve Geral), em que publicou obras de anarquistas e defendeu a greve como instrumento de luta das classes operárias.

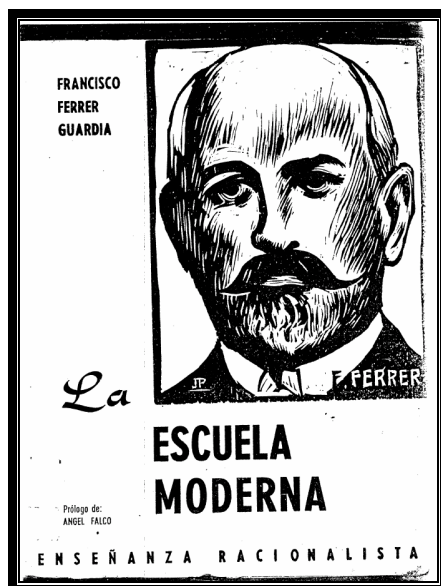
Em 1906, um incidente iniciou a escalada de perseguição que Ferrer passou a sofrer por parte da Igreja e do Estado. Um ex-bibliotecário da Escola Moderna de Barcelona, Mateo Morale, atirou uma bomba na carruagem nupcial que transportava o Rei Afonso XIII, comprometendo Ferrer. Mateo se suicida e então, a Igreja e o Estado vêem, neste fato, uma oportunidade de conter o sucesso da Escola Moderna, acusando Ferrer de ser o mandante do atentado.

---

[31] Os pais dos alunos eram incentivados a tomar parte de tais conferências.

Ferrer foi preso e levado à prisão modelo de Madrid, onde permaneceu por um ano e escreveu o livro "La Escuela Moderna" explicitando seu pensamento educacional.

FIGURA 6

Capa do livro "*La Escuela Moderna*" – Ferrer -1912

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia - Barcelona

O julgamento civil, dentro dos princípios da lei, ao qual foi submetido neste momento, declarou Ferrer inocente, por falta de provas. Todavia, o governo monarquista, juntamente com o setor conservador, decretou o fechamento de sua escola em Barcelona, permanecendo somente a editora (Idem, 2003, p.41). Este fato repercutiu nos meios proletários e liberais por toda a Europa.

> *Mis enemigos [...] se creyeram triunfantes com haberme incluído em un proceso com amenaza de muerte y de memória infamada y con cerrar la Escuela Moderna; pero su triunfo no pasó de un episodio de la lucha empreendida por el racionalismo práctico contra la gran rémora atávica y tradicionalista.La torpe osadía con que llegaron a pedir contra mi la pena de muerte, desvanecida, menos por la rectitud del tribunal que por mi resplandeciente inocencia, me atrajo la simpatia de todos los liberales , mejor dicho, de todos los progressistas del mundo, y fijó su atención sobre la significación y el ideal de la Escuela Moderna, produciendo un movimento universal de protesta y de admiración, no interrumpido durante un año, de mayo de 1906 a junio de 1907[...] (FERRER, 1912, p.129).*

De volta a Paris, criou a “Liga Internacional para a Educação Racionalista”, lançando uma revista, “L'École Rénovée”, que foi editada primeiramente em Bruxelas e depois em Paris. Esta liga tinha como objetivo um plano de extensão internacional da escola racional e científica de Ferrer.

Depois de algum tempo, vai a Londres e lá convive com Kropotkin[32] até 1909, quando seu irmão o chama para voltar para Alella, sua cidade natal, pois sua cunhada e sua filha estavam doentes.

Na Espanha, Ferrer é surpreendido pela “Semana Trágica de Barcelona”, durante a qual o protesto contra o envio de tropas ao Marrocos, a última colônia Espanhola, desencadeou aspectos negligenciados das lutas sociais.

Devido às frustradas guerras anteriores empreendidas pela Espanha, esta foi obrigada a chamar os reservistas, já que o contingente militar se mostrava desfalcado e insuficiente para levar uma guerra a cabo.

Essa mobilização - assim como na guerra Hispano-Americana de 1989 quando a Espanha perdeu seus territórios nas Filipinas e em Cuba - afetava de fato somente a classe operária, pois até 1912, os ricos podiam liberar-se do serviço militar pagando ao Estado por sua dispensa. (SAFÒN, 2003).

A rebelião começou durante o embarque dos soldados, quando cerca de dez mil pessoas revoltadas, no momento em que se despediam de amigos e familiares, foram brutalmente afastadas pela Guarda Civil.

Munida de tijolos, a multidão enfurecida atacou os guardas no cais do porto e iniciou uma série de rebeliões que acabou por queimar igrejas e conventos e depredar vários edifícios da cidade.

A rebelião foi seguida de uma greve geral, por uma semana o povo apoderou-se das ruas até ser reprimido pela Guarda Nacional. A Semana Trágica teve um custo humano muito alto: centenas de mortos, feridos e destruições. Estas rebeliões não foram suficientes para abalar os alicerces políticos do governo, porém foram importantes pelo fato de mostrarem a vulnerabilidade do sistema governamental.

Os perseguidores de Ferrer viram neste episódio uma oportunidade de acusá-lo novamente de estar envolvido nas rebeliões, uma vez que, em seu

---

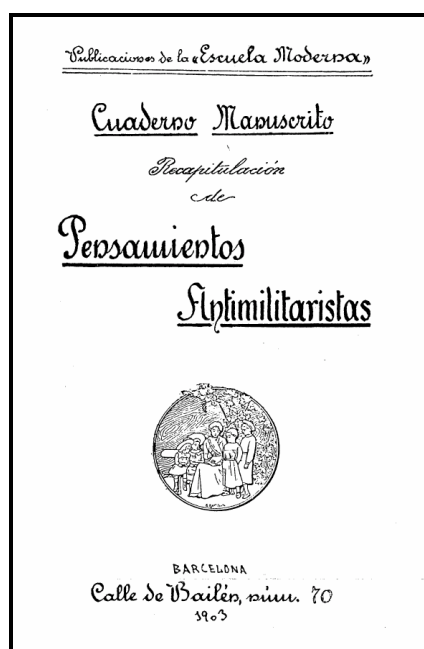
[32]. Para maiores informações sobre este pensador anarquista, ler WOODCOCK. G., 2002.

discurso pedagógico, estavam contidas palavras em defesa da classe proletária que se encontrava sob a égide do pensamento ideológico da Igreja e da nobreza espanhola. Para Ferrer, o racionalismo pedagógico praticado nas Escolas Modernas deveria mostrar aos

> *[...]homens e mulheres que não devem esperar nada de nenhum ser privilegiado(fictício ou não); e que devem esperar tudo da própria razão e da solidariedade livremente organizada e aceita* (FERRER,1912, p.119).

Ferrer foi então aprisionado, teve sua editora fechada e mais de cem mil livros produzidos por ela foram confiscados. Ele então foi conduzido a um tribunal de guerra - o que por si só constituiu um fato marcante, já que Ferrer era um antimilitarista convicto, tendo inclusive escrito livros a respeito da natureza errônea da guerra e os publicado na editora da Escola Moderna de Barcelona.

FIGURA 7

Capa do caderno manuscrito - 1903

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia - Barcelona

Então, a portas fechadas, "[...] onde só o depoimento da acusação é ouvido, transcorrendo o processo sem que as testemunhas de defesa sejam ouvidas, e sem acareação" (TRAGTENBERG, 1978, p.26) Ferrer foi acusado

de ser o autor e chefe da revolução da Semana Trágica de Barcelona, e foi condenado à morte.

FIGURA 8

Ferrer sendo conduzido a julgamento. - 1909

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia – Barcelona

No dia 13 de outubro de 1909 ele foi fuzilado, "[...] gritando em frente ao pelotão de fuzilamento: Viva la Escuela Moderna" (RODRIGUES, 1992, p.15)

Apesar de sua morte a Escola Moderna continuou seu trabalho educacional. Em 1908 cerca de mil alunos estudavam em Escolas Modernas na província de Barcelona (Idem, 1992). Os materiais editados para uso de sua escola foram utilizados por

> [...] inúmeras escolas privadas da época [...] umas setenta sociedades, centros, ateneus, federações e associações operárias. E mesmo depois, quando a Escola Moderna foi proibida pelo Estado [33], a utilização não cessou de ampliar-se" (SAFÒN, 2003, p.26).

[33] Fato ocorrido em 1909, após a morte de Ferrer.

A Escola Moderna de Ferrer, com seu racionalismo, também encontrou espaço em outros locais da Espanha e em países como Portugal, Brasil[34], França, Itália, Suíça, Holanda, Estados Unidos da América, Canadá, Argentina e outros, fazendo com que as palavras de Ferrer, "[...] *los encarnizados enemigos de la obra y del obrero fueron sus más eficaces cooperadores, facilitando la creación del racionalismo internacional"*(FERRER, 1912, p.129), expliquem a continuação do sucesso da escola mesmo depois da execução deste.

Somente em 1911 foi levantado o embargo dos bens deixados por Ferrer, sendo estes devolvidos aos seus herdeiros, pois, nos dois mil processos decorrentes da insurreição de Barcelona, não se acharam provas ou mesmo evidências da intervenção de Ferrer na Semana Trágica de Barcelona. (RODRIGUES, 1992)

1.3.O RACIONALISMO PEDAGÓGICO.

FIGURA 9

Símbolo da Escola Moderna de Barcelona - 1902

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia - Barcelona

Ao desenvolver seu método, Ferrer sofreu grande influência do pensamento do filosofo Rousseau, que se opunha ao processo de aprendizagem aplicado pelos educadores religiosos, repleto de normas e

[34] Melhores informações sobre a Escola Moderna no Brasil serão apresentadas no terceiro capítulo.

regras. “A Pedagogia ativa” de Rosseau defendia a experiência e descoberta individual, onde o aluno iria construir seu próprio conhecimento. Os processos educativos, assim como as relações sociais, têm sempre a noção de liberdade como direito e dever do homem no pensamento de Rousseau.

Porém, diferentemente da educação dos liberais que usam esta forma de pensamento pedagógico para desenvolver a “[...] liberdade individual, dom divino que daria suporte ao projeto burguês de sociedade [...]” (GALLO, 2006, p.39), a educação libertária viria a ser de cunho social e coletivo, criticando o capitalismo que em sua opinião gerava a desigualdades, ou seja, colocava

> [...] diante da nobreza e do clero a idéia de que as diferenças,os privilégios de que eles usufruíam, não eram naturais e muito menos divinos, mas eram sociais.E enquanto diferenças sociais, configuravam injustiça, enquanto injustiça, não poderia continuar existindo.Logo, aquela sociedade fundada em senhores e servos não poderia persistir (Idem, p.51).

Ferrer estava consciente de que as classes dominantes sabiam do poder que manteriam inalterado ao ter o controle da escola e afirmava que:

> *Los gobiernos se han cuidado siempre de dirigir la educación del pueblo, y saben mejor que nadie que su poder está totalmente basado em la escuela y por eso la monopolizan cada vez com mayor empeño*(FERRER, 1912, p.55).

Para combater a educação conformada aos dogmas sociais de obediência - sustentada pela Igreja e pelo Estado, no qual se impõem pensamentos pré-fabricados, adaptando-a ao sistema social - era necessário que uma outra ação educativa se desenvolvesse dentro da escola. Educar, neste paradigma, “[...] consiste em ajudar as tendências positivas da criança a se desenvolverem e não submetê-la a preceitos imperativos do tipo de mandato dogmático religioso ou secular” (TRAGTENBERG, 1978, p.29).

Esta educação deveria formar indivíduos combativos, justos, verídicos, livre de preconceitos, que reivindicassem seus direitos. Era necessário portanto

> [...] levar à criança um ensino que a faça compreender os males do dogmatismo em seu próprio espírito e no campo

social. Será o ensino racional, um método de defesa contra o erro e a ignorância; um ensino que ressaltará o inconveniente que existe em submeter seu próprio critério a um dogma de seita, de escola ou partido, substituindo o estudo dogmático pelo estudo racional das ciências naturais (SAFÒN, 2003, p.39).

Seu plano educacional incluía a todos, independente de sexo ou classe social, já que em sua opinião, não pode haver um monopólio do conhecimento.

> *La verdade es de todos y socialmente se debe a todo el mundo.Ponerle precio , reservala como monopolio de los poderosos, dejar en sistemática ignorancia a los humildes y, lo que es peor, darles una verdad dogmática y oficial en contradicción con la ciencia para que aceptem sin protesta su ínfimo y deplorabel estado, bajo un régimen político democrático es una indignidad intolerable, y, por mi parte, juzgo que la más eficaz protesta y la más positiva acción revolucionaria consiste en dar a los oprimidos, a los desheredados y a cuantos sientam impulsos justicieros esa verdad que les estafa , determinante de las energias suficientes para la gran obra de la regeneración de la sociedad*(FERRER, 1912, p.20).

A educação da mulher, dentro do pensamento citado acima, também era de vital importância, já que a mulher, na visão de Ferrer, não deveria ficar reclusa ao lar, seu âmbito de ação deveria se abrir para todas as atividades da sociedade, a fim de que esta fosse realmente a companheira do homem e também capaz de educar seus filhos dentro do pensamento libertário, livre de dogmas religiosos tão presentes nas vidas das mulheres naquele período histórico. Para que isto ocorresse, ela deveria receber os mesmos conhecimentos, qualitativa e quantitativamente falando, que os homens.

> *Lo que palpita, lo que vive por todas partes em nuestras sociedades cristianas como fruto y término de la evolución patriarcal , es que la mujer no perteneciéndose a si misma, siedo ni más ni menos que un adjetivo del hombre, atado continuamente al poste de su domínio absoluto, a veces...con cadena de oro.El hombre la ha convertido en perpetua menor,una vez mutilada ha seguido para con ella uno de los téminos de disyuntiva siguiente : o la oprime y le impone silencio, o la trata como ninõ mimado...a gusto del antojadizo señor*(Idem,1912,p.31).

Não somente a co-educação de sexos, mas também a co-educação de classes sociais era incentivada por Ferrer. Uma co-educação social, entre pobres e ricos a fim de que, ao receberem juntos a mesma educação não lhes fosse incutida a idéia de conservação e aceitação de privilégios e vantagens como ato natural por uma das classes.

> *La coeducación de pobres e ricos, que pone em contacto unos com otros en la en la inocente igualdad de la infancia, por medio de la sistemática igualdad de la escola racional, esa es la escuela, buena, necessaria e reparadora*(Idem, 1912, p.36).

Num ensino em que predominava o sentido da cooperação sobre o da competição e a alegria sobre o mutismo, a importância dada aos jogos é grande, visto que, por intermédio deles, a criança poderia manifestar seus desejos, aprender a aceitar as diferenças alheias e também solidarizar com os demais. O jogo se torna então um espaço, no qual o professor tem a oportunidade de conhecer a individualidade de seu aluno e, também, um momento de expressão cooperativa que terá sua continuidade no ambiente de trabalho.

> Um trabalho desse tipo será criativo, muitas vezes artístico, não alienante, o trabalho como foi concebido pela sociedade anarco-comunista.Para o fundador da Escola Moderna, uma pedagogia bem-articulada, devia partir do belo instinto do cumprimento [do trabalho] que se encontra apenas nos homens [...](GUSSINYER, 2003,p.39).

O sentido de aptidão ou incapacidade para se desenvolver nesta ou naquela atividade não existia no ideário da Escola Moderna, pois, ao acreditar que as crianças adquirem suas idéias ao longo da vida e por meio das pessoas que a rodeiam dotar-lhe de um ambiente positivo, racional e verdadeiro faria com que todos pudessem tornar-se preparados para os estudos e para a vida.

A Escola Racionalista deveria, portanto, tornar todos os alunos aptos para sair da escola e entrar na vida social e serem seus próprios mestres e

guias, livres de toda tutela, inclusive a dos seus próprios mestres racionalistas (SAFÓN, 2003).

A aprendizagem se dava pela experiência por meio de observação e prática, o que deveria ajudar a criança em seu desenvolvimento espontâneo, sem idéias pré-concebidas, impostas e legitimadoras das injustiças sociais.

> *[...] toda imposición dogmática era descubierta e rechazada, toda incursión o desviación hacia el terreno metafísico era inmediatamente abandonada, y poco a poco la experiencia iba formando esa nueva y salavadora ciencia pedagógica, y esto, no sólo por mi celo y vigilância, sino por los primeros profesores, y en ocasiones hasta por dudas e ingenuas manifestaciones de los mismos alumnos*(FERRER, 1912, p.50).

A questão da higiene individual e da escola também chamou a atenção de Ferrer que via no ato de ensinar às crianças a importância da limpeza, não só uma maneira de controlar as diversas enfermidades que se desenvolviam dentro do ambiente escolar[35] , mas também de estender sua ação aos lares de seus alunos, uma vez que, acostumados com a higiene na escola influenciavam seus pais, pedindo para banhar-se, escovar os dentes, lavar e trocar as roupas, etc.

Além das atitudes rotineiras cobradas pelos professores, os alunos participavam de conferências semanais sobre práticas higiênicas, praticavam a educação física e mantinham um "caderno biológico" no qual anotavam as enfermidades que contraíam, o que possibilitava aos professores saber quem poderia continuar freqüentando as aulas em caso de alguma epidemia.

Os alunos eram incentivados a discutir, refletir e analisar os fatos que os rodeavam, a fazer análises críticas que seriam depois sistematizadas em forma de redações. [36]

---

[35] Ferrer cita doenças como a difteria, sarampo, escarlatina, tuberculose, as enfermidades dos olhos, sarna, etc.

[36] Apresentamos a seguir alguns extratos de redações que foram publicados pelo *Boletim de la Escuela Moderna:* Nino de 11 anõs: " Los párasitos que consumen y no producen pensando siempre em la explotación, desprecian al trabajador, que gana um jornal muy reducido trabajando muchas horas diarias casi sin poder mantener su familia.Si la sociedad estuviera organizada de otro modo, no habria quien se muriera de fastidio (modismo catalán), mientras los ricos están disfrutando."
Niña de 12 anõs: Los hijos de los burgueses y de los trabajadores no son todos de carne y hueso? Pues, por qué en la sociedad hán de ser unos diferentes de otros?

O processo de avaliação adotado na escola previa que os professores fossem avaliando os trabalhos, deveres, exercícios e lições dos alunos na medida em que estes os faziam, sem exames. Em sua opinião, os exames eram situações de angústia e ansiedade para os alunos, não provavam seu conhecimento, somente a sua capacidade de memorização, e, as notas que dele provinham - sejam elas prêmio ou castigo, serviriam somente para sacramentar a desigualdade, estimular a competição entre os alunos, satisfazer o amor próprio dos pais e a vaidade dos professores. (TRAGTENBERG, 1978).

> *Comencemos por introducir desde la escuela tan saludables costumbres:dediquense los pedagogos a inspirar ela amor al trabajo sin sanciones arbitrarias, ya que hay sanciones naturales e inevitables que bastará poner en evidencia.Sobre todo evitemos dar a los niños la noción de comparación y de medida entre los individuos, porque para que los hombres comprendam y aprecien la diversidad infinita que hay entre los caracteres y las inteligencias es necesario evitar a los escolares la concepción imutable de buen alumno[...]* (FERRER, 1912, p.68).

Uma pedagogia diferenciada precisava de um corpo docente diferenciado para atendê-la.

Ferrer levantou a questão de que o professorado, como estava posto, fazia parte da classe dos opressores, uma vez que, consciente ou inconscientemente, mantinham os princípios ideológicos das classes dominantes, pois haviam sido formados por e para ela. Eram, portanto, reprodutores das diferenças e perpetuadores da exploração, da obediência. "*Educar equivale actualmente domar, adiestrar, domesticar*" (Idem, 1912, p.59).

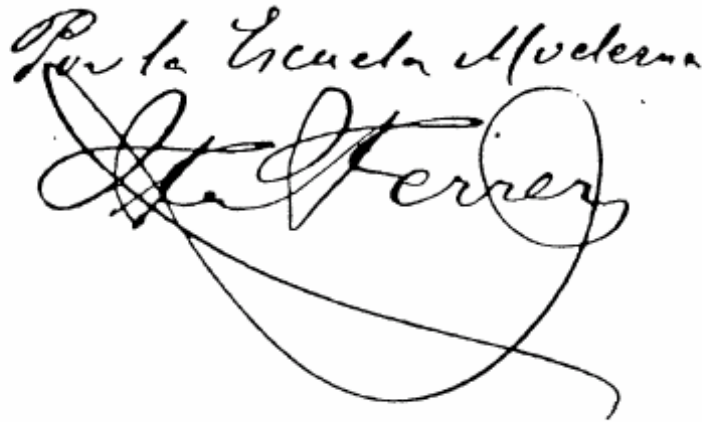
Para formar educadores para sua escola, Ferrer colocou um anúncio no jornal e criou uma espécie de Escola Normal, onde candidatos a professores de ambos os sexos tinham aulas sob a tutela de um professor experimentado a cerca da pedagogia racionalista (Idem,p.50)

Niña de 13 anõs: " La explotación del hombre por el hombre es despiadada, inhumana y cruel...ha de llegar dia en que los trabajadores se unan para exigir de la burguesia que cese para simpre tan inicua explotación."

> *Los profesores e jóvenes de ambos os sexos que deseen dedicarse a la enseñanza racional e científica y se hallen despojados de pre-ocupaciones, supersticiones y creencias tradicionales absurdas , pueden ponerse en comunicación com el Director de La Escuela Moderna para la provisión de plazas vacantes en varias escuelas.*(Idem, p.53).

Esta “Escola de professores” funcionou até ser fechada pelo governo. [37]

Um outro aspecto que diferenciava o pensamento de Ferrer do que estava posto nas escolas, mesmo nas escolas da republica francesa, que se tornaram um exemplo mundial, era o programa escolar unificado onde um mesmo “[...] programa escolar rege todo o país, onde às 9 horas da manhã o Ministro da Educação quer ter certeza que todas as crianças estão lendo, contando, escrevendo” (TRAGTENBERG, 1978, p.30).

Ferrer defendia que as necessidades e curiosidades dos alunos deveriam estar presentes no programa escolar e o professor teria a liberdade para adequar o ensino a estes fatores. Não ouvi-los seria sufocar esta necessidade e assim fazer a criança perder o desejo de aprender.

Ao resumir o racionalismo pedagógico de Ferrer, a fim de facilitar as análises do terceiro capítulo, este pensamento pedagógico pode ser apresentado desta maneira:

> 1º A educação é- e deve ser tratada como – um problema político crucial (trata-se de ocupar o lugar que o poder hegemônico da burguesia exerce na escola;2º O ensino será científico e racional ao serviço das verdadeiras necessidades humanas e sociais, da razão natural e não da razão atificial do capital e da burguesia;3º Co-educação , pois a mulher e o homem completam o seu humano, 4º Co-educação de ricos e dos pobres;5º Orientação anti e a - estatal da educação; 6º A importância do jogo no processo educativo; 7º Pedagogia , individualizada, sem competência técnica nem profissional;8º Ausência de prêmio e castigos, supressão de exames e concursos (SOLÀ apud MORAES, p.22).

[37] Ferrer não menciona a data de fechamento, somente cita *‘[...] hasta que la arbitrariedad autoritária, obedeciendo la instigación de misteriosos y poderosos enemigos, se opuso a nuestra marcha[...]*’ (1912, p.50)

FIGURA 10

Assinatura de Francisco Ferrer y Guardia - 1903

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia – Barcelona

Devido a sua defesa da liberdade individual, seu pensamento anticlerical, a idéia de respeito ao diferente, a defesa do científico sobre o dogmático, a educação para todos, independentemente de classe ou sexo e os demais aspectos de sua pedagogia antes discutidos neste capítulo, o pensamento educacional de Ferrer foi adotado pelo movimento anarquista, o qual compactuava destes ideais e que se tornou um grande propagador das suas idéias em muitos países da Europa e, também, através do advento das imigrações para as Américas: no Brasil, Argentina e Estados Unidos da América.

CAPÍTULO II

OS IMIGRANTES E A CONSTRUÇÃO DO PROLETARIADO NO BRASIL

> A história de toda a sociedade até hoje é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, burguês da corporação e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante antagonismo entre si, travaram uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, aberta outras, uma luta que acabou sempre com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com o declínio comum das classes em luta (MARX, 2001, p.1).

No final do século XIX e início do século XX, o cenário europeu era o de grandes concentrações urbanas, forte industrialização, excesso de mão de obra na Inglaterra, pobreza e superpopulação das cidades, perseguições políticas e religiosas, guerras de unificação que haviam sido travadas na Alemanha e na Itália[38], levando a fundação do império Alemão e do reino da Itália.

As lutas internacionais dos últimos vinte anos do século XIX deram lugar à formação de dois blocos militares hostis, o que levou a divisão do mercado entre as maiores potências capitalistas: a Inglaterra e a Alemanha. A Grã-Bretanha ocupava o primeiro lugar no comércio externo e nas exportações de capital, e a Alemanha tornou-se seu mais perigoso adversário.

A Europa respirava conflitos devido às contradições imperialistas: as lutas pelo poder entre a Inglaterra e a Alemanha. Outros dois países europeus, a França e a Rússia, tomam o lado da Inglaterra e cooperam para apresentar uma frente comum ao seu adversário: a Alemanha.

Com o fim do feudalismo e frente à possibilidade de mudar para qualquer lugar que desejasse a fim de encontrar melhores soluções para seus problemas de sobrevivência, muitos cidadãos europeus se sentiram atraídos pelo sonho da América; a posse da terra a ser ocupada. "O imigrante que vinha

[38] A Alemanha estivera até então dividida em 36 Estados e a Itália em sete.

para São Paulo acreditava que depois de alguns anos de trabalho na fazenda de café pudesse comprar seu pedaço de terra" (PETRONE, 1997, p.117).

Estes imigrantes vinham para o Brasil com

> [...] a promessa de ocupar um território próprio, onde poderiam se desenvolver em suas colônias, com liberdade de ministrar ensino para seus filhos na sua língua pátria, sendo isentos de impostos e outros malefícios, desde que habitassem no local e produzissem para abastecer o mercado (NASCIMENTO, 2004, p.31).

Com o telegrafo, a navegação a vapor e a expansão das redes ferroviárias; tornou-se possível a vinda de mais europeus para o Brasil, que, sequioso de substituir a mão de obra escrava, que começava se tornar escassa devido à interdição do trafico de escravos em 1851, traz para as fazendas de café levas de imigrantes que vão constituir o braço para a grande lavoura em substituição ao trabalho escravo. Outro objetivo ao incentivar a vinda destes imigrantes era uma forma de garantir a ocupação do "[...] espaço geográfico, especialmente na região sul do país e principalmente como opção de branqueamento do país pela preferência por europeus." (NASCIMENTO, 2004 , p.30)

FIGURA 11

Família Dusi / Italianos, anarquistas – s/d

Fonte: Arquivo da autora.

As nacionalidades dos imigrantes eram variadas, porém "[...] um terço dos que chegavam em São Paulo eram italianos, sendo que o segundo grupo era formado por espanhóis[39] e o terceiro por portugueses" (Idem, 1997, p.104), A partir de 1880 a imigração se torna massiva,

> Entre 1887 e 1897, 1.300.000 imigrantes chegaram ao Brasil.A título de comparação entre 1890 e 1900, a população do Brasil aumentou cerca de 3.000.000 de pessoas, passando de 14 a 17 milhões.A maioria dos imigrantes foi para São Paulo: 909.417, entre 1887 e 1900 (SILVA, 1986, p.44).

A grande maioria destes imigrantes fixou-se no estado de São Paulo, pois o seu governo foi o mais ativo na criação de subsídios para que tal projeto fosse mais ágil, a fim de obter uma mão de obra abundante para as plantações localizadas em São Paulo.

Foi organizada toda uma infra-estrutura, desenvolvida por intermédio da Inspetoria Geral de Terras e Colonização - órgão responsável pelo setor de imigração - para trazer os imigrantes da Europa, recebê-los no Brasil e distribuí-los pelas fazendas de café - produto líder das exportações brasileiras do período, o que contribuía para que fosse mantida a estrutura agrária dominante no país.

Em 1886 os fazendeiros criaram a Sociedade Promotora de Imigração, enquanto o governo criava órgãos chamados de comissariados, em diversos países europeus, com o objetivo de promover a imigração para o Brasil.

Estes órgãos ofereciam, através do subsídio da Sociedade acima citada, o trabalho nas fazendas de café brasileiras, bem como hospedagem e passagem nos navios, para os imigrantes agricultores que quisessem imigrar[40], e que viessem em família.

No mesmo ano foi construída a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, local onde os imigrantes eram alojados, recebiam alimentação, cuidados

---

[39]Dentre os grandes grupos de imigrantes, os espanhóis foram os que mais se concentraram no estado de São Paulo. Segundo Petrone (1997, p.101) o maior contingente de imigrantes espanhóis é de 1910, quando se registram 181.657 imigrantes desta nacionalidade.

[40] Em 1902, o governo italiano proíbe a vinda de imigrantes ao Brasil com passagem subvencionada seguido em 1910 pela Espanha. A causa desta proibição foi às más condições em que viajavam estes imigrantes, dentro de navios superlotados e mal equipados e também devido aos queixumes quanto as condições de trabalho nas fazendas de café.

médicos e esperavam gratuitamente até serem contratados pelos fazendeiros paulistas.

Uma vez instalados na lavoura, os imigrantes assinavam um contrato de trabalho com os fazendeiros, que estipulava um pagamento anual ao contratado de uma quantia fixa acertada pelo contratador, por cada mil pés de café colhidos, mais uma quantia por alqueire de café colhido que variava conforme o preço do produto no mercado. Assim a remuneração nas fazendas era feita sob a forma de empreitada, pagava-se geralmente 40 mil réis, no máximo 50, por mil pés de café cultivado durante o ano todo, mais 400 réis por alqueire de café cultivado e levado ao secador. (PINHEIRO, HALL, 1981).

Entre os cafezais, o colono podia plantar produtos de subsistência e vender o excedente, medida esta que visava conceder ao imigrante mais incentivo econômico sem que o fazendeiro tivesse que aumentar a quantia a ser paga pela colheita do café. Portanto, a fim de aumentar sua renda e, um dia poder se instalar em terras próprias; grande parte da família do imigrante, que era geralmente composta de cinco a seis pessoas, trabalhava na colheita do café e na cultura de subsistência. Entretanto, o pequeno lucro que obtinham desta prática voltava para as mãos do fazendeiro que havia desenvolvido o sistema de empórios nas fazendas:

> A causa principal da penúria frequentemente contínua dos meios do colono é o sistema, seguido geralmente de comprar, como se fora um tributo obrigatório, nas vendas, nos empórios de secos e molhados que geralmente são uma especulação pessoal do próprio fazendeiro, e nos quais os gêneros são vendidos a preço duplo e talvez triplo do preço corrente na cidade ou no vilarejo mais próximo (Idem, 1891, p. 17).

Uma característica deste sistema de trabalho em São Paulo, onde o colono poderia juntar o trabalho da agricultura pessoal com a do café, foi a grande mobilidade do imigrante, já que as fazendas que dispunham de cafezais novos eram as que propiciavam ao colono desenvolver a cultura de subsistência intercalada aos pés de café que, quando velhos não permitiam a cultura intercalar.

Apesar da grande maioria dos imigrantes terem inicialmente se dirigido às fazendas de café, alguns destes se dirigiram diretamente aos centros

urbanos onde puderam participar do início do processo de industrialização ou ainda dedicar-se ao comércio; sendo preferidos pelos empregadores, já que o elemento europeu era considerado racial e culturalmente “superior” ao brasileiro nativo.

> Apesar de serem vistos, em seus países de origem como ignorantes e retrógrados, no Brasil os empregadores viam os europeus do sul como gente trabalhadeira, ambiciosa, muito mais adaptável à vida urbana que o próprio brasileiro (MARAN, 1978, p.14).

Muitos daqueles que inicialmente haviam se dirigido às fazendas de café, ao final de um ano, quando seu contrato de trabalho com os fazendeiros encerrava, também se dirigiam às cidades, acelerando o processo de industrialização. Eram artesãos, operários, empresários, imigrantes de origem urbana,e que devido a este perfil, decidem abandonar a vida agrária à procura de atividades comerciais e industriais.

A junção destes fatores leva à constatação de que

> [...] ao se falar de classe operária no Brasil entre o final do século XIX e o final da Primeira República se faz referência a uma classe onde o imigrante estrangeiro é predominante. Este dado terá conseqüências ao nível da consciência e da organização dos trabalhadores (PINHEIRO, 1997, p.140).

Além de alterações na estrutura social brasileira, o imigrante também é responsável por mudanças de valores e atitudes frente à relação trabalhador-empregador, pois, diferentemente do trabalhador brasileiro nativo, este já vinha de países onde esta relação já havia sido questionada nos congressos e associações operárias, e experiências sociais como o cooperativismo já haviam mostrado aos trabalhadores que

> [...] a produção em larga escala e de acordo com os preceitos da ciência moderna, pode ser realizada sem a existência de uma classe de patrões que utilizam o trabalho da classe dos assalariados; que para produzir, os meios de trabalho não precisam ser monopolizados, servindo como um meio de denominação e de exploração contra o próprio operário; e que assim como o trabalho escravo, assim como o trabalho servil, o trabalho assalariado é apenas uma forma transitória e inferior, destinada a desaparecer diante do trabalho associado

> que cumpre sua tarefa, com gosto, entusiasmo e alegria (MARX, s/d, p.319).

Nas comunidades dos imigrantes, existiam sujeitos que já haviam participado de movimentos operários na Europa, e que organizavam grupos, espalhando seus ideais e táticas de luta; incitando-os a não aceitar a exploração da mão-de-obra . No que se refere ao movimento operário,

> [...] cabe observar seu desenvolvimento no decorrer da Primeira República, sob a égide das idéias socialistas, na década de 1890, anarquistas (libertárias) nas duas primeiras décadas do século XX [...] (SAVIANI, 2005,p.23)

e somente nas décadas seguintes do comunismo.

O anarco-sindicalismo foi um destes grupos que teve seu início, no Brasil, durante as duas primeiras décadas da Primeira República. Este movimento era direcionado por imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, que engrossavam as fileiras do operariado paulista. Assim, o anarco-sindicalismo se tornou a corrente mais importante do movimento operário, chamando a atenção para a importância da formação dos sindicatos, enfatizando a luta econômica sobre a luta política.

> Tudo isso transformou a formação da classe operária de um processo incipiente e socialmente insignificante no principal vetor da mudança da sociedade brasileira. Em lugar de senhores e escravos ou fazendeiros e colonos ou agregados surgiram duas novas classes sociais: burguesia e proletariado. O desenvolvimento econômico tomou, a partir dos anos 80 do século passado[41] , a forma de desenvolvimento do capitalismo, ou seja, de relações sociais de produção em que o controle e a direção do processo de produção se concentrou nas mãos de uma classe de capitalistas industriais e a execução do mesmo processo passou a ser encargo de uma classe de trabalhadores assalariados "puros", quer dizer, cuja sobrevivência dependia exclusivamente de seus ganhos salariais (SINGER, 1985, p.56).

O anarco-sindicalismo também foi um movimento importante na Espanha, precisamente entre o proletariado industrial de Barcelona. Sendo

---

[41] Referindo-se ao Século XIX.

assim, o ideal de educação de Ferrer acompanha estes imigrantes que se dirigem ao Brasil. Tornando-se então, o pensamento educacional apregoado pelas escolas libertárias e seus jornais, os quais tinham um caráter fortemente didático, à medida que pretendiam educar o trabalhador e prepará-lo para a revolução futura quando as atividades da sociedade seriam controladas pelos sindicatos dos trabalhadores e o Estado seria abolido.

2.1. O TRABALHO URBANO: São Paulo no início do século XX.

A economia brasileira se diversificava e se desenvolvia, e o mesmo ocorria com o emprego de mão-de-obra imigrante. Este fato fazia a produção cafeeira aumentar, o país se industrializar e a população das cidades crescer. Entretanto, a grande oferta de mão-de-obra - política esta anteriormente engendrada pelos coronéis do café a fim de manter um exército operário de reserva - fez com que ocorresse uma superprodução do produto, ultrapassando as necessidades de consumo e a procura para compra, ocasionando a queda dos preços e acúmulo de estoques que,"[...] em 1905, chegaram a atingir 11 milhões de sacas de 60 kg; o que representava 70% do consumo mundial de um ano" (PRADO JR, 1979, p.229).

Devido à crise cafeeira, os governos dos estados produtores iniciam uma política de diminuição das plantações cafeeiras, ocorrendo, assim, o êxodo rural motivado pela deteriorização do preço do café e a falta de trabalho nas lavouras.

Outro ponto que contribuiu para este êxodo foi o de que muitos dos imigrantes que se dirigiram às fazendas de café, não encontraram as condições de trabalho e de moradia prometidas pelos agentes de propaganda governamental que os haviam trazido para o Brasil. Este fato, acumulado às insatisfações com os pagamentos irrisórios recebidos pelo valor da colheita, a impossibilidade de adquirir ou manter uma pequena propriedade devido aos baixos salários e o crescente desemprego, faz com que eles se obriguem a retornar aos seus países de origem. Outros, entretanto, foram para a cidade de São Paulo, reforçando o suprimento de mão de obra, pressionando para baixo os salários daqueles que lá se encontravam.

Buscando uma saída para os problemas que enfrentavam com o café, os grandes produtores agrários paulistas, que haviam acumulado capitais, iniciam um processo de investimento em outras atividades econômicas, investindo parte de seus lucros na indústria e aos poucos vão transferindo o centro da economia da agricultura para a indústria.

Dados obtidos em Silva, 1986, mostram que de 1907 a 1920 o número de empresas com cem, ou mais operários, passa de 70 para 147; e o número total de operários, por eles empregados, de 19.414 a 54.123.

Nos grandes centros urbanos, os imigrantes desprovidos de recursos, eram explorados por seus patrões, trabalhavam mais de dez horas diárias em seis vezes por semana, recebendo um salário apenas para a sua subsistência básica, viviam em cortiços miseráveis e sem condições higiênicas, sujeitos ao desemprego, a fome e a doença e sem uma legislação social ou trabalhista que os protegessem. Os imigrantes que possuíam algum capital, fundam pequenos empreendimentos comerciais e, levando um padrão de vida voltado ao mínimo para subsistência, vão acumulando fundos para posteriormente ampliarem suas empresas[42] (PRADO,JR. 1979).

As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo tornaram-se os maiores centros industriais do país, mas seus proprietários ainda adotavam procedimentos iguais ao da Europa do inicio do século XIX, no que se refere aos seus empregados: autoritarismo e impessoalidade nas relações, no entanto, era outra a imagem que os patrões tentavam afirmar; a do patrão como pai para seus operários.

Através da imprensa por eles controlada, desfiavam atos de generosidade que funcionavam como medidas de controle social do operariado que projetava em seu imaginário um pensamento de naturalidade ao fato de estarem recebendo “prêmios” por seu bom comportamento e não justos salários.

> A imprensa já deu a conhecer, no seu devido tempo, o gesto de munificiência[43] do Senhor Conde Matarazzo, e os jornais de domingo dão a conhecer o do Sr.Grande Of.Rodolfo Crespi.Este, festejando uma data íntima, distribuiu por entre os

[42] “Matarazzo começa como importador de óleos alimentares, farinha e arroz. Os irmãos Jafet, Crespi, Diederichsen, também começam no setor de importação.” (SILVA, 1986, p.96)
[43] Ato ou qualidade de ser munificente; generosidade, liberalidade.(AURÉLIO, S/D, P.955)

> seus operários a grande soma de 250 contos, em forma de prêmio [...] assinalamos que não parou por aí a generosidade do grande industrial, pois distribuiu mais 50 contos por entre estabelecimentos de caridade.O Sr.Conde Matarazzo e o Sr.Grande Of.Crespi, por duas formas diversas, mostraram ao seu pessoal obreiro que o patrão é mais alguma cousa que patrão – é amigo e, digamos , um pouco pai dos que trabalham ao seu lado.V.Sas. saberão compreender o alcance destes gestos nos meios operários (CENTRO DOS INDUSTRIAIS DE FIAÇÃO E TECELAGEM apud PINHEIRO, HALL, 1981, p.208).

A vida destes trabalhadores iria determinar sua consciência (MARX, 1979). A ideologia da classe dominante seria colocada como sendo de interesse comum e verdadeiramente válido para trazer o bem estar a todos os membros da sociedade.

Não eram somente os homens que eram atingidos por tais idéias e procedimentos, mulheres e crianças também ocupavam lugar no operariado, e este fato fazia com que o nível do salário do homem adulto abaixasse e assim poucos conseguiam obter um salário que fosse suficiente para prover suas famílias.

> No início do século, em 1901, há um grande número de crianças de 9 a 11 anos, trabalhando de dia e noite.Constata-se , inclusive, o número considerável de crianças de cinco anos em fábricas de São Paulo .Os menores de dezoito anos provavelmente constituem a metade do total dos operários industriais [...] (PINHEIRO, 1997,p.144)

Para melhor se apropriarem do trabalho desenvolvido pelas crianças - que chegava a trabalhar treze horas diárias - máquinas eram especialmente adaptadas ao seu tamanho, isto é, apresentavam um tamanho reduzido ao restante das máquinas da fábrica e que eram usadas por adultos.

O trabalho feminino em São Paulo superava os Estados do Sul e do Rio de Janeiro. As trabalhadoras recebiam menos que os homens, barateando a mão de obra e rebaixando o salário em geral. Além disso, estudos desenvolvidos, a mando dos industriais da época, levavam a crer que o trabalho feminino seria mais conveniente porque as mulheres são dóceis, pacientes, mais atentas ao serviço, não fumam e não tem aspirações financeiras. (PINHEIRO, HALL, 1981).

Sem uma legislação trabalhista que defendesse estes operários, trabalhava-se com os regulamentos colocados por cada uma das fábricas, onde a disciplina rigorosa fazia com que operários pudessem ser multados por seus erros e perdessem parte de seu salário minguado a fim de pagar esta multa. As crianças, além do citado acima, também poderiam receber castigos corporais.

Férias, descanso semanal remunerado, direito a licença para tratamento de saúde, indenização por acidentes de trabalho, jornada de oito horas semanais não eram termos conhecidos por estes operários no início do século XX.

As condições de vida destes trabalhadores eram muito difíceis, os custos alimentares consumiam a maior parte de seus salários. A I Guerra Mundial, que durou de 1914 a 1918, agravou a inflação que já ocorria nos preços dos gêneros alimentícios no Brasil. Os produtos importados sofreram alta e os produtos produzidos no Brasil foram exportados para atender a população européia. Assim, o povo pagou mais pela alimentação, mas a indústria se beneficiou com o baixo custo da mão de obra que, para sobreviver, se via obrigada a aceitar o que lhes era oferecido como salário.

Os aluguéis ajudavam a consumir a parte restante dos parcos salários. A maioria dos operários vivia em cortiços. Dentro deles, uma série de pequenas casas úmidas, pouco ventiladas e escuras, de aproximadamente três por cinco metros de tamanho, era habitada por uma média de oito a nove pessoas. (Idem, 1981). Os operários que moravam em São Paulo no início do séc.XX , não tinham nenhum conforto

> [...] nesta opulenta e formosa capital. Os bairros em que mais e concentram por serem os que contêm maior número de fábricas, são os do Brás e Bom retiro. As casas são infectas, as ruas, quase na totalidade, não são calçadas, há falta de água para os mais necessários misteres, escassez de luz e de esgotos (BANDEIRA JR. apud PINHEIRO, HALL, 1981, p.31)

Alguns industriais, considerados modernos, construíam vilas operárias para servir seus operários, com um armazém onde os trabalhadores faziam suas compras e pagavam com o desconto das despesas em seu salário.

Algumas destas vilas contavam com igrejas e creches e ambas tinham um interesse velado: a primeira tinha o objetivo de assegurar a docilidade do operariado e a segunda fixar os trabalhadores na fábrica permitindo assim que as operárias trabalhem com mais eficiência.

FIGURA 12[44]

Fonte:Jornal “A Plebe”, s/d, AEL – UNICAMP.

Porém, ao menor deslize do trabalhador quanto a sua conduta no trabalho, fazia com que ele perdesse este benefício, tendo que pagar uma quantia estabelecida por cada dia que habitasse a casa após ter sido despedido; bem como quitar imediatamente sua despesa no armazém, exatamente como os colonos nas fazendas. Estes “benefícios” tornaram-se, na verdade, instrumentos de controle da classe dos operários que lhe servia.

Os salários eram frequentemente não pontuais e minguados. Descrevendo sua penúria um operário relatou que

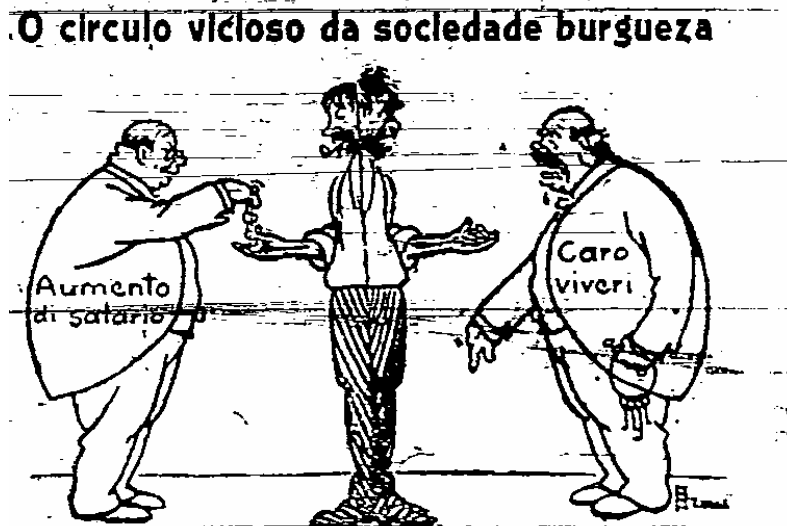
[44] O texto relata: *“Logo que foi declarada a gréve na Companhia Docas de Santos, a poderosa empresa mandou despejar todos os trabalhadores que habitavam os barracões infetos de sua propriedade, pretendendo com este ato brutal e deshumano, abafar o grito de fome do operariado. Assim procedem todos os tiranos até que um dia o rude trabalhador, num gesto viril de revolta, conquiste o direito de viver para todos.”* (A PLEBE, s/d).

> [...] com cinco anos que tenho na empresa, faz apenas seis meses que comecei a ganhar 0,90 de dólar por doze horas de trabalho diário. Tenho família: são cinco bocas que me pedem diariamente pão. Pago por aluguel da casa 7 dólares. Gasto de passagem de trem 3.80 dólares. Trabalhando 30 dias, consigo ganhar 26 dólares por mês. Descontando os 10.80 dólares pelo aluguel da casa e passagem do trem, me sobram 15.20 dólares para manter minha família. Dado o salário miserável que recebo, estamos obrigados pela manha e no jantar a tomar só café com pão. Nosso almoço, invariavelmente, se constitui de feijão, arroz e carne seca (EL TRABAJADOR LATINO AMERICANO apud PINHEIRO, HALL, 1981, p. 135,136).

FIGURA 13

O circulo vicioso da sociedade burgueza

Aumento di salario

Caro viveri

Fonte: Jornal "A Plebe" , s/d, AEL - UNICAMP

Impossibilitado de cobrir as despesas, os trabalhadores frequentemente se viam obrigados a realizar empréstimos, endividando-se com o dono da fábrica, que dava o dinheiro na condição de que o trabalhador não abandonasse a fábrica até saldar as suas dívidas. Como isto era muito difícil, as dívidas só aumentavam, aprisionando o operário à fábrica. Assim, ele passava na condição de "escravo" até que pudesse pagar suas dívidas.

Pode-se perceber que muitas das medidas adotadas para resolver os problemas dentro do ambiente rural passaram a ser aplicadas no meio urbano, a fim de nortear a relação entre os operários e os donos de fábricas.

As indústrias que mais se desenvolveram no período foram as têxteis, seguidas pelo setor metalúrgico. As lutas dos operários por um melhor salário e melhores condições de trabalho, eram particularmente difíceis nestas empresas; seus empresários eram unidos e intransigentes quanto a mudanças e seus empregados, que eram constituídos na maioria de crianças e mulheres, não se mostravam organizados na luta por melhores condições de trabalho.

Os imigrantes operários das fábricas percebem a necessidade de haver uma maior organização nas lutas proletárias brasileiras, da mesma maneira que ocorria já há algum tempo na Europa. Assim, são organizados sindicatos e fundados jornais que espalham seus ideais e apóiam as lutas mediante greves.

> O movimento operário brasileiro recebe de herança toda a experiência do proletariado europeu. Ideologias e formas de organização são trazidas nas "malas" dos imigrantes e semeadas por todos os núcleos, difundidas por todos os cantos. Desde a segunda metade do século XIX defendem-se os diversos modelos de socialismo, organizam-se os sindicatos de auxílio mutuo e outros, desencadeiam-se greves e fala-se que a união da classe operária é fundamental. Os jornais em língua alemã, italiana, espanhola, circulam pelos Estados, e a ligação com os países estrangeiros permite ao operário atualizar-se com os recentes acontecimentos, a s novas obras, as revistas e os jornais do momento (CARONE, 1989, p.29).

Apesar da efemeridade da maioria dos sindicatos, devido às más condições de vida do operário, das dificuldades de adesão decorrentes da pressão patronal e o medo da repressão policial[45], a corrente que mais se destacou nos dois primeiros anos da Primeira República, foi o anarco-sindicalismo, capaz de apresentar líderes operários e de arregimentar pessoas de diversas nacionalidades, já que o internacionalismo era um dos fatores que fazia deles parte de um movimento maior, com laços, principalmente, na Espanha, Itália e Portugal.

---

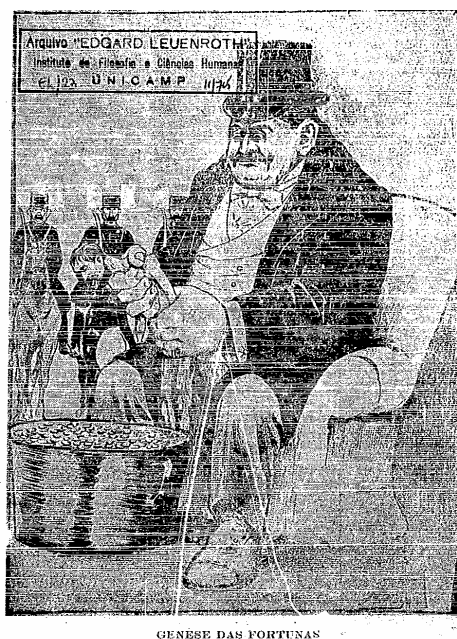
[45] Desde a primeira década da República, o Estado e as classes dominantes atribuíram à ação de estrangeiros as manifestações de descontentamento e de protesto do movimento operário. Os militantes anarquistas ou anarco-sindicalistas, apesar das garantias constitucionais aos cidadãos, eram considerados criminosos comuns e como tal sujeitos a um estrito controle por parte do aparelho policial sendo perseguidos, processados e expulsos por serem propagandistas ardentes e sinceros do socialismo anarquista." (BUENO apud PINHEIRO,HALL, 1981, p.241)

2.2. O ANARCO-SINDICALISMO NA CAPITAL PAULISTA

A concentração da classe operária em centros urbanos e a exploração sem medidas que o capitalismo impunha através da industrialização, fez com que movimentos operários surgissem e fosse delineada uma consciência de classe.

O sindicalismo passou a ser o porta - voz de ideologias de protesto e contestação à ordem vigente, e, por isso, o sindicato existiu sempre muito ligado ao movimento operário, pois acreditavam que, somente unidos, os trabalhadores teriam força para negociar sua força de trabalho, impedindo que fossem obrigados a aceitar as exigências do capitalista - dono dos meios de produção.

FIGURA 14

A gênese das fortunas.

Fonte:Jornal “A Plebe”, 16/06/1917, AEL - UNICAMP

Uma das correntes do anarquismo, o anarco-sindicalismo, aproximou-se do sindicalismo revolucionário[46] - inspirado pela Confederação Geral do

[46] O sindicalismo revolucionário, que prospera na década anterior a 1914, sugere como o próprio nome indica, um casamento entre revolucionários sociais extremados e a militância sindicalista descentralizada, associada em variáveis graus ao movimento anarquista. Floresceu, fora da Espanha, principalmente como ideologia de algumas centenas ou de milhares de militantes sindicalistas proletários e de um punhado de intelectuais [...] (HOBSBAWM, 1998, p.193)

Trabalho Francês através da Lei sindical francesa de 1884, e, com ele, pretendia acabar com a injustiça social através da luta de classes e levar o proletário à revolução, que deveria suprimir o Estado e ter no sindicato, a base da nova ordem social que seria então auto-gerida pelos trabalhadores. Bakunin, um importante líder anarquista chamou a atenção da importância do "[...] trabalho dos anarquistas nos sindicatos como organização natural das massas e como único instrumento de guerra verdadeiramente eficaz" (FAUSTO, 1977, p.65).

O sindicato, na visão dos anarco-sindicalistas, seria o órgão responsável pela distribuição de bens, articulação do processo de auto-gestão, melhoria nas condições de vida do operariado e sua emancipação social. Isto seria obtido através de um programa de propaganda educativa e organizacional, que iria "[...] educar, organizar e disciplinar o operariado em um Partido de Trabalho, para que pudessem fazer frente à coalizão capitalista e depois reorganizar a sociedade [...]" (SFERRA, 1987, p.11).

Suas estratégias de luta consistiam de ação direta, auto-gestão e solidariedade entre os trabalhadores.

A primeira visava criar condições favoráveis aos trabalhadores de uma maneira rápida, sem intermediários, sem compromisso político e sem ligação com o governo – "O que interessa ao proletário é buscar seus direitos, lutar contra a classe dominante, não ter peias políticas e institucionais com a burguesia" (CARONE, 1989, p.41) - utilizando os meios que lhes estivessem disponíveis: a sabotagem e principalmente a greve geral ou parcial, que foram instrumentos da ação direta freqüentemente utilizada pelos anarco-sindicalistas.

> Instrumento privilegiado, a greve geral surge como arma reivindicatória e premonição do ato emancipatório final: a "greve única, mundial, precursora do grande cataclismo de que brotará a sociedade nova, liberta de privilégios e opressão" . A sabotagem assume as formas de queda de ritmo de trabalho, da produção deliberadamente defeituosa, da destruição das máquinas (FAUSTO, 1977, p.77).

Acreditavam que a auto-gestão extinguiria a figura do patrão e faria dos trabalhadores os proprietários da empresa que seria administrada pelos

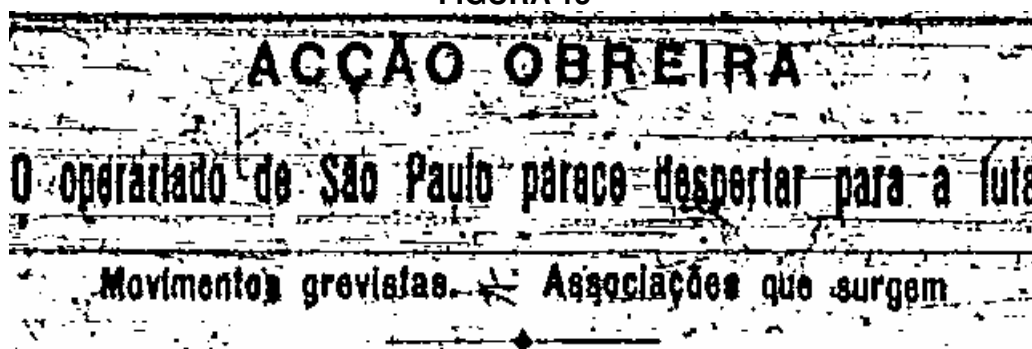
próprios operários, sendo que todos poderiam participar das decisões administrativas igualitariamente. A terceira vinha dos princípios gerais anarquistas; a individualidade, a consciência do militante deveria ser respeitada, e sua participação, voluntária.[47]

> O anarco-sindicalismo não tem uma doutrina ou filosofia própria. Tem um conteúdo que é extraído dos princípios libertários. Não é nada mais que a autogestão [...] Leva sempre em consideração a personalidade individual do filiado, estimulando a sua participação voluntária na vida social - unidades vivas e conscientes dentro do movimento era como Edgard Leuenroth chamava os militantes. Praticando a descentralização procura eliminar toda burocracia. Praticando a autonomia desenvolve o máximo de liberdade a partir do indivíduo na secção sindical e em todas as instâncias até a confederação, desenvolvendo a solidariedade (CUBERO, 2004, p.23).

FIGURA 15[48]

ACÇÃO OBREIRA

O operariado de São Paulo parece despertar para a luta

Movimentos grevistas. — Associações que surgem

Fonte:Jornal " A Plebe" Jornal " A Plebe" 09/06/1917 - AEL- UNICAMP

A partir de 1903 o movimento anarco-sindicalista começou a se desenvolver intensamente no Brasil. Foram fundadas agrupações,

---

[47] O jornal " A Plebe" traz dois artigos onde lista os princípios anarquistas.Estes artigos se encontram nas edições dos dias 17/03/1919 e 21/10/1919.

[48] Extrato da reportagem a respeito da formação de associações de resistência na capital paulista*: [...] Alguns movimentos grevistas já se manifestam, ao mesmo tempo que se vae tratando de constituir associações de resistência e de ascentuada luta social .Dando execução ao seu programa o Comitê Popular de Agitação contra a exploração dos Menores Operários tem promovido reuniões em vários bairros com o fim de organizar as ligas operárias que muito em breve reconstituirão a União Geral dos trabalhadores.Os trabalhos neste sentido prosseguem e é de se esperar que no mais breve tempo possível, o Proletariado de São Paulo possa dispor de uma potente organização de luta para fazer frente com vantagem aos miseráveis que, pavoneando-se estupidamente com títulos e commendas, comprados a título de ouro vão acumulando fortunas colossais a custas de indefesas crianças, de pobres mulheres, da velhice alquebrada e de uma multidão de homens a quem a miséria contínua do seu triste viver amorteceu a dignidade e a altivez*(A PLEBE, 9 de junho de 1917).

associações, uniões operárias e sociedades de resistência neste período. Contudo, em nosso território, ele se constituía mais uma prática que uma teoria, não sendo nem mesmo chamado da maneira que atualmente conhecemos, (IDEM, 2004), não se distinguia anarquistas de anarco-sindicalistas, mesmo que estes tivessem algumas divergências entre si. A ambos era comum à idéia da queda do capitalismo frente ao poder da ação direta desenvolvida pela classe trabalhadora, a diferença estava somente na forma da ação.

> Para os anarquistas, ela se realiza mediante o trabalho de **educação política** do proletariado; este **espontaneamente** fará a revolução. Para os anarcossindicalistas, a ação direta passa pela **educação e organização**, experimentando, preparando, medindo forças, para que os trabalhadores cheguem à **greve geral revolucionária** e expropriadora da burguesia (SFERRA, 1987, p.17, grifos nossos).

Esta visão diferenciada fazia com que estes grupos não estivessem unidos o suficiente para implantar seu pensamento libertário na sociedade burguesa; alguns grupos anarquistas criticavam a posição dos anarco-sindicalistas, considerando-os reformistas e não revolucionários, pois diziam que estes procuravam uma melhoria econômica de seus militantes e apregoavam que, nas lutas dos anarco-sindicalistas, as exigências se tornaram mais próximo às reivindicações que demandavam que o Estado cumprisse seu papel, do que a luta pela sua destruição, conforme os preceitos do anarquismo. (PINHEIRO, 1997)

Em um artigo intitulado “Idealismo e materialismo”, Malatesta, um grande militante do movimento anarquista, escreveu:

> Dirijo-me a gente sincera, e especialmente, aos militantes do movimento social libertário que se mostram preocupados por verificarem que a atividade para a obtenção de melhoramentos econômicos imediatos acabou por absorver toda a energia da organização operária a ponto de anular a tendência para a luta em prol da transformação social [...] (MALATESTA apud LEUENROTH, 1963, p.43)

Uma segunda questão de desacordo era que, para os comunistas libertários, os anarco-sindicalistas deveriam se preocupar também com os sujeitos que estavam fora da ação sindical, pois o anarquismo deveria se estender a todos os homens e, os sindicatos não deveriam se restringir a reivindicações imediatas, esquecendo que a meta final do movimento não era melhorar a sociedade capitalista e sim mudá-la por completo, implantando uma nova ordem social. (MALATESTA apud WOODCOCK, 1981). Assim, para os anarco-comunistas, as greves parciais lideradas pelos anarco-sindicalistas, embora justificáveis, não levariam à revolução, mas sim permitiriam apenas melhorar as condições da classe trabalhadora. (SFERRA, 1987).

"Para os líderes trabalhistas, o grande número de greves mal sucedidas indicava a necessidade de melhor organização".(DULLES, 1973, p.27) A situação da necessidade de união no movimento aparecia no jornal " A Plebe" com através das seguintes indagações:

> *Será possível a concentração de todas as forças proletárias para um fim único de immediato alcance? Anarchistas, socialistas, syndicalistas poderão constituir um único organismo revolucionário sem que haja na luta dispersão de energias ou esforço contraditório?[...] Divididos pelas divergências doutrinárias e differenciados essencialmente pelos methodos de luta, os elementos da vanguarda, nas contendas sociaes, neutralizam seus esforços, falando às multidões linguagem diversa, exaggerando num ou no outro sentido* (A PLEBE,05/04/ 1917).

Neste mesmo artigo o autor anteriormente mencionado, comenta sobre a ação dos sindicalistas:

> *Os syndicalistas, por sua vez, tendo posto no começo, a política fora da porta das associações de classe, recusando-se a servir de vehiculo aos manejos eleitoraes, recusavam-se também a firmar um programa político e econômico que ultrapassasse o seu reformismo proletário, que se conservava simples reformismo, mesmo quando appellava para a acção direta* (A PLEBE, 05-04-1919).

Outro obstáculo que encontravam para organizar-se eram os diferentes idiomas dos imigrantes, pois

> [...] não é preciso dizer que a dificuldade de comunicação verbal separa os indivíduos, o mesmo podendo acontecer com pessoas do mesmo país quando usam dialetos.A língua torna-se, assim, fator de distanciamento entre indivíduos [...] (CARONE,1989, p.48).

Porém pode-se dizer que estas associações operárias foram importantes pelas pequenas conquistas diante das dificuldades pelas quais passava o operário, por serem o único recurso de que eles dispunham naquele momento histórico e por "[...] despertarem iniciativa e coragem, levando os operários a agir por conta própria, unindo-os e ensinando-os a viver sem tutela" (SFERRA, 1987, p.24).

As manifestações anarco-sindicalistas, dos primeiros anos do século XX foram curtas e algumas conseguiram vitórias parciais; mas, na maior parte das vezes, foram severamente sufocadas pelo sistema do Estado representado pela polícia, o órgão que , de acordo com Washington Luis[49], era o principal responsável pela questão social, já que este afirmava ser a questão social, no Brasil, uma questão de polícia.

Em abril de 1906, foi realizado, sob a influência do movimento anarco-sindicalista, o 1º Congresso Operário Brasileiro, no Rio de Janeiro, quando muito se discutiu e algumas decisões foram tomadas:

> 1.Fundar a COB (Confederação Operária Brasileira);2. fundar o periódico A Voz do Trabalhador; 3. suprimir de todas as organizações operárias toda forma de atuação política-partidária; 4. organizar as mulheres nos sindicatos;5. não admitir função remunerada para postos de direção, salvo em caso de necessidade absoluta e no caso, o salário não deveria ser maior que o normal da profissão e dar sempre preferência aos militantes inutilizados pelo trabalho; 6. não conceder títulos honoríficos e de distinção de nenhuma classe; 7. não admitir sócios não operários; 8. levar a luta pelas 8 horas de trabalho diário; 9. combater o militarismo e 10.lutar pelo recebimento em dia dos salários (CUBERO, 2004, p. 7- 8).

Neste mesmo congresso, é aprovada a realização da primeira greve geral dos trabalhadores, a ser realizada em São Paulo, no dia 1º de maio de

---

[49] Washington Luís foi o prefeito do município de São Paulo (1914-1919), governador do mesmo 91920-1924) e Presidente da República (1926- 1929). (CALDEIRA et all, 1997)

1907, a fim de obter a exigência de 8 horas de trabalho[50] , sem diminuição nos salários.

Esta greve atinge vários ramos de produção: mecânicos, marmoristas, varredores de rua, trabalhadores do correio, ourives, pintores, jardineiros, tecelões, com a participação de homens, mulheres e crianças, em diferentes cidades do Estado de São Paulo

Mesmo após os operários terem conseguido negociar com seus patrões a respeito da jornada de 8 horas e findar a greve que durou por volta de um mês entre inícios, paradas e reinícios (DULLES, 1973), muitas vezes ela foi retomada, uma vez que os empresários, após terem cedido ao pedido dos operários e os fazerem voltar ao trabalho, queriam voltar ao horário antigo, fazendo assim com que a paralisação fosse reiniciada.

> A história do movimento operário nos anos 1890 – 1920 é uma sucessão de derrotas não tanto pela ocorrência de uma sistemática negação a qualquer concessão á cidadania social, mas pelo fato de que tais concessões, conquistadas através dos movimentos coletivos, não encontraram um campo normativo de institucionalidade. Arrancadas no combate direto classe a classe, deixam de ser reconhecidas por qualquer instância da sociedade e seguem o movediço destino deste combate. Assim se explica em parte a longa seqüência de direitos alcançados com grande esforço, para serem negados logo em seguida, como um magro produto cumulativo (FAUSTO, 1977, p.245)

Porém, mesmo com dificuldades de organização, continuidade, e a promulgação da Lei Adolfo Gordo, em 05 de janeiro de 1907, que previa a deportação daqueles que eram considerados agitadores e indesejáveis pelo governo e as grandes investidas da polícia sobre os operários, o movimento anarco-sindicalista obteve uma importante representação para classe proletária no período, pois estava sintonizado e representava "[...] mais diretamente os interesses do proletariado brasileiro que qualquer outra forma de sindicalismo [...]" (MARAN, 1978, p.63). Devido a isso, são perseguidos pela pelo poder Estatal; espancados, encarcerados e despedidos do emprego (DULLES,1973,p.27).

---

[50] Já que em muitos casos o horário de trabalho poderia chegar a 16 horas diárias.

Várias greves[51] são organizadas por este militantes, sendo que" [...] os anos 1913 até 1917 caracterizam-se por serem os de maior mobilização operária da primeira república" (CAMPOS, 1988, p.40).

Durante a Primeira Guerra Mundial, liderada pela Inglaterra e Alemanha, os preços dos gêneros alimentícios subiram muito. O que era importado tinha então um custo mais alto do que o normal, e o que produzido no país era exportado para atender os países europeus, deixando a classe proletária, com um poder aquisitivo muito baixo, à míngua, e os industriais cada vez mais ricos com suas exportações em alta. Os anos de guerra – 1914 a 1918- revelaram uma deteriorização das condições de existência da classe trabalhadora. (FAUSTO, 1977). Os preços por atacado de diversos produtos subiram

> [...] como o feijão e a farinha de mandioca.O trigo tornou-se escasso e caro.Embora fossem exceção os casos do arroz , do açúcar e do milho, seus preços já haviam subido verticalmente em 1915[52].Quase tudo custava mais caro que em 1914.Atribuiu-se o aumento do dobro nos preços dos calçados à procura do mercado externo pelo couro brasileiro." Se quero comprar um metro de cassa[53] para preparar uma roupinha para as crianças" queixa-se uma pobre viúva, " em ligar dos 300 réis que pagava antes, eu tenho que desembolsar 900 ou 1.000 réis (DULLES, 1973, p.39).

O manifesto assinado pelos representantes da Confederação Operária Brasileira, em 1915, traz um relato da carestia instalada no período:

> Nunca se atravessou aqui crise parecida com a atual. As fábricas, as oficinas estão paradas, e as que ainda não o estão, funcionam dois ou três dias por semana. Formam legiões os operários sem trabalho. Por outro lado, a carestia dos gêneros de primeira necessidade é cada vez mais acentuada. Atravessamos uma situação como jamais se viu.A miséria é agora a regra.Milhares de famílias proletárias passam fome.As ruas e as praças públicas estão cheias de famintos, de mendigos.à noite, pelos bancos dos jardins e pelas soleiras dos palácios, se estende toda uma multidão miserável, sem teto onde repousar.Os suicídios por motivo de miséria se repetem e aumentam diariamente (SODRÉ, 1983, p.316-317)

[51] Para maiores informações sobre as greves realizadas consultar FAUSTO, 1977.
[52] DULLES, 1973, p.39, traz uma cotação de preços por atacado(mil-réis) , 1916-1917.
[53] Tecido transparente de linho ou algodão . (AURÉLIO,s/d, p.242)

Não se pode esquecer que os anarquistas em geral, entendiam seu movimento como internacional e sabiam que no continente europeu, estes estavam sendo

> [...] anos de um grande ascenso revolucionário na Europa, que põem em risco a ordem capitalista [...] De um extremo a outro do espectro de classes capitalistas têm-se a noção de viver um momento decisivo. A luta pela obtenção da cidadania social importa, nas condições da época, em um direto choque contra o Estado (FAUSTO, 1977 p.171)

Na Europa, a população civil européia também se manifestava contra a guerra através de greves. Os trabalhadores haviam começado a compreender que a guerra não era dirigida aos seus interesses e sim aos da classe dominante, que queria uma nova partilha do mundo, a espoliação do Oriente, uma nova distribuição das colônias e hegemonia mundial a fim de aniquilar qualquer concorrência industrial, comercial e financeira que houvesse.

Seguindo o princípio de internacionalismo defendido pelos libertários, o ano de 1917 foi repleto de greves também por todo o Brasil: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará, Mato Grosso, Bahia, São Paulo, a insatisfação crescia a passos largos, um clima de revolta e de agitação desmascarando a miséria em que vivia o operário que era destinado a transformar seu trabalho

> *[...] em ouro, em vil metal que corre em correntes caudalosas para os cofres dos negreiros do Capital e do Estado, operando-se este milagre pelo talismãn da exploração e do imposto. Ao lado dessa incalculável acumulação de riquezas que são esbanjadas na depravação e no vício, no jogo, na embriaguez e na prostituição pelas casas abastadas e pelos funcionários públicos, existe um proletariado que não encontra com seu trabalho recurso algum para matar a fome de seus filhos. Este crime social é demasiado grande para que até os mais [...][54] não o vejam e não protestem contra elle .Daí provem , pois , o movimento de reinvidicação operária, as greves com sua conseqüências (A PLEBE,09/07/1917).*

[54] Esta palavra não se encontra legível.

FIGURA 16

O Brazil na Guerra – O último pedaço de pão

Fonte:Jornal “A Plebe” , 30/06/1917, AEL - UNICAMP

Em julho do mesmo ano, foi declarada aquela que seria a greve que mais atingiu as proporções esperadas pelo movimento anarco-sindicalista e a que mais contribuiu para que as questões do trabalho passassem a ser objeto de debate tanto pelo Estado quanto pela sociedade civil; a primeira greve geral realizada no Brasil.

FIGURA 17

Flagrante do movimento grevista.

Fonte: Jornal “A Plebe”, 28/07/1917 , AEL - UNICAMP

“Os sintomas de ativação das reinvidicações dos trabalhadores, após anos de profunda depressão, surgem em São Paulo nos primeiros meses de 1917, localizando-se no ramo têxtil” (FAUSTO, 1977p. 192), devido a uma resolução imposta aos operários, que prolongava o trabalho noturno. Estes exigem um aumento de salário de 20% para aceitar tal imposição.

Em nove de junho, cerca de quatrocentos operários entram em greve e aumentam a lista de reivindicações pedindo abolição de multas, regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores, modificação do regime interno da empresa e supressão da contribuição “pró – pátria” [55].

Crespi não aceita tais reivindicações e pára totalmente a fábrica, forçando os grevistas a voltarem ao trabalho. Outra indústria têxtil, a Estamparia Ipiranga, vivencia a mesma situação, mas, após dez dias, aceita as reinvidicações de seus operários que se dirigem aos companheiros do Cotonifício Crespi com ajuda material. Então, a solidariedade entre os trabalhadores começa a manifestar-se.

A greve avança e alcança outros setores, assim como a indústria de bebidas Antártica, cujos trabalhadores já haviam tentado entrar em acordo com seus patrões em questões de prolongamento de jornada de trabalho e suspensões por pequenas faltas, sem obter sucesso.

Militantes grevistas dirigem-se à fábrica têxtil Mariângela a fim de conclamar os operários a abandonar o trabalho, entretanto, um grupo de trabalhadores que não queria aderir à greve começa um tumulto e então se arma um conflito que é severamente contido pela polícia que avança sobre os grevistas com “[..] uma tropa da Força Pública, formada de 30 cavalarianos e 50 soldados armados de rifle [...]” (FAUSTO, 1977, p.194). Nesta ocasião, o sapateiro espanhol anarquista, Antonio Martinez, um rapaz de 21 anos de idade, é atingido por uma bala no estômago e morre no dia seguinte; muitos manifestantes são agredidos pesadamente e também acabam morrendo.

A morte deste rapaz e a agressão dos demais militantes durante o tumulto é o estopim do movimento que gerou a greve geral de 1917.

---

[55] Contribuição descontada dos salários dos trabalhadores de origem italiana para apoiar a Itália na Primeira Guerra Mundial. (Idem, 1977)

FIGURA 18

Antonio Martinez.[56]

Fonte: Jornal “A Plebe”, 21/06/1917, AEL, UNICAMP.

A greve se estendeu; 35 empresas com mais de 15.000 grevistas aderiram à greve por solidariedade as mortes ocorridas, entre eles os trabalhadores das empresas Mariângela e Estamparia Ipiranga.

O dia do enterro de Antonio Martinez, no dia 11 de julho de 1917, simboliza “[...] a passagem de uma grande greve para uma paralisação total da cidade, com a multiplicação de atos violentos.” (Idem, 1977, p.194), mais de 50 mil operários participaram da greve. O serviço de bondes, iluminação, padarias, comércio, todos estes setores aderiam, e a burguesia paulista foi tomada pelo pânico e a

> A gravidade da revolta provoca uma extensa mobilização militar, com o deslocamento de tropas do interior do Estado e o apoio federal, calculando-se que a 13 de julho em 7.000 o número de milicianos estaduais na cidade. Por determinação do Ministro da Marinha, dois navios de guerra partem do porto de Santos (FAUSTO, 1977, p.197).

Com a greve geral incitada pelos anarco-sindicalistas, o governo e os industriais resolveram negociar e, para tal, uma comissão de jornalistas da grande imprensa paulista serviu como intermediário nesta conversa, em que se

[56] O texto abaixo da figura diz: “José Martinez, o desventurado, companheiro, membro do Grupo Jovens Incasáveis, assassinado durante a greve”.

prometeu elevar os salários, melhorar as condições de vida dos trabalhadores, e não punir os grevistas caso estes voltassem normalmente ao trabalho. A greve foi então suspensa no dia 15 de julho do mesmo ano.

Isso, entretanto, não foi totalmente cumprido pelos industriais; todas as concessões foram provisórias, pois não havia interesse em melhorar a condição social, dos trabalhadores. Muitos patrões não cumpriram o acordo e algumas paralisações foram retomadas no ano de 1917 e nos anos de 1918 e 1919. Os jornais libertários continuaram a incitar os trabalhadores para que buscassem seus direitos e continuassem a luta.

> *A hora é decisiva! A burguezia enriquecida a custa do suor do povo; as classes parasitárias que se aproveitam das garantias de uma organização social deshumana, e os governantes, que gosam, banqueteiam-se e se divertem enquanto o povo soffre, não terão forças para resistir-vos na justa reinvidicação dos vossos direitos, se a vossa união sagrada effectivar, persistindo até a victória final.O mundo, perturbado e saccudido na sua evolução natural , pela fogueira ateada na Europa, está em vésperas de soffrer uma transformação.A velha sociedade, carcomida nos seus alicerces , não poderá agüentar o peso do furacão que passa.Estamos assistindo ao parto de um novo mundo em que reinará a justiça social.Explorados da terra! Não deserteis do vosso posto de combate. Sois a vanguarda do grande exército libertador, que há de escrever a página iluminadora da redempção humana. Sois os filhos do trabalho, que procurando assegurar o próprio direito a vida, reclamais pão para os vossos filhos e justiça para todos (A PLEBE, 21 de julho de 1917).*

Pelo fato de terem sido os intermediários nas negociações com o governo e os industriais, os gráficos surgem como dominantes entre os organizadores das greves e dos congressos operários anarquistas, “[..] quer via propaganda educativa, quer via educação e organização da classe”.(SFERRA, 1987, p.10) , pois sua “[...] profissão desenvolve a capacidade organizatória e o domínio do jornal como instrumento” (FAUSTO, 1977, p.95). Assim, dentro deste contexto, destacam-se as lideranças operárias.

2.3. O JORNAL "A PLEBE" (1917 – 1919).

As associações operárias conseguiram criar e manter uma imprensa alternativa que pudesse divulgar seus ideais e também manter o militante informado a cerca das ações que estariam sendo tomadas pelo movimento, visto que os libertários consideravam que a luta contra a exploração burguesa não se dava somente nas greves, nas ruas, nas fábricas, mas também pela imprensa e pela escola. Vários jornais proletários foram fundados nos grandes centros, assim como Rio de Janeiro e São Paulo, pois ali se encontrava um número significativo de fábricas[57], com o propósito de tornarem-se porta-vozes das reivindicações e pensamento do operariado, combater aos projetos da burguesia e formar o proletariado. Nesta época aparecem

> [...] aproximadamente 343 títulos de jornais espalhados pelo território brasileiro. Deste total 149 títulos encontravam-se no Estado de São Paulo, isto quer dizer que as publicações se concentraram, nos centros urbanos e apareceram principalmente antes das grandes paralisações, caracterizando o jornal como o principal instrumento de mobilização da classe operária (FERREIRA, 1978, p.107).

Os jornais que caracterizavam a grande imprensa paulista eram representantes do pensamento da classe dominante, a elite capitalista e o Estado burguês, e transmissores da sua ideologia que tinha como objetivo "[...] ocultar a dominação e as divisões sociais, dando-lhes a aparência de diferenças naturais, impedindo que idéias diferentes manifestem-se [...]" (ZANLORENSI, 2006, p.26) e assim assegurar interesses

> [...] como sendo o interesse comum a todos os membros da sociedade, ou exprimindo a coisa no plano das idéias, a dar aos seus pensamentos a forma de universalidade, a representá-los como únicos, razoáveis, os únicos verdadeiramente válidos (MARX, ENGELS, 1979, p.55)

[57] Para maiores informações a respeito de quais sejam este jornais consultar SODRÉ, 1983.

FIGURA 19

Capa do jornal “A Lanterna” n.1- 1901

a Lanterna

ORGAM DA LIGA ANTI.CLERICAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM 20.000 EXEMPLARES

ANNO I | São Paulo, 3 de Junho de 1901 Brazil | NUMERO 1

Fonte:Jornal “A Lanterna”, n.1, 1901, AEL - UNICAMP

Para os libertários, o jornal vem a ser o principal disseminador de seu ideal de emancipação social, possibilitando o desvelamento da exploração e da ideologia capitalista, e também o propagador dos meios que os trabalhadores poderiam agir: greve, boicote, sabotagem e atos de protesto que levaram à greve geral revolucionária e expropriadora da burguesia e ao surgimento da “[...] nova sociedade anárquica, livre e igualitária” (SFERRA, 1987, p.21)

Um jornal proletário, dentro do ideal anarquista, deveria manter fortemente o compromisso do redator com a “verdade” dos fatos e o desvelamento da ideologia colocada pela classe dominante, este jornal se tornava então como “[...] o cão-de-guarda público, o denunciador incansável dos dirigentes, o olho onipresente, a boca onipresente do espírito do povo que guarda com ciúme sua liberdade” (MARX, 1980, p.68) e seu dever seria “[...] tomar a palavra em favor dos oprimidos a sua volta [...] O primeiro dever da imprensa, portanto, é minar todas as bases do sistema político existente.” (Idem,1980, p.70).

O jornal “A Plebe”, de direcionamento anarco-sindicalista, foi um periódico de grande importância para a militância anarquista no período, tendo seu primeiro número editado no auge das manifestações que levaram à greve

geral, no dia 09 de junho de 1917 [58]. Este periódico surgiu da necessidade de unir o trabalhador, conscientizar o povo e combater as péssimas condições de vida a que os operários estavam sendo submetidos naquele momento histórico, a fim de que estes se unissem no órgão máximo de reivindicação dos trabalhadores, o sindicato revolucionário.

> [...] Seus editores Edgar Leuenrouth e Florentino de Carvalho, veicularam no periódico principalmente artigos que conclamavam o operariado à mobilização política e à sindicalização. A ordem era fazer greves, boicotar a produção, boicotar o consumo de determinados produtos, lutar por melhores salários, pela diminuição da jornada de trabalho. Enfim, em 1917, a luta, a formação do trabalhador, a constituição da sociedade ácrata passavam ou deveriam passar diretamente pelos sindicatos (GONÇALVES, 2002, p.27)

Defendendo o proletariado, o jornal “A Plebe” acreditava manter uma ideologia em consonância com os ideais do grupo que representava, fazendo assim uma “[...] crítica da ideologia da classe dominante a partir de uma posição de classe diferente, ou - por extensão, de um diferente ponto de vista ideológico [...]” (BOTTOMORE, 2001, p.186), impedindo que a burguesia, o Estado e a Igreja pudessem

> [...] representar o seu interesse como sendo o interesse comum a todos os membros da sociedade, ou exprimindo a coisa no plano das idéias, a dar aos seus pensamentos a forma de universalidade, a representá-los como únicos, razoáveis, os únicos verdadeiramente válidos (MARX, ENGELS, 1979, p.57)

Já em seu primeiro número, o jornal trouxe em seu editorial, uma mensagem onde se colocava como eco

---

[58]È interessante lembrar que o jornal “A Plebe”, vem para substituir o jornal anticlerical“ A Lanterna” no momento de intensificação das lutas sociais.No primeiro número do jornal“ A Plebe” , Edgard Leuenroth, seu editor na época, explica esta transição*:”[...] apesar das tremendas dificuldades dominantes aparece A Plebe em substituição a A Lanterna que, tendo surgido com um título tradicionalmente anticlerical, para dar combate ao clericalismo, apresentou-se sempre com uma feição mais ampla, atacando o padre e a Igreja na sua razão de ser, como elementos perniciosos alliados perennes dos dominantes [...] A Plebe vem por isso, para corresponder de maneira mais completa, á magnitude deste extraordinário momento histórico por que está atravessando a humanidade”* (A PLEBE, 09- 06- 1917).

> *[...] permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa plebe imensa que desde os seringaes da Amazônia aos pampas sulinos, em terra, no mar, nas escuras galerias do sub-solo, nos ergastulos industriaes ou nos ínvios sertões vive sempiternamente a mourejar, em condições de escravos modernos, para manter na opulência os ladrões legaes que aqui, em má hora, viram a luz do dia, ou, como aves de rapina, aportaram de outras paragens* (A PLEBE, 09/06/1917).

Também neste mesmo número, o jornal chamou a atenção dos leitores para a ideologia presente num jornal burguês, inserindo-se no campo de luta entre a imprensa burguesa e a anarquista. Com o artigo "O pobre é um vadio?", em resposta a outro do Correio Paulistano intitulado "Em São Paulo só não ganha dinheiro quem não trabalha, só é pobre quem é vadio", o autor, Benjamin Motta do jornal "A Plebe", desvela o discurso da imprensa burguesa alienante, chamando a atenção dos leitores para a ideologia presente nas entrelinhas.

> *Pobres não são, como finge ignorar o Correio, somente os mendigos que esmolam pelas ruas. Pobres são todos os operários e trabalhadores rurais explorados pelos patrões, que lhe pagam somente o necessário para morrerem de fome. Pobres são todos aqueles que numa sociedade que repousa sobre o direito inviolável e sagrado da propriedade. Veem-se obrigados a alugar, por vil preço a força dos seus músculos ou da sua inteligência, em proveito exclusivo da burguesia capitalista e parasita que vive as custas do suor e dos esforços alheios.[...]Em São Paulo, afirma o Correio, só não ganha dinheiro quem não trabalha. {e justamente o contrário que se dá}. Em São Paulo, como em toda a superfície da terra, só ganha dinheiro quem não trabalha. O trabalhador industrial ou rural recebe apenas, em dinheiro, a ração alimentícia que lhe mantenha mais ou menos as forças, ração alimentícia muito inferior a que os patrões dão aos seus cavalos de trato e ao seu gado, porque os animaes custam dinheiro e o trabalhador humano, quando incapaz para o serviço ou velho, da-se-lhe um pontapé.[...] A fortuna acumulada disse o Karl Marx, e ninguém poderá demonstrar o contrário, é produto exclusivo do trabalho não pago.Logo quem trabalha, não ganha dinheiro, porque o lucro é todo do patrão, e o pobre não é um vadio é apenas uma vítima lastimável de uma péssima e detestável organização social* (A PLEBE, 09/06/1917).

FIGURA 20

Igualdade e fraternidade

Fonte:Jornal “A Plebe” n.1, AEL - UNICAMP

No pensamento libertário, a imprensa avançada - denominação dada aos jornais proletários - teria a condição de guiar o povo, educá-lo, formar um militante que não se deixasse levar pelo que era colocado nos jornais burgueses uma vez que os operários iriam entender que neles

> [...] as idéias das classes dominantes são apresentadas como universais, diante do seu interesse privado, há um mascaramento das contradições presentes no contexto histórico que impede a tomada de consciência da classe dominada [...] (ZANLORENZI, 2002, p.14).

Os jornais da imprensa avançada seriam, então, as principais ferramentas de propaganda das idéias libertárias. Propaganda esta que deveria convencer o operário da necessidade da ação, despertando a vontade espontânea do indivíduo conhecedor de sua real situação de explorado e assim alcançando a esperada ação revolucionária.

> Entre esses registros (que constroem a memória dos anarquistas), o jornal é um dos mais expressivos. Todas as tendências dentro do movimento usam-no como portador de suas propostas, como veículo de suas resistências, como meio de educação e informação do trabalhador (KHOURY, 1988, p. 32).

O jornal, editado em quatro páginas, dedicava a terceira para as notícias de greve e mobilização do operariado:

> *[...] O operariado gaúcho também começa a agitar-se [...] Em São Roque os tecelões tratam de se associar [...] Em Poços de caldas demonstração de solidariedade da Liga Operária Internacional [...] Em Pernambuco prepara-se uma greve reivindicadora [...] Em Parahyba várias corporações declaram-se em greve [...] Em Piracicaba funda-se amanhã a Liga Operária [...] Em Sabaúna movimento victorioso dos canteiros [...] A greve no Rio [...] Greve dos trabalhadores da Fiação Ferrez em Santa Maria [...] Constituiu-se a União Geral dos ferroviários [...] A união dos pedreiros e serventes em atividade [...] (A PLEBE, 04-08-1917)*

Contava com colaboradores de diferentes correntes libertárias para escrever suas matérias, muitas delas não assinadas por seus autores, porém seu principal colaborador e diretor por um longo tempo foi o gráfico Edgard Leuenroth, um militante anarquista que já havia dirigido outros periódicos[59] de caráter libertário, e fazendo destes jornais órgãos do movimento operário e meios de militância.

> Essa afirmação levada às últimas conseqüências leva alguns a admitirem "A Plebe", principal jornal editado por Edgard Leuenroth, como base das greves de 1917 em São Paulo e esse militante como " mentor intelectual" do " crime" cometido durante a parada (KHOURY, 1988,p.33).

Leuenroth e seus colaboradores dirigem a fala do jornal "A Plebe" a um sindicalismo revolucionário, questionador do sistema capitalista, das formas de autoridade e repressão; e esclarecedor da doutrina anarquista em seus diversos aspectos[60] .

---

[59] "O Boi", " A Lanterna "," O Trabalhador gráfico", " Folha do Brás" " Terra Livre" e jornais de associações de classes.

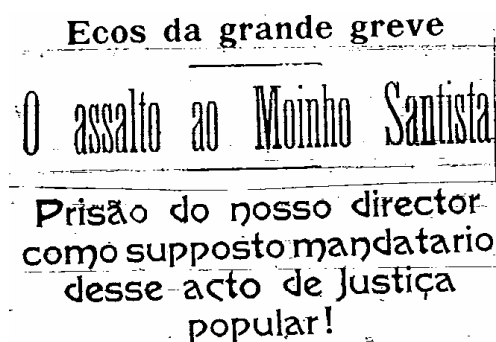
[60] *A Plebe* discutia os mais diferentes temas: o papel da mulher na revolução social e no funcionamento da sociedade anarquista, a educação burguesa e a educação proletária, o ensino racionalista, assim como divulgam práticas educacionais, peças teatrais, conferências, comícios, as propostas das escolas modernas e dos centros de estudos sociais, bibliotecas, etc. Divulgava, ainda, as greves operárias, buscando apoio aos grevistas, denunciando a atitude da polícia e a perseguição aos operários. (GONÇALVES, 2002, p.47)

No ano de 1917, “A Plebe” se caracterizava por ser um jornal semanal. Em todos os números deste ano, existe o apoio e estimulo ao movimento anarco-sindicalista. Devido a isso, em setembro deste mesmo ano, o jornal é empastelado pela primeira vez, alguns de seus membros são presos, e Leuenroth é acusado de ser o mandante do assalto ao Moinho Paulista. Mesmo assim, “A Plebe” se mantém, devido à ajuda de outro jornal anarquista: “O Combate”, que imprime o jornal em suas oficinas até outubro do mesmo ano. (Idem, 1988)

FIGURA 21

Ecos da grande greve

O assalto ao Moinho Santista

Prisão do nosso director como supposto mandatario desse acto de justiça popular!

Fonte: Jornal “A Plebe”, 22 /09/1917, AEL – UNICAMP.

A repressão ao movimento operário vê, neste mesmo ano, as deportações dos imigrantes relacionados com os sindicatos, a burguesia assim, se livra dos “indesejáveis”. Questionando a respeito da liberdade de pensamento, discurso tão em voga na fase de implantação da República, o jornal a “A Plebe” publica em 30 de outubro de 1917 o artigo: Contra a moderna inquisição republicana. Protesto dos deportados.

> *Nós os modestos operários paulistas deportados para fora do Brasil, por reclamarmos nossos direitos, que são os do povo productor, julgávamos que as leis do paiz fossem respeitadas pelos representantes do poder público. Sabíamos que a constituição nacional, em seu artigo 72 e outros, garante a todos os cidadãos, nacionaes ou estrangeiros as liberdades de reunião, de imprensa, de palavra, de greve, etc. Ao amparo da lei exercíamos nosso direito e liberdade.[...] As malditas violências de que somos alvo soffremol-as por julgarmos ingenuammente que o operariado no Brasil fosse gente, por entendermos que os governantes tivessem algum respeito pela lei, pela magna carta constitucional.Pateticamente fizemos uso dos direitos que a sociedade concede a todos os cidadãos, mas, agora pagamos as conseqüências de nossa candidez.Agora sabemos que fomos punidos sem ter*

> *commetido delicto nenhum e estamos convencidos de que o operariado no Brasil está fora da lei, que para elle não há garantias, que sobre sua cabeça pende o estado de sítio e o chanfalho policial.PARA QUE O OPERARIADO NO BRASIL SEJA LIVRE É PRECISO UM NOVO 13 DE MAIO! (A PLEBE, 30-10-1917)*

O mês de outubro de 1917 também viu acontecer a grande revolução socialista de outubro na Rússia, fato este que provocou uma forte onda de entusiasmo no mundo inteiro. A classe operária russa, juntamente com o campesinato pobre, apoiada pelos soldados e marinheiros sob a direção dos bolcheviques[61] derrotou o poder da burguesia e instaurou um novo tipo de Estado: o socialista soviético. Para o proletariado isso significava que a revolução poderia acontecer e a burguesia deveria ter cuidado com as ações que a classe dominada poderia levar a cabo.

> *Cuidado, oh vós que julgaes estar livres da vingança popular, abrigando-vos nos automóveis blindados, nas metralhadoras, nas bayonetas , nas ilha das cobras e nos navios fantasmas! Cuidado... A Rússia tinha Knuts,masmorras, forças, minas na Sibéria e muitas outras coisas.Olhae para o resultado do ensaio do povo russo; procure o Tzar e os Tzarinos*... (A PLEBE, 30/10/1917).

O jornal não consegue se manter devido aos vários empastelamentos realizados pela polícia que quebravam as máquinas e estragavam o material usado para a confecção do jornal, por isso, fecha as portas em 1918, voltando a circular somente em fevereiro de 1919, quando se torna um jornal diário.

Novos colaboradores fazem parte do corpo de escritores do jornal. Estes, decepcionados com o resultado da greve de 1917 e esperançosos devido a Revolução Russa, propunham novas estratégias de ação que não se limitavam apenas ao sindicato.

> Em 1919, é possível identificar dois grupos distintos em *A Plebe*. De um lado, os que acreditavam ainda na organização sindical como instrumento fundamental na luta contra a

[61] Partido Social – Democrata dos trabalhadores Russos. O nome da organização teve modificações ao longo da história, porém em 1917 este era o adotado pelo partido.Em maio de 1918 ele passou a ser chamado Partido Comunista Russo. (BOTTOMORE, 2001)

> burguesia para a constituição da sociedade futura. Esses eram os anarco-sindicalistas. Dentre eles, destacava-se Edgar Leuenroth que, como já afirmamos, escrevia com o pseudônimo de Demócrito. Por outro lado, os partidários do anarco-comunismo acreditavam principalmente no desenvolvimento de estratégias que permitissem o desenvolvimento intelectual do trabalhador (GONÇALVES, 2002, p.30-31).

A temática da conscientização do proletariado e do desvelamento do discurso ideológico apregoado pela imprensa burguesa ainda é uma tônica no jornal em 1919, pois os dois grupos estão convencidos da influência negativa e alienante que a leitura dos jornais burgueses poderia representar para os trabalhadores.

> *Há sempre entre o povo uma parcela de ingênuos dispostos a engolir as pílulas amargas, mas bem douradas, que os jornais da burguesia malevolamente lhe impingem. Por isso é preciso que estejamos alerta na barricada, para analisar, documentar, destruir as balelas que os nossos inimigos, que são os inimigos do povo, forjam contra nós* (A PLEBE, 19/07/1919).

Os libertários eram conhecedores da importância de se educar o militante. Eles entendiam ser necessário instruir o trabalhador, dar-lhe cultura e conhecimento, pois um povo sem instrução engoliria as "pílulas amargas" da imprensa, da ideologia e do discurso burguês. Para tal, iniciam campanhas de levantamento de fundos para a criação de escolas que atendessem os operários e seus filhos, afinal:

> *Que seria das classes privilegiadas e dos governos dilapidadores se Jeca Tatu*[62] *soubesse ler e tivesse a necessária coragem de procurar a Verdade entre as xaropadas literárias que lhe dão para ler?*(A PLEBE,19/09/1919).

O objetivo de educar o povo e os militantes do movimento anarquista, pelo qual o jornal "A Plebe" se propunha, preocupou o governo e os industrias que se apressaram em criar instrumentos para controlar tal iniciativa do movimento libertário.

---

[62] Nome e símbolo do roceiro paulista , quando doente e desanimado.(AURELIO,s/d,p.699)

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA E A IMPRENSA ANARCO-SINDICALISTA NA PRIMEIRA REPÚBLICA.

> "A imprensa livre é o espelho intelectual no qual o povo se vê, é a visão de si mesmo é a primeira condição de sabedoria". (MARX, 1980, p.60)

Os libertários entendiam que, a fim de construir uma sociedade onde as relações de igualdade e solidariedade imperassem, era preciso privilegiar certas ferramentas de luta. Neste contexto, a educação e a propaganda seriam os instrumentos que preparariam os sujeitos para a revolução, transformação e gestão da sociedade futura, baseada nas égides do anarquismo.

Preocupados com a formação do homem anarquista, dedicaram escritos e estudos ao tema da educação. Alguns se detinham em torno da discussão de suas bases e objetivos, como é o caso dos teóricos anarquistas Proudhon, Bakunin, Malatesta e Kropotkin, citados no primeiro capítulo. Outros, baseando-se nestes teóricos, adicionaram métodos e técnicas pedagógicas, que é o que se encontra em Paul Robin, Sebastien Faure e Francisco Ferrer y Guardia.(GALLO, 1995)

No final do império e o início do século XX, foi o período de expansão dos grupos escolares em algumas capitais do país, "[...] não havia escolas em número suficiente para atender a população, que vivia á margem, sem acesso a instituição estatal e gratuita" (NASCIMENTO, 2006, p.325). Para solucionar de forma aligeirada, a inexistente estrutura escolar, pois a idéia de escolarização para todos, através dos discursos governamentais da época, era fundamental para a consolidação das idéias republicanas, o Estado criou as escolas isoladas , o que foi uma solução "[...] rápida e barata que o governo apresentava para as populações afastadas terem acesso ao ensino, com formas 'próximas' às dos grupos escolares que eram construídos no centro da cidade "(NASCIMENTO, 2006, p.329)"".

Também foram criadas escolas isoladas noturnas - para os pequenos trabalhadores ou filhos de operários - que funcionavam próximas às fábricas em local cedido pelos industriais, os quais interferiam no horário e no funcionamento delas; desta maneira, como forma de pressão e repressão, quando havia greve, elas não funcionavam. No Brás - um dos bairros mais habitados por imigrantes na cidade de São Paulo - desde 1911 já haviam sido instituídas escolas masculinas e femininas. Nelas era

> [...] evidente a intenção e a oportunidade dessas escolas para a reprodução da força de trabalho, pois davam formação técnica, primordial para capitalistas e trabalhadores e ainda contribuíam para a predominância da ideologia liberal sobre o aparelho de Estado, pois em 1919 foi introduzida a disciplina Instrução Moral e Cívica para melhor formação do obreiro e concorrer para o progresso da indústria. (VALVERDE, 1996, p.38).

Estas escolas ofereciam um ensino voltado, quase que exclusivamente, para o trabalho manual e, conseqüentemente, para a domesticação dos operários, uma vez que a dicotomia entre trabalho manual e intelectual era colocada como "natural" entre as classes: a uma caberia a execução e a outra a gestão; reproduzindo, deste modo, na escola, a distinção entre elas. A dominação e a exploração de uns sobre os outros era assim internalizada e aceita sem questionamentos, e as reações contrárias que pudessem ocorrer eram apaziguadas dentro deste ambiente escolar oferecido pelos governantes e que deveria ser habitada por "[...] um povo manso, respeitoso e discreto, um povo para quem os patrões sempre tenham razão [...]" (PONCE, 1991, p.171).

A formação da mão de obra adequava-se assim às exigências técnicas do trabalho no Capitalismo e a sua disciplina, formando-o e educando-o para ser um proletário, forçando-o a se vender de maneira "voluntária", como força de trabalho. Desta maneira, o significado da educação

> [...] é a formação de cada operário no maior número possível de atividades industriais possíveis, de tal forma que, se é afastado de um ramo pelo emprego de uma nova máquina ou por uma mudança na divisão do trabalho, possa instalar-se noutro lado o mais facilmente possível. (MARX, ENGELS, 1978, p.74)

Para os anarquistas esta forma de educação capitalista era considerada

> [...] reflexo e fonte da desigualdade social, disseminando uma visão de mundo que garante a acomodação, e ensinando ricos e pobres a se conformarem com a estrutura social, que deve ser percebida como inevitável e imutável.A educação tradicional burguesa sempre existiu para adaptar os indivíduos à sociedade, educando-os para que sejam como devem, ou seja, para padronizar as consciências e personalidades.A diferença e a singularidade são perigosas pois colocam em risco a "imutabilidade" do sistema social de produção.Neste sentido, essa educação educa as pessoas para serem aquilo que não são, mas sim aquilo que a sociedade quer que sejam[...](GALLO, 2005,p.35-36).

A educação era fundamental nos planos anarquistas: somente ela poderia "[...] criar mentalidades e vontades libertárias capazes de, primeiro, estimular e impulsionar o processo de mudança social e de posteriormente, garantir a não degeneração da nova sociedade ácrata" (LUIZETTO, 1987, p.44).

Para os anarquistas, a escola governamental não oferecia subsídios para o desenvolvimento de uma educação que levasse o indivíduo a se tornar, além de um trabalhador, um ser inteligente e ativo, capaz de perceber a desigualdade econômica em que se encontrava, a ideologia que lhe era imposta pela igreja e pelo Estado, e organizar-se para obter a emancipação moral, intelectual e econômica da classe operária em uma sociedade onde se suprimisse a divisão do trabalho, do estudo e da produção, porque

> [...] a divisão do trabalho implica na possibilidade- senão a necessidade- de que a actividade intelectual e a actividade física, o prazer e o trabalho, a produção e o consumo caibam em partilha a indivíduos diferentes. Ora o único meio de impedir que estas actividades entrem em conflito, é suprimir de novo a divisão do trabalho (MARX, ENGELS, 1978, p.241).

No primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906, a questão da educação operária foi discutida no tema número sete. Denunciavam-se as instituições burguesas; defendia-se o direito do operário a formar livremente a consciência de seus filhos e aconselhava os sindicatos a fundar escolas.

Este mesmo assunto é aprofundado no segundo Congresso em 1913. No que esse refere à educação, foi esta a monção aprovada:

> Considerando que a instrução foi até uma época recente evitada pelas castas aristocráticas e pelas igrejas de todas as seitas, para manterem o povo na mais absoluta ignorância, próxima a bestialidade para melhor explorarem-no e governarem-no;
> Considerando que a burguesia, inspirada no misticismo, nas doutrinas positivistas e nas teorias materialistas, sabiamente invertidas pelos cientistas burgueses, os quais metamorfoseiam a ciência, segundo os convencionalismos da sociedade atual, e monopolizam a instrução e tratando de ilustrar o operário sobre artificiosas concepções que enlouquecem os cérebros dos que freqüentam as suas escolas, desequilibrando-os com os deletérios sofismas que constituem o civismo ou a religião do Estado;
> Considerando que esta instrução e educação causam males incalculavelmente maiores do que a mais supina ignorância e que consolidam com mais firmeza todas as escravizações, impossibilitando a emancipação sentimental, intelectual, econômica e social do proletariado e da humanidade;
> Considerando que este ensino baseia-se no sofisma e afirma-se no misticismo e na resignação;
> Este Congresso aconselha aos sindicatos e às classes dos trabalhadores em geral, tomando com principio o método racional e científico, promova a criação e vulgarização das escolas racionalistas, ateneus, revistas, jornais, promovendo conferências e preleções, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros, folhetos, etc.[...] (A VOZ,n.39/40, 1913, apud ARENA,1991, p.29).

Esta monção explicitamente declarou que: o ensino fornecido pelas escolas mantidas pelo Estado e pela Igreja não servia a classe operária - pois era inferior aquela dada aos burgueses e consequentemente subalternizava os trabalhadores; que se tornava necessário que os sindicatos assumissem a educação das crianças proletárias, aconselhou, assim, a utilização do método racional e científico das escolas racionalistas de Ferrer nas escolas operárias que fossem criadas no Brasil e também incentivou a criação de jornais operários que, ao longo do tempo, acabaram por ser grandes defensores e disseminadores das idéias do educador catalão. Mesmo após doze anos de sua morte, os jornais libertários ainda publicavam a frase "Inanimaram-lhe o corpo, mas não lhe mataram a idéia" ao se referir a Ferrer (GHIRALDELLI, 1987, p.115).

Porém, a influência de Ferrer, no movimento anarquista, em nosso território, não pode ser somente relacionada ao segundo Congresso Operário Brasileiro, pois ela já se mostrava presente mesmo antes do acontecimento deste quando os libertários brasileiros uniram-se em torno do Comitê Organizador da Escola Moderna em 1909.

3.1. A ESCOLA MODERNA EM SÃO PAULO

Figura 22

Panfleto dedicado a Ferrer - 1919[63]

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer

CONTÉM:
ARTIGOS E POESIAS SOBRE FERRER E A SUA OBRA; EXPOSIÇÃO DE PRINCIPIOS E ESTATUTOS DA LIGA INTERNACIONAL PARA INSTRUCÇÃO RACIONAL DA INFANCIA; NOTAS BIBLIOGRAPHICAS SOBRE AS PUBLICAÇÕES DA ESCOLA MODERNA, ETC. =

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola.

Rio de Janeiro - Brazil - 13 de Novembro de 1909

ESTAB. GRAPHICO CANTON & BEYER
RUA S. PEDRO 142 — RIO DE JANEIRO

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia – Barcelona

[63] O texto da capa contém os seguintes dizeres: *"Artigos e poesias sobre Ferrer e sua obra;exposição de princípios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infância; notas bibliográficas sobre as publicações da Escola Moderna, etc...Publicação editada pela Commisão contra a reacção Hespanhola.Rio de Janeiro, Brazil, 13 de novembro de 1909."*

A morte de Ferrer, em 1909, e os protestos contra sua execução, organizados em vários países da Europa e em muitos Estados brasileiros[64], podem ser considerados "[...] estopim para que, de fato, se iniciasse a campanha de fundação de uma instituição de ensino, no Brasil, que continuasse a obra de Ferrer" (Idem, 1987, p.128).

A educação, para os anarquistas, [...] ocupava posição central no ideal libertário e se expressava num duplo e concomitante movimento: a crítica á educação burguesa e a formulação da própria concepção pedagógica que se materializava na criação de escolas autônomas e auto-geridas" (SAVIANI, 2006, p.23).

Neste cenário, é organizada, na cidade de São Paulo, no dia 17 de novembro de 1909, a Comissão Pró- Fundação da Escola Moderna de São Paulo, com o objetivo de fundar uma Escola Moderna, nos moldes da de Barcelona, naquele Estado. O Movimento Operário Brasileiro, sob o comando dos anarco-sindicalistas, "[...] tomou para si a tarefa de continuar, no Brasil, a obra de Ferrer, ou seja, o desenvolvimento da Pedagogia Racionalista"(GUIRALDELLI, 1987, p.131). Desta maneira

> Convictos de que a Anarquia só seria possível no dia em que o homem fosse capaz de raciocinar pela sua cabeça, de andar sozinho, sem muletas políticas, de esse autogovernar, de gerir o seu próprio trabalho sem chefes nem autoridades, e de que essa capacidade só podia ser desenvolvida a partir do ensino racionalista e de uma educação libertária, abraça e defende os métodos pedagógicos de Ferrer.(RODRIGUES,1992, p.49)

No Estado do Rio de Janeiro, também, foi criada uma comissão em prol da fundação da Escola Moderna. Esta comissão tinha o propósito de arrecadar fundos e enviá-los a São Paulo, a fim de fortalecer o grupo paulista financeiramente e assim fazer com que a escola

> [...] não se dedicasse apenas ao ensino das crianças, mas fosse um centro de edição de livros, necessários ao ensino racionalista.Segundo seus promotores, a Escola Moderna n.1

[64] "No Brasil o movimento começou em Santos e logo se estendeu a todo o Estado de São Paulo.Em Curitiba, Paraná, realizaram-se importantes manifestações com a adesão das sociedades espanholas, uma das quais arrancou o retrato de Affonso13 da parede e atirou-o a rua.No Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerias, Espírito Santo, Bahia, Maranhão, ceará e Estado do Rio de Janeiro.(RODRIGUES, 1992,p.36)

> cumpriria no Brasil, o mesmo papel desempenhado pela Escola Moderna criada por Ferrer em Barcelona. A partir dela, brotariam várias escolas racionalistas em todo o país(JOMINI, 1990,p.75) .

A comissão paulista era formada por Leão Aymoré (guarda-livros), Dante Ramenzoni (industrial), José Sanz Duro (negociante), Pedro Lopes (industrial), Tobias Bore (artífice) e Luiz Damiani, Edgar Leueunroth, Neno Vasco, Orestes Ristori (jornalistas).

Os jornalistas que compunham a comissão eram militantes do movimento sindical e, também eram os líderes que decidiam os caminhos da mesma. Por intermédio de seus jornais, organizaram doações, festas, palestras, filmes e teatros com o objetivo de angariar fundos para o estabelecimento da escola e também representavam a ligação entre a comissão e ao movimento operário.

O programa inicial do Comitê Pró- Escola Moderna previa;

> 1º- Instalação de uma casa editora de livros escolares e obras destinadas ao ensino e a educação racionalista e que, conforme os casos, serão cedidos gratuitamente ou vendidos a preços reduzidos;
> 2º- Aquisição de um prédio para implantar na cidade de São Paulo o "núcleo modelo da Escola Moderna";
> 3º- Procurar professores idôneos para dirigir a escola;
> 4º- Auxiliar aquelas que no interior do Estado poderão surgir, baseadas sobre as normas do ensino racionalista, normas que passamos a estabelecer (RODRIGUES, 1992, p.49).

O pensamento anticlerical, racional e científico, que a escola propagava, fez com que outros grupos desvinculados do anarquismo, assim como os maçons, grupos positivistas, higienistas e médicos, e, também, alguns setores militares, acabassem por apoiar a iniciativa dos libertários colaborando com doações para a causa da Escola Moderna.

Em 13 de maio de 1912 foi fundada a Escola Moderna n.1 na cidade de São Paulo[65], um empreendimento apoiado pelas duas correntes anarquistas

[65] Para maiores informações sobre outras escolas libertárias fundadas em solo brasileiro ver RODRIGUES, 1992 , JOMINI, 1990, e GHIRALDELLI, 1987.Por ser aquela que deveria disseminar o pensamento pedagógico de Ferrer e seguir os moldes da Escola Moderna de Barcelona fundada por ele, somente a Escola Moderna n.1 será tratada nesta dissertação.

presentes no período[66], pois ambas apontavam a educação como um dos caminhos para se chegar à revolução social.

As aulas eram tanto diurnas quanto noturnas, para ambos os sexos, e o fornecimento de material era feito gratuitamente aos alunos da escola, que pagavam uma contribuição mensal pelas aulas. O método era baseado na experimentação e nas verdades científicas , exatamente como defendia Ferrer.

Em uma propaganda da Escola Moderna, observam-se outros aspectos que demonstram que a iniciativa dos libertários brasileiros estava em consonância com aquela levada a cabo por Ferrer em Barcelona

> As matérias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geografia, geometria, botânica, zoologia, mineralogia, física, química, fisiologia, história, desenho, etc. Para maior progresso e facilidade do ensino, os meninos exercitar-se-ão nas diversas matérias com o auxilio do museu e da biblioteca que esta Escola está adquirindo e que servirá de complemento ao ensino das aulas.Na tarefa da educação tratar-se-á de estabelecer relações permanentes entre a família e a escola, para facilitar a obra dos pais e dos professores. Os meios para criar estas relações serão as reuniões em pequenos festivais , nos quais se recitará, se cantará e se realizarão exposições periódicas dos trabalhos dos alunos e as professores haverá palestras a propósito de várias matérias, onde os pais conhecerão os progressos alcançados pelos alunos. Para complemento de nosso programa de ensino, organizar-se-ão sessões artísticas e conferências cientificas [...] (A LANTERNA, 8/11/1913, apud ROGRIGUES, 1992, p.51).

O diretor da Escola Moderna n.1 foi João Penteado[67] , um estudioso da pedagogia de Ferrer, militante ativo do movimento operário, redator do jornal do Centro Operário de Jaú, sua cidade natal e onde já havia sido professor.

---

[66] Anarco-sindicalista e anarco-comunista.

[67] João Penteado se ausentou da direção da escola em 1917, quando saiu da cidade e foi substituído por Florentino de Carvalho.Porém retornou em 1918 e permaneceu até o seu fechamento.(LUIZETTO, 1984)

FIGURA 23

Anúncio da Escola Moderna n.1[68]

Escola Moderna N. 1

Instituto de Instrucção e Educação para menores e adultos de ambos os sexos

Aulas diurnas e nocturnas

[illegible] theorico e pratico, seguindo os methodos da pedagogia moderna, com os quaes se ministra aos alumnos uma instrucção que os habilita para o [illegible] das actividades intellectuaes e profissionaes, assim como uma educação moral baseada no racionalismo scientifico.

CURSO PRIMARIO — Rudimentos de Portuguez, Arithmetica, Calligraphia e Desenho.

CURSO MEDIO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Principios de Sciencias, Calligraphia e Desenho.

CURSO ADEANTADO — Grammatica, Arithmetica, Geographia, Noções de Sciencias Physicas e Naturaes, Historia, Geometria, Calligraphia, Desenho, Dactylographia.

Para as alumnas haverá tambem trabalhos manuaes: costura, bordado, etc.

Aulas diurnas

Horario: das 11 1/2 ás 16 1/2 (das 11 1/2 da manhã ás 4 1/2 da tarde).

Mensalidades: Curso primario ou medio, 4$000; curso adeantado, 6$000.

Aulas nocturnas

Horario: Das 19 ás 21.

Mensalidades: Curso primario ou medio, 5$; curso adeantado, 7$.

DIRECTOR — PROFESSOR FLORENTINO DE CARVALHO

Avenida Celso Garcia, 262 - Belemzinho - S. Paulo

Fonte: Jornal “A Plebe”, 09/06/1917 - AEL – UNICAMP

Seguindo os direcionamentos de Ferrer, o qual havia implantado em sua escola em Barcelona o “Boletim da Escola Moderna” e apoiando-se na idéia de que a atividade jornalística era uma atividade pedagógica a ser usada como recurso didático, João Penteado dirige dois jornais dentro da Escola Moderna n.1, sendo que

[68] Como se percebe pelo anúncio e também como já foi dito nesta dissertação,A Escola Moderna era paga.Para manter um controle de caixa aberto aos pais e alunos o balancete era publicado no jornal “A Plebe”.Para uma melhor visualização de um destes balancetes, verificar o jornal do dia 26/07/1919.

> O primeiro deles tinha um caráter nitidamente pedagógico, chamava-se *O Início* , e trazia redações de alunos a atividades correspondentes ao cotidiano escolar.O segundo jornal apareceu posteriormente, chamava-se *Boletim da Escola Moderna n.1*; dedicava-se a artigos sobre o Ensino Racionalista, relatórios e estatísticas internas da Escola Moderna, comemorações de datas importantes do Movimento Operário etc(GHIRALDELLI, 1987, p.134).

Figura 24

Boletim da Escola Moderna de São Paulo- s/d

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia – Barcelona

O jornal “O Início” era dirigido pelos próprios alunos e tinha o objetivo de incentivar a cooperação e solidariedade entre os mesmos, além de fazer propaganda dos trabalhos desenvolvidos por eles, e fazer propaganda das atividades desenvolvidas pela escola. Era mantido por recursos dos próprios alunos e, também, com a ajuda financeira de terceiros. Pretendia ser uma publicação mensal, mas acabou por sair somente quando os recursos estavam disponíveis, o que só ocorreu três vezes em sete anos “[...] n.1 em 5-9-1914; n.2 em 4-9-1915 e n.3 em 19-8-1916.” (LUIZETTO, 1986, p.37).

O “Boletim da Escola Moderna n.1” era dirigido por João Penteado e objetivava fazer propaganda da iniciativa anarquista como um todo e especialmente esclarecer os leitores sobre os propósitos da Escola Moderna. Em seu primeiro número, em 13-10-1918, havia uma nota explicando que a publicação de “O Início” seria cessada em virtude da publicação do ”Boletim da

Escola Moderna" por ser difícil manter as duas publicações ao mesmo tempo (Idem, 1986).[69]

A escola oferecia três cursos: primário, médio e adiantado. O curso primário era composto pelas seguintes matérias: rudimentos de português, aritmética, caligrafia e desenho. O curso médio apresentava gramática, aritmética, geografia, princípios de ciências caligrafia e desenho. E o curso adiantado oferecia gramática, geografia, caligrafia, desenho, datilografia. *Também eram oferecidos cursos para meninas: trabalhos manuais, costura, bordado.* (A PLEBE, 9/06/1917).

As atividades costumeiras desenvolvidas pela escola não eram muito diferentes das desenvolvidas nas escolas oficiais da República ou mesmo das escolas eclesiásticas, porém

> [...] seus conteúdos e objetivos eram radicalmente diferentes, pois a s experiências cotidianas de luta dos trabalhadores estavam intrinsecamente presentes nas escolas libertárias.Nesse sentido, os textos de leitura, desde o aprendizado das primeiras letras, eram os clássicos da literatura libertária e universal, como Hugo e Zola.As poesias e as canções aprendidas nos bancos escolares faziam parte do repertório das lutas operárias e eram repetidas nas greves, nas manifestações de rua, nos comícios e nas festas operárias. Escrevia-se desde as primeiras linhas, para divulgar idéias renovadoras, talvez mesmo com vistas a formar futuros articulistas para os jornais operários ou conferencistas para as atividades de propaganda (PERES, 2006, p.147).

O dia-a-dia da Escola Moderna consistia de exercícios em sala de aula e excursões educativas. Assim, como na "Escola mãe" em Barcelona, as excursões eram um pretexto para gerar discussões, explicações sobre geografia e história, e a entoação de cantos enaltecendo a paz, a mulher e a criança. Ao chegar na escola, os alunos, assim como faziam seus companheiros na Espanha, se dedicavam a escrever sobre o ocorrido no passeio. Aos alunos maiores era solicitado que escrevessem sobre temas sociais e da atualidade. João Bonilha , em 9 de agosto de 1916, deixou registrado no jornal "O Início" , seu escrito sobre a Primeira Guerra Mundial:

---

[69] O Arquivo Edgard Leunroth da UNICAMP disponibiliza os Boletins da Escola Moderna para interessados em seu conteúdo.Um panorama geral do conteúdo destas publicações também pode ser encontrado em LUIZETTO, 1986.

> A Guerra Européia – Um desses dias conversava eu com um dos meus amigos sobre a guerra, e ele me perguntou:
> - Qual é a tua opinião sobre esta guerra infernal?
> - Eu, meu querido amigo, que queres que eu te diga? O meu desejo é, em primeiro lugar, acabar com esses governadores, imperadores, reis e finalmente com os burgueses de todas as classes, que são os causadores desta monstruosa catástrofe, na qual tantas pessoas inocentes morrem deixando suas famílias num mar de tristeza e desconsolações, como por exemplo acontece as famílias que foram d'aqui para aquele tremendo matadouro.Deixaram aqui mulheres e filhos na mais espantosa miséria.E por quê? Para quê? Para defender o quê?- Nada!...Somente para morrerem como cães naquele matadouro infernal, onde sucumbem milhares e milhares de seres humanos por causa desses vagabundos de que te falei.Esta é a minha opinião (O INÍCIO, 19/08/1916, apud GHIRALDELLI, 1987, p.136-137).

De acordo com um anúncio publicado no jornal "A Plebe" de 09 de julho de 1917, esta escola pretendia fornecer um

> *[...] ensino teórico e prático, segundo os métodos da pedagogia moderna, com os quais se ministra aos alunos uma instrução que os habilita para o início das atividades intelectuais e profissionais, assim como uma educação moral baseada no racionalismo científico.*

Ideologicamente falando , o ensino pretendido pela Escola Moderna era aquele que libertaria o homem do domínio que a classe burguesa e conservadora exercia sobre a massa trabalhadora, lutando contra a ignorância e educando política e economicamente o proletariado de forma que

> [...] se atinja uma organização social que tenha por fim assegurar a cada um o seu desenvolvimento integral, em que o trabalho – escolhido por cada um e organizado pelos próprios trabalhadores – tenda a satisfação das necessidades dos indivíduos (SFERRA,1987,p.23).

A questão da relação educação-trabalho, já presente nos círculos libertários através dos estudos de Paul Robin[70] e Kropotkin[71], aliou-se ao

[70] Para Robin o trabalho era considerado como fundamental princípio educativo. "A produção era a própria vida do homem, portanto, uma educação ligada à vida deveria, naturalmente, levar em conta a atividade produtiva do homem". (GHIRALDELLI, 1987, p.113).A educação integral defendida por Robin não chegou a se efetivar em experiências concretas no Brasil.

ensino acadêmico e intelectual de Ferrer. Pretendia-se assim que não houvesse nem trabalhadores e nem sábios, mas sim homens livres e solidários.

Assim, procuraram oferecer uma educação com bases na igualdade, na liberdade e na justiça, contrária àquela oferecida pelo Estado que procurava manter as bases do sistema capitalista de dominação e exploração, e em cujas escolas o povo recebia um mínimo de instrução, somente o necessário para ser reconhecido como homem, ensinando-os a obedecer e a servir, mantendo assim a preponderância das classes dominantes (GALLO,1995). A evolução histórica mostra que a educação "[...] é um processo mediante o qual as classes dominantes , preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condições fundamentais da sua própria existência "(PONCE, 1991,p.169)

As escolas libertárias enfrentaram, ao longo de toda a sua história, uma constante vigilância e perseguição por parte do governo e da igreja, pois estes viam no ensino praticado nestas escolas, um elemento formador de homens que, com o passar do tempo iriam questionar, minar e até destruir as bases políticas e ideológicas nas quais eles estavam assentados. Percebiam que a miséria em que o proletariado estava inserido não os ensinaria "[...] apenas a orar , mas ainda muito mais, a pensar e a agir" (MARX, ENGELS,1978, p.69).

Ainda em 1910, quando a Escola Moderna era apenas um projeto, jornais católicos já empreendiam uma perseguição a tais idéias. Os jornais operários revidavam, mas também publicavam o ataque a eles direcionado.

> Quando do ano passado Barcelona foi teatro do mais atroz vandalismo[72], nenhuma pessoa sensata julgaria que os anarquistas daquela cidade encontrassem partidários decididos entre nós.Mas infelizmente assim não sucedeu: todo mundo já sabe que em São Paulo trata-se de fundar um instituto para a corrupção do operário, nos moldes da Escola Moderna de Barcelona, o ninho dos anarquistas de onde

---

[71] Para Kropotkin deveria se obter "[...] uma educação tal, que ao deixar as salas de aula com a idade de dezoito ou vinte anos, os jovens de ambos os sexos estariam dotados de um cabedal de conhecimentos científicos que lhes permitisse trabalhar com proveito para a ciência, e que ao mesmo tempo tivessem um conhecimento **geral** das bases do ensino técnico e a habilidade necessária em qualquer indústria especial, para poder ocupar o seu posto dignamente no grande mundo da produção manual da riqueza (KROPOTKIN apud MARTINS, 2006, p.5).è interessante relembrar que Ferrer esteve em contato com Kropotkin durante sua estadia em Londres, sendo portanto, o seu pensamento mais próximo ao defendido por Ferrer.

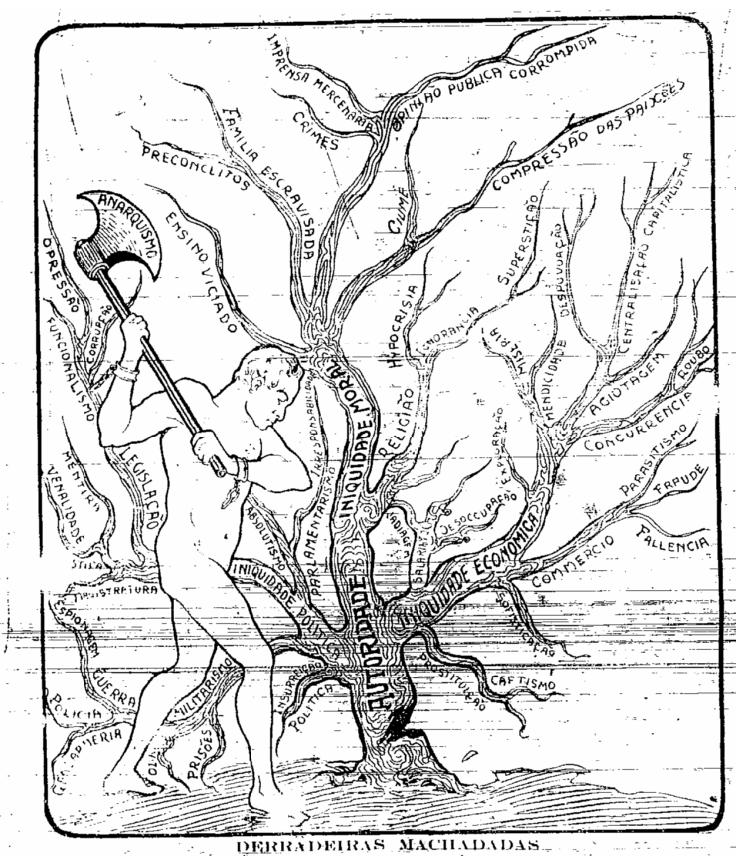
[72] Referindo-se à Semana Trágica de Barcelona, apresentada no primeiro capítulo desta dissertação.

sairão os piores bandidos.Ora, uma tal casa de perversão vai constituir um perigo máximo para São Paulo(A LANTERNA, 05/02/1910, apud GHIRALDELLI, 1987, p.137).

Após as várias greves, incitadas pelos anarco-sindicalistas, e principalmente devido à greve geral de 1917, os setores conservadores iniciaram uma série de ataques mais vorazes e perseguições às lideranças intelectuais anarquistas e aos seus pressupostos.

Figura 25

Derradeiras Machadadas

DERRADEIRAS MACHADADAS

Fonte: Jornal "A Plebe" ,11/08/1917 – AEL- UNICAMP

O ano de 1918 foi marcado por agitações grevistas e pela gripe espanhola, que matou muitos operários[73], e fez com que outros fossem

[73] A epidemia de gripe espanhola, catastrófica em São Paulo, alastrou-se de maneira ainda mais grave na Capital da República .Os relatórios indicam que , em meados de novembro de 1918, 401.950 cariocas foram, ou já havia sido acometida pela gripe, uma população de 914.292 habitantes, e que aquela altura 14.459 pessoas havia sucumbido à doença.(DULLES, 1973, p.67) De outubro a dezembro de 1918 a Escola Moderna n. 1 teve suas portas fechadas, assim como outras instituições de ensino devido ao surto de gripe.(A PLEBE, 08/03/1919)

obrigados a faltar ao trabalho por longos períodos e, devido a isso, ficassem sem receber seus salários. O fim da guerra marcou o fim das exportações, a perda do mercado externo, a diminuição da produção e a conseqüente dispensa de grande parte da mão de obra operária ou um corte nos salários na ordem de 50%. (FAUSTO,1977,p.214).

Outro fator que preocupava as autoridades brasileiras em 1918 era que, após a Revolução Russa, alguns líderes do proletariado estavam decididos a seguir o exemplo dos bolchevistas e promover uma derrubada violenta do capitalismo no Brasil. Uma semana após o fim da I Guerra mundial, anarquistas organizaram uma greve no Rio onde tentaram recriar os acontecimentos ocorridos em Petrogrado no ano anterior, bombardeando por vários dias diferentes locais importantes para a manutenção do poder governamental, assim como a Light & Power[74] e o serviço de bondes. Foram arregimentados quatro mil operários e 1.600 bombas já haviam sido distribuídas. (DULLES, 1973).

Porém, um espião infiltrado no movimento informou a polícia de tudo que estava ocorrendo e esta prendeu os líderes grevistas antes destes organizarem a grande massa de operários que estava para se levantar, acabando com o movimento. O Governo então criou uma lei proibindo a realização de reuniões operárias e aqueles que se opuseram a ela foram presos.

Durante o ano de 1919, no Rio de Janeiro, capital do país no período analisado, ouviam-se informações de que estava sendo organizada uma conspiração para tomada do Palácio do Catete com a participação dos anarquistas.

Em São Paulo,no dia 02 de maio, um operário das industrias Matarazzo foi despedido por ter discursado no dia 1º de Maio. Ao sair da fábrica, foi seguido por muitos de seus colegas, que iam arregimentando empregados de outras fábricas para aderirem ao movimento. ”No fim do dia, cerca de 10 mil operários estavam em greve [...]” e, no dia 04 de maio, já perfaziam “[...] 20 mil o número de paredistas” (Idem,1973,p.73). A violência entre policiais e grevistas tornou-se incontida. Os policiais não pouparam nem mesmo os professores das escolas modernas:

---

[74] Companhia fornecedora de luz .

> *[...] o professor Adelino Pinho foi inopinadamente preso e como protestasse contra a prisão de modo tão brusco e arbitrário foi esbofeteado na frente dos alunos e conduzido da escola para fora, aos encontrões,sem poder nem pegar o chapéu, nem avisar sua própria esposa que esta em estado interessante[75][...] João Penteado , professor da Escola moderna n.1 , homem morigerado[76] e calmo,foi preso como anarchista perigoso na ocasião em que se achava na porta de sua casa, sendo conservado preso e incomunicável* (A PLEBE,17-05-1919).

As oficinas dos jornais operários em São Paulo estavam em constante vigilância pela força policial bloqueando a entrada dos gráficos que relataram :

> *Nossas redacção e oficinas andavam dia e noite virtualmente bloqueadas pela polícia que não perdia de vistas os nossos movimentos.Pretendiam de certo amedrontar-nos, mas isto foi em vão.Era preciso um motivo mais forte.Surgiu este motivo "providencialmente", na tarde de domingo, com a explosão de que resultou a morte de três operários* (A PLEBE, 23/10/1919).

Este acidente em outubro de 1919 , envolveu o diretor da Escola Moderna de São Caetano, José Alves, mais três companheiros anarquistas, desencadeando a repressão aos libertários, fato este que acabou por ocasionar o fechamento das Escolas Modernas.

Uma bomba explodiu em uma casa no bairro do Brás matando os quatro anarquistas, fato este que foi aproveitado pelo governo, pela polícia, pelos industriais, pela Igreja e pela imprensa conservadora, para comprovar que os militantes anarquistas estavam se preparando para um ataque armado.

As escolas libertárias representavam para a classe dominante, o local de gestação destas idéias anticapitalistas e anticlericais, assim, o acidente do Brás foi o pretexto para que o governo paulista pudesse fechar estas instituições de ensino. O que se seguiu foram perseguições, deportações e prisões de operários suspeitos de anarquismo. Durante a perseguição policial, os educadores Adelino de Pinho e João Penteado foram novamente "arrancados" (DULLES, 1973,p.74) de suas salas de aula e Edgard Leuenroth,

---

[75] Referindo-se a gravidez da esposa do professor Adelino Pinho.
[76] Comedido, educado moralmente. (AURÉLIO,s/d, p.815)

o redator do jornal "A Plebe" teve que se esconder. Seus colaboradores no jornal alertaram aos seus leitores que

> *[...] o operariado está em face de um perigo eminente, está exposto a um desastre irremediável se não agir com serenidade, com calma, com firmeza em face dos acontecimentos que se desenrolam no momento presente, para o envolver e o estrangular sem dúvida.Calma, serenidade,firmeza é o que pedimos aos trabalhadores no atual momento* (A PLEBE, 21/10/1919).

Em novembro de 1919, João Penteado recebeu um ofício de Oscar Thompson, diretor Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, cassando a autorização de funcionamento das Escolas Modernas de São Paulo.[77] O ofício dizia que:

> Tendo sido verificado, pela secretaria da Justiça e da segurança Pública, que as Escolas Modernas de que sois Diretor, visando a propagação de idéia anárquicas e a implantação do regimen comunista, ferem de modo iniludível a organização política e social do país, conforme se evidencia pelos numerosos documentos enviados por aquela repartição a esta Diretora, hei por bem não somente cassar a autorização de funcionamento concedido a vossa escola, à Avenida Celso Garcia n.262, a qual, de hoje em diante, sob as penas da lei, está proibida de funcionar, bem como intimar-vos a fechar, do mesmo modo imediatamente, desde hoje, em caráter definitivo, a Escola Moderna n.2, que instalaste e fizeste funcionar sob a regência de Adelino Pinho, a Rua Maria Joaquina n.13, sem autorização desta Diretoria Geral e flagrante violação do artigo 30 da Lei 1.579 , de 10 de dezembro de 1917 (SECRETARIA DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1919, apud LUIZETTO, 1984, p.296).

O artigo 30 da Lei 1.579, citado neste ofício versava sobre as normas para a concessão de funcionamento de estabelecimentos de ensino particulares. Era seguido dos artigos 31 e 32, que previam que, antes da determinação de fechamento de uma escola infratora, esta seria multada e somente se houvesse reincidência do fato esta seria fechada sob pena da lei. Porém este benefício da lei não foi estendido às Escolas Modernas.

---

[77] Na referida data já havia sido fundada também a Escola Moderna n.2 sob a regência de Adelino Pinho.

A publicação do fechamento das escolas apareceu no exemplar do jornal "A PLEBE" do dia 27 de dezembro de 1919, mas, este já trazia um tom desolador aos seus leitores: *"Não alimentamos ilusões sobre a solução deste escandaloso caso.",* chamando a atenção quanto à culpa deste fato não só no Governo, mas também no arcebispado que teria dado ordens ao Governo que acabasse com tal iniciativa operária. *"Dom Duarte manda e não pede"* (Idem,27/12/1919)

O diretor da Escola Moderna n.1 tentou entrar com um hábeas-corpus no Tribunal de Justiça de São Paulo, com base nos artigos 31 e 32, mas este lhe foi negado. A justiça republicana acabou por vencê-lo fechando assim as portas das Escolas Modernas em São Paulo.[78]

3.2. O JORNAL "A PLEBE" E A EDUCAÇÃO

A Plebe foi um jornal que, apesar de ter um forte teor sindical - preocupando-se, na maior parte do período analisado nesta dissertação, com a organização das greves e dos sindicatos [79] - também reservou espaços para falar de educação. Seus colaboradores compartilhavam da visão da imprensa como espaço privilegiado para o embate ideológico, que funcionaria deste modo, como um instrumento pedagógico para a formação do proletariado, atuando

> [...] decisivamente no processo auto-educativo; como meio de comunicação ágil e pouco dispendioso, este é usado como um dos principais órgãos de militância e revela dados abundantes sobre essa experiência complexa dos agentes, onde ação profissional e militante se misturam [...](KHOURY,1988, p.83).

Acreditavam que o jornal era

---

[78] È preciso lembrar que as Escolas Modernas fecham no Estado de São Paulo mas ainda continuam em atividade em outros lugares do Brasil; assim como no Pará , no Rio Grande do Sul (GUIRALDELLI,1987) e outra escola no Paraná,a Escola Agripino Nazareth em Morretes , que só fechou suas portas em 1923.(RODRIGUES, 1992,p.63)

[79] Para informações mais detalhadas quanto ao desenrolar das greves operárias realizadas nos anos de 1917, 1918, 1919, que correspondem ao recorte histórico estabelecido nesta dissertação, ver DULLES, 1973 e FAUSTO, 1977.

[...] uma arma poderosa, indispensável.É o vehiculo para fazer triumphar uma idéia, Como é a picareta para fazer derribar um governo.Um jornal é uma poderosa metralhadora que abre clareiras nos redutos inimigos, é a alavanca que dia a dia abala os alicerces dos thronos e dos altares (A PLEBE, 12/07/1919).

FIGURA 26

Obras que os operarios devem lêr

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias.

Retratos de Ferrer, em busto e corpo todo, 50 × 32, a	1$000
Retratos de Giordano Bruno a	1$500
» » Amilcare Cipriani	1$500
Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a	1$000
Retratos de José Nakens, cada um a	1$500
Uma duzia de postais anticlericais	1$200

EM PORTUGUEZ

Francis Delaisi, «Os financeiros, os politicos e A Guerra»	$300
Gustavo Landeuer, «A Social Democracia na Alemanha»	$200
Saint Barb, «Pequenas coplas»	$100
Um pai de familia, «O Baptismo»	$200
Luiz Bulfi, «Greve de Ventres»	$200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu»	$200
José Rizal, «Noli me tangere»	$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista»	1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario"	$100
» » « Entre camponeses »	$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa»	2$500
» » «Giórgicas» (ao trabalhador rural)	$100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, «O Papa Negro»	2$000
Carlos Dias, "Semeando para colher"	$200
Guerra Junqueiro, "A velhice do Padre Eterno"	2$000
Pedro Kropotkine, "O comunismo anarquico"	$200
Chacon Siciliani, "Mentiras Divinas" (cartas aos crentes)	1$700
Adolfo Lima, «O ensino da Historia», 1 fol. de 68 pag.	$700
» » «O Teatro na Escola»	$400
Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1º e 2º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de «A Aurora», para 1918	1$000
Almanaque de «O Livre Pensador»	$800
Marco A. Pane te, «Giordano Bruno»	$200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco»	$200
Domingos Zapata, «As 67 celebres perguntas»	$200
I. A. Betoldi, «O Livro da Verdade»	$500
José Augusto de Castro, «Mensageiro da morte» (Poema anti-jesuitico)	$100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato»	$200
Natanael Pereira, «A educação religiosa»	$200
Eugéne Pelletan, «A Inquisição»	$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus»	$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista»	1$500

Fonte: Jornal “A Plebe” ,14/10/1917- AEL - UNICAMP

São vários os indícios de que o jornal procurava contribuir na formação cultural de seus leitores. Uma delas é a listagem de livros indicados para leitura encontrada em vários números dos jornais[80] e também pequenos textos discorrendo sobre algumas obras, estimulando assim seus leitores à prática da leitura que era considerada pelos libertários, e também por Ferrer por meio de

[80] Ver edições de 14 de outubro de 1917 , 21 de outubro de 1917 (a mais completa) e 09 de outubro de 1919. Estas são algumas das edições em que podemos visualizar tais listagens, porém elas são encontradas em outras edições também.

sua própria editora, como uma ferramenta importante para a emancipação do proletariado.

Em um exemplar do jornal "A Plebe" de 1917, publicou-se uma propaganda intitulada "Mentiras divinas", que esclarecia os leitores quanto a importância de sua leitura[81] :

> *Só com estudo e raciocínio se chegará à verdade! È um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva , trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricomia[82] .Com volume de 112 páginas (A PLEBE, 14/10/1917).*

Defensores da prática do autodidatismo[83] , os grupos libertários tinham como prática manter bibliotecas e gabinetes de leitura, onde os militantes poderiam reunir-se para ler e comentar sobre os jornais e livros que eram lidos, pelos alfabetizados, àqueles que não dominavam os mecanismos da língua escrita. Desta maneira,

> Com esta prática de oralização, os militantes que não dominavam os mecanismos da língua escrita podiam apropriar-se do conteúdo da literatura libertária.Muitos trabalhadores, analfabetos, desenvolviam técnicas de leitura pela audição e tornavam –se capazes de ler pela boca de seus companheiros.Outros ainda memorizavam trechos inteiros de suas obras prediletas (PERES, 2006, p.142).

Também sugeriam que os operários

> *Ao invés de serem tão assíduos nos cinemas e nas sociedades recreativas, reúnam-se em suas casas e sindicatos estudem a questão social através dos livros ou dos jornaes de propaganda.Leiam para os que não o sabem.Ainda que alguns se mostrem scépticos demais, não importa.o que importa é diminuir a ignorância* (A PLEBE, 31-05-1919).

---

[81] Outras propagandas de livros e livrarias, com comentários do redator, podem ser visualizadas nas seguintes edições do jornal: 09/07/1917, 21/10/1917, 30/07/1919, 2/06/1919, 2/10/1919.

[82] "Processo de impressão com as três cores fundamentais: amarelo, vermelho e azul". (AURÈLIO, s/d, p.1245)

[83] Para um estudo mais aprofundado da defesa do autodidatismo nos meios libertários ler VALVERDE,R (1996)

Como já foi explicado em capítulos anteriores, o jornal “A Plebe” foi fundado em 1917, isto é, após a instauração da Comissão Pró- Fundação da Escola Moderna de São Paulo na cidade de São Paulo, no dia 17 de novembro de 1909, e que tinha como objetivo fundar uma Escola Moderna, nos moldes da de Barcelona naquele Estado. Um dos militantes anarquistas que defendeu e lutou por este ideal foi Edgard Leuenroth, o diretor do jornal analisado nesta dissertação. Em 13 de maio de 1912, foi fundada a Escola Moderna n.1 na cidade de São Paulo. Naquele ano, Edgard Leueroth ainda dirigia o jornal Anticlerical “A Lanterna”.

No ano da fundação do jornal “A Plebe”, que veio a substituir “A Lanterna”, a posição da Escola Moderna n.1 já estava em processo de consolidação, mas as greves por melhoria de condições de trabalho, salário, moradia e a crescente exploração da massa operária haviam atingido seu auge[84]; neste ano, através da Greve Geral, seguida em 1918 da ”Insurreição Anarquista” (DULLES, 1973,p.68) [85]. No ano de 1919, desenvolveu-se um movimento ainda maior de greves, prisões, deportações, carestia e exploração dos trabalhadores.

Assim, os anos delimitados nesta pesquisa - 1917 e 1919 - não se mostram muito profícuos em artigos que se referem diretamente à educação, porém,com aqueles que foram encontrados[86] e também com os vários que se referem a ela indiretamente, conseguiu-se recolher “pedaços do quebra cabeça” e seguir analisando o pensamento educacional anarquista vigente na época.

As inaugurações de novas Escolas Modernas em outras cidades são frequentemente citadas no ano de 1917, seguindo a orientação de fundar varias delas, colocada pelo Segundo Congresso Operário de 1913[87].

Em 30 de junho de 1917, o jornal recebeu a notícia da fundação de uma escola em Sorocaba, na qual se tomava a mesma atitude que Ferrrer em Barcelona, onde os alunos pagavam uma taxa para freqüentar a escola:

---

[84] FAUSTO ,S. 1977, procede a um arrolamento das várias greves ocorridas no período de 1917 a 1919, nas páginas 254 a 273 de se livro “Trabalho urbano e conflito social”.

[85] Ver página 97 desta dissertação.

[86] No ano de 1917 foram impressas somente 19 edições , no ano de 1918 o jornal foi empastelado e não funcionou.Porém, em 1919 o jornal faz uma campanha para se tornar diário e consegue distribuir 78 edições

[87] Ver página 91 desta dissertação.

> *Boas novas de Sorocaba.È com satisfação que transmito aos leitores de A Plebe grata notícia da creação, nesta cidade, de uma escola racionalista [...] manterá aulas noturnas e diurnas, aceitando alunos internos mediante a mensalidade de 35$000* (A PLEBE, 30/06/1917)

Aos movimentos sociais vigentes na época e que buscavam afastar o operariado da dominação ideológica, fornecida nas escolas governamentais e religiosas ficava claro que a

> [...] '*educação popular a cargo do Estado'* é completamente inadmissível. Uma coisa é determinar, por meio de uma lei geral, os recursos para as escolas públicas, as condições de capacitação do pessoal docente, as matérias de ensino, etc., e velar pelo cumprimento destas prescrições legais mediante inspetores do Estado, como se faz nos Estados Unidos, e outra coisa completamente diferente é designar o Estado como educador do povo! Longe disto, o que deve ser feito é subtrair a escola a toda influência por parte do governo e da Igreja (MARX, 1952,s/p).

Outra matéria, vinda do Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, conta a respeito do sucesso que a escola tinha obtido, já tendo 80 alunos em seu primeiro ano, apesar das investidas da igreja e até da comunidade na qual

> *Muitos riam ironicamente de nossa ousadia e boa vontade, e outros, embora com pessimismo prestavam seu concurso, outros ainda incapazes de compreender os nossos intuitos e o alcance social de uma escola racionalista combatiam-na, outros enfim mostravam-se indiferentes ou aguardavam os resultados [...] (*A PLEBE,09/06/1917).

O mesmo artigo conta também que um padre vizinho andava muito zangado e que frequentemente se ocupava em colocar o tema da Escola em seus sermões de maneira a denegrir o trabalho dos professores.[88]

A criação de escolas era incentivada, uma vez que se colocava, no ato de educar os militantes, uma das condições para a formação das consciências e vontades libertárias. Um dos colaboradores do jornal escreveu um artigo onde aconselhava:

---

[88] Sobre outros artigos referentes à abertura de escolas, verificar a edição do jornal de 09 de agosto de 1917.

> *Vós deveis criar associações para vos elevar não só intelectualmente como moralmente na leitura de livros sadios de doutrina, em vez de romances tolos e sem proveito prático.[...] Em cada associação que criardes , criareis também uma escola, onde os vossos filhos possam se instruir isentos de preconceitos falsos que esta sociedade corrompida nos impõe*(A PLEBE, 25/08/1917).

Não foi só o ano de 1917 que viu iniciativas de aberturas de novas Escolas Modernas pelo país. Em 1919, também são encontrados artigos que informam a intenção de criar escolas em diferentes lugares do Brasil, uma delas foi a de Poços de Caldas em Minas Gerais quando em assembléia foi "[..] *aventada a fundação de uma escola racionalista [...] discutiu-se sobre a abertura de uma escola nocturna para operários [...]* (A PLEBE, 21/06/1919). Uma notícia a respeito da situação da escola em São Caetano no Estado de São Paulo, lugar onde a escola foi fechada devido ao grande contingente de imigrantes que foram deportados após uma greve na Companhia Mecânica e Importadora do Brasil, traz a informação de que o diretor da escola fechada abriu outra em Bauru e acrescenta: "*Ainda bem, fecha-se uma , mas abre-se logo outra.*" (A PLEBE, 09/08/1919).

Percebe-se que o jornal escolheu Ferrer como perpetuador de suas idéias pedagógicas, uma vez que sua figura é citada por várias vezes no jornal[89] e suas idéias de educação, assim como a mencionada na citação referente ao dia 25/08/1917[90] – educação isenta de falsos preconceitos – estão presentes ao longo das leituras feitas no jornal.

Uma delas refere-se à necessidade de que os professores estejam aptos para ensinar sem que imponham a ideologia do Estado ou da Igreja, ele pensava: se estes se submeterem a tais instituições, como poderão instruir as crianças criticamente, já que eles mesmos são propagadores da ideologia dominante?

Uma professora da Escola Estadual Sete de Setembro, em entrevista para o jornal "A Plebe", foi questionada porque estava permitindo que alunos

[89] Esta questão será discutida no subitem 3.3 desta dissertação.
[90] Apresentada a página 105 desta dissertação.

tivessem aulas de tiro com um sargento do exército que vinha até a escola toda semana, sua resposta foi:

> *[..] não posso nem devo desobedecer aos meus superiores , visto que, além de nem ser diplomada no magistério primário , entendo que primeiro de tudo está a pátria, a grandeza do Brasil* (A PLEBE, 22/09/1917).

Em um artigo, a respeito da formatura de um grupo de professores, o jornal discorre que o arcebispo metropolitano foi convidado por uma comissão de professorandas para "[...] *celebrar a missa em ação de graças pela terminação do curso [...]"* e termina o mesmo acrescentando*: "Que professores vão ter os filhos do povo!" (A PLEBE 09/06/1917),* alegando que estes seriam ensinados por pessoas cheias de superstições e que seriam instrumentos usados para a propagação das idéias da classe dominante, e que, mesmo se propondo ao ensino laico, ensinavam o catecismo da igreja e da pátria.

É preciso lembrar que Ferrer nunca se declarou um anarquista, mas sim um republicano, entretanto suas idéias foram adotadas pelos primeiros. Sendo assim, a idéia de que um professor da Escola Moderna também teria que ser um militante ativo do anarquismo - como o foram Adelino Pinho e João Penteado - não aparecem em seus escritos, aparecem sim citações sobre a necessidade de que o professor tenha um preparo para lecionar numa escola como a que ele propunha; por isso cria uma [..] *Escuela Normal racionalista para la enseãnza de maestros, bajo a dirección de um maestro experimentado* [...] (FERRER, 1912, p.50), porém nada foi encontrado no jornal "A Plebe", que se relacionasse a respeito da fundação de uma escola específica para formação de professores que fossem preparados para ministrar o ensino racional no Brasil ou mesmo a menção de que houvesse uma iniciativa para tal. Entretanto, o posicionamento do jornal era favorável a se ter um professor militante da causa anárquica [...] *muitos camaradas agora tem a possibilidade de confiar seus filhos a uma escola dirigida por um velho militante do nosso movimento e bastante prático no delicado mistér do professor.* (A PLEBE, 30/06/1917) e também que "[...] *se os professores fizessem propaganda entre os seus alunos [....] teríamos muito maiores probabilidades que apenas a tacanha preocupação com os meios operários.*" (A PLEBE,17/09/1919).

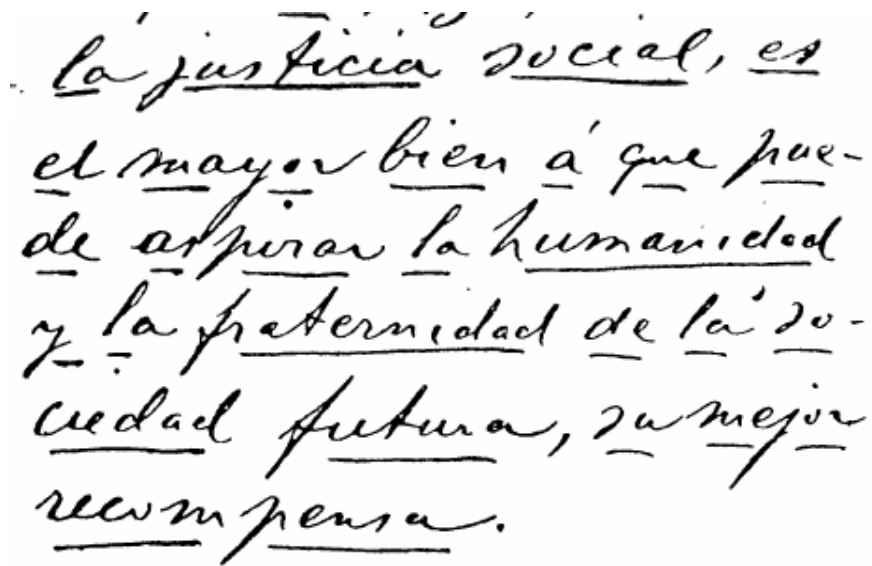
Seguindo essa iniciativa, a propaganda foi feita em sala de aula, e a conseqüência, para os professores, foi a prisão; e para a escola, o fechamento.

A Escola Moderna no Brasil não foi somente um centro de ensino, mas também um centro de propagação das idéias anarquistas e conscientização do operariado, pois era claro para os anarquistas que

> *Antes de haver a transformação social é preciso que exista um número suficiente de camaradas que propaguem largamente e à coletividade humana as idéias anarchistas. A transformação da actual sociedade, baseada na desigualdade econômica, depende principalmente de que os povos adquiram uma consciência anarchica, uma tendência revolucionária* (A PLEBE, 04/08/1917).

O tom anticlerical, defendido por Ferrer, é claro nas reportagens que versam sobre a educação, que, de acordo com os redatores do jornal, além de chamar a atenção do leitor para o fato da Igreja impedir o progresso do povo, mantê-los escravos não permitindo a emancipação do operário e ajudando os governantes a os manterem sob seu jugo, propõe que:

> *Muito facilmente nos podemos livrar do terrível inimigo: não ir à igreja, nem mesmo por curiosidade.O baptismo perante a moral é a educação e a instrucção de nossos filhos [...] o dinheiro que teríamos de dar aos chylostomos sociais , daremos aos nossos estabelecimentos de instrução.Assim estes ladrões profissionais deixarão a batina e irão trabalhar* (A PLEBE 16/06/1917).

Portanto compactuavam com o pensamento de Ferrer, de que as escolas não deveriam ser mantidas pelo governo ou pela igreja, pois se assim o fosse elas certamente colocariam sua marca ideológica nas mesmas, não permitindo aos alunos que fossem realmente livres.

Ferrer pensava que: *"Procurar o meio de por os seres de acordo no amor e fraternidade, sem distinção de sexo, é a grande tarefa da humanidade"* (A PLEBE, 30/06/1917). Esta frase de Ferrer, publicada no jornal, leva a duas análises: 1º - a de que o jornal compactuava com o ideal antimilitarista defendido por Ferrer, uma vez que dizia que:

> *Dentre todos os males resultantes da tirania organizada que domina neste século sob a denominação de Estado, a um que*

sobrepuja os outros em monstruosidade tremenda e que melhor e mais claramente nos demonstra o que vem a ser essa nefasta instituição relativamente aos mais justos , mais elevados, mais nobres e verdadeiros sentimentos humanos .E esse mal que hoje tão sobejamente nos aflige e nos tortura – é a GUERRA é este o monstro (A PLEBE, 09/09/1917).

FIGURA 27[91]

Extrato do livro "Pensamientos anti-militaristas" Ferrer, 1903, p.8.

la justicia social, es
el mayor bien á que pue-
de aspirar la humanidad
y la fraternidad de la so-
ciedad futura, su mejor
recompensa.

Fonte: Fundación Francesc Ferrer i Guárdia - Barcelona

No mesmo mês e ano, a reportagem a respeito de uma escola particular que estava recebendo espingardas do Governo e as estava distribuindo aos alunos, que "[...] *como soldadinhos, em seus trajes brancos, desfilavam pelas ruas tocando cornetas e amedrontando a população* [...]" (A PLEBE, 08/09/1917), mostra a não aceitação deste tipo de educação por parte dos redatores do jornal, pois percebiam que as escolas governamentais:

> *Em vez de infiltrarem no espírito da infância os princípios do amor do bem e da justiça, ministram o sentimento de ódio e de rancor contra o seu semelhante [...] não são homens os que assim são educados.Não tem um nome tem um número.Não são livres, são escravos.Não se revoltam contra o chicote do senhor, aceitam passiva e obedientemente todas as humilhações, todos os vexames [...]* (Idem, 08/09/1917)

[91] O manuscrito de Ferrer diz:"[...] la justicia social, es el mayor bien à que se puede aspirar la humanidad y la fraternidad de la sociedad futura, la mejor recompensa." (FERRER, 1903, p.8)

Um aspecto interessante, neste extrato do artigo intitulado *"Farpas de fogo – soldadinhos",* é que se pode inferir não somente o antimilitarismo, mas também, o do respeito à individualidade do aluno preconizado por Ferrer quando se lê "*Não tem um nome , tem um número*", o princípio da liberdade: *"Não são livres, são escravos*" e a importância da educação não como um ato de adestramento do ser humano, mas sim um ato político, de libertação. Um sistema de educação no qual o homem consiga reconhecer "[...] a origem da desigualdade econômica e a mentira religiosa, o malefício do patriotismo guerreiro e todas as demais que o mantém na escravidão." (GHIRALDELLI, 1987, p.115) A segunda análise que se pode fazer do pensamento colocado no jornal no dia 30 de junho de 1917 [92], "[...] *sem distinção de sexo* [...]" mostra a referência da importância da co-educação dos sexos, defendida por Ferrer, a fim de que meninos e meninas

> *[...] tengam idêntica educación; que por semejante manera desenvuelvam la inteligência, purifiquen el corazón y templen sus voluntades; que la humanidad feminina y masculina se compenetren, desde la infancia, llegando a ser la mujer, no de nombre, sino en realidad de verdad, la compañera del hombre* (FERRER, 1912, p.30).

Observando esta linha de pensamento de Ferrer o seguinte artigo, endereçado às mulheres para que se libertem é encontrado no jornal "A Plebe":

> *Vós que fostes os primeiros seres humanos victimas da escravidão, porque fostes escravas mesmo antes que houvesse escravos...Vós que desde os tempos primitivos vindes na luta pela existência soffrendo as maiores violências, as servicias mais cruéis e selvagens [...] Vós mulheres não podeis mais permanecer passivamente a olhar [..]* (A PLEBE,24/05/1919)

O conceito de co-educação apregoado por Ferrer não se resumia somente na educação de meninos e meninas juntos, mas também a co-educação social; e este não foi um aspecto destacado pelos redatores do jornal "A Plebe". Não foram encontradas referências nos jornais analisados de que as

[92] Ver página 109 desta dissertação.

Escolas Modernas no Brasil estivessem observando tal direcionamento do Ensino Racionalista. Somente um texto assinado por Elizeu Réclus[93], traz a idéia de que isto poderia acontecer "[...] *no futuro, a escola estaria aberta e a educação seria completa para todos, tanto para o filho do pobre como para o rico*" (A PLEBE, 14/10/1917). Portanto, este seria um aspecto a ser desenvolvido, somente, depois que a emancipação do proletariado ocorresse.

A base racionalista e científica do ensino propagado por Ferrer é bem clara no discurso defendido pelo jornal. Como já foi dito anteriormente, são poucas as citações diretas a respeito da educação, entretanto pode-se inferir, neste extrato, e, em outros, a defesa ao racionalismo e a ciência em detrimento ao dogmatismo.

> *A grande força da doutrina anarchista está, em parte, na base científica dos seus princípios; está no determinismo, no evolucionismo, na concepção monístico da natureza.È por isso que as idéias pelas quaes quebramos lanças repousam no realismo com que os philosophos da natureza varreram as trevas os mysterios que envolviam a sciencia, não podemos fartar-nos a homenagem que devemos a esses sábios que, pelos serviços prestados à sciencia e a humanidade tornaram-se os verdadeiros precursores da doutrina* (A PLEBE,04/08/1917).

Ferrer mantinha Conferências Dominicais que nada mais eram que palestras dadas aos adultos, para que estes também pudessem se livrar de todo dogmatismo através do conhecimento científico. Em seu livro "La Escuela Moderna" - escrito após o fechamento da sua iniciativa educacional em Barcelona - dizia ele: "*Recuerdo com sensación placentera aquela hora semanal dedicada a confraternidad e cultura.*(FERRER,1912, p.88). O diretor da Escola Moderna n.1 , conhecedor do trabalho de Ferrer, procurou manter estas conferências em sua escola. No dia da data de aniversário da Comuna de Paris, foi feita uma comemoração que

> *Depois , na mesma escola, a fim de melhor corresponder a seus fins, será realizada, na sua sede, uma série de*

---

[93] Geógrafo francês que contribuiu para a difusão do pensamento anarquista. Amigo de Ferrer publicou artigos no "Boletin de la Escuela Moderna" que Ferrer anexou ao seu livro " La Escuela Moderna" (1912), dentro do assunto, " La enseñanza de la Geografia" ,p.77-84 .

conferencias científicas, tendo sido convidadas desde já diversas pessoas de competência, entre as quaes se nota o prof.Saturnino Barbosa. (A PLEBE 08/03/1919).

FIGURA 28

Festa na Escola Moderna n. 1

A Escola Moderna n. 1, com séde á avenida Celso Garcia, 262, realizará hoje, ás 8 horas da noite, uma bem organizada festa, que constará do seguinte programma: MUSICA, CONFERENCIA, BAILE FAMILIAR E KERMESSE, cujo producto reverterá em beneficio da mesma instituição, que se acha precisada de recursos.

Fonte: Jornal "A Plebe", 01/03/1917 – AEL - UNICAMP

As festas na escola tinham o objetivo de mostrar aos pais dos alunos os trabalhos desenvolvidos por seus filhos: "*A festa realizada no sábado na Escola Moderna n.1, correu a contento da assistência e não regateou applausos aos alumnos que cantaram hymnos e recitaram belas poesias*" (A PLEBE, 08/03/1919); desenvolver um relacionamento que aproximasse os pais e alunos da escola: "*Terminada esta parte, passou-se ao baile familiar, que esteve bastante animado.Houve também leilão de prendas*" (Idem, 08/03/1919); arrecadar fundos para a manutenção da mesma: "[...] *será organizada uma festa em benefício da Escola Moderna n.1*[...] (Idem,12/04/1919), as pessoas [...] *interessadas em contribuir para a manutenção desse nosso centro de ensino dos pequeninos proletários, poderão coadjuvá-lo com a offerta de prendas* [...] (Idem, 19-04-1919) e promoverem a propaganda da escola: "*Serão convidadas para assistir pais de alumnos e pessoas interessadas pela difusão do ensino racionalista*" (Idem, 12/04/1919). Todos estes aspectos eram observados nas Escolas Modernas Brasileiras, obedecendo assim ao ideário do educador catalão.

FIGURA 29 [94]

GRANDE FESTIVAL NO Jardim da Acclimação

Domingo 21 de Setembro

PROGRAMMA

Match de Foot-Ball = Será disputada a taça «Escola Moderna» em um emocionante match de foot ball, entre os valorosos quadros da A. A. Republica e Saturno F. B. C.

CORRIDAS = Serão disputadas corridas de bicycletas, a pé, em saccos, do «Batatas», no lago, etc., pelos melhores sportsmans da capital e do Rio de Janeiro. Aos vencedores serão conferidas medalhas de ouro aos 1.os, de prata aos 2.os e de bronze aos 3.os

Exercicios de gymnastica = Exercicios suecos, pulos de altura, saltos no cavallo de pau, etc.

BAILE — Grande baile no salão do jardim, com excellente orchestra e danças regionaes com banda de musica.

Representações Theatraes = Comedia - Verdadeira fabrica de gargalhadas, por um grupo de distinctos amadores; canções e danças typicas por um rancho de tricanas portuguezas; hymnos e recitativos por um grupo de crianças

Exposição Zoologica - Será franqueada ao publico a interessante collecção de animaes existente nas jaulas do jardim

TOMBOLA - Sorteio de valiosos premios e leilão de prendas importantes

Regatas e Natação - Realizar-se-ão diversas corridas de botes e natação, conferindo-se medalhas aos tres primeiros vencedores

Cinematographo - Serão exhibidos bellissimos films ao ar livre

Bonds em grande quantidade

ENTRADA 1$000 :: Os menores de 14 annos não pagarão entrada

Fonte : Jornal "A Plebe", 19/09/1919

O Boletim da Escola Moderna, prática lançada em Barcelona por Ferrer, foi adotado por João Penteado na Escola Moderna n.1. Em um artigo encontrado no jornal, observam-se as dificuldades financeiras que enfrentavam para a publicação dos Boletins, pois para conseguir publicar o primeiro em 13 de outubro de 1918 tinham

> *[...] recebido para este fim o concurso de associações operárias, loja maçônica G. Marconi e alguns companheiros , que contribuíram em subscrição, voluntáriamente* (A PLEBE, 08/03/1919)

No que se refere à relação trabalho e educação anarquista, não foram encontrados artigos no jornal "A Plebe" que relacionem a prática defendida por Robin ou Kropotkin[95], de que estes precisariam ser desenvolvidos ao mesmo tempo no ambiente escolar das Escolas Modernas Brasileiras no período analisado. Contudo, é de se lembrar que Ferrer não fez em seus estudos

[94] A reportagem completa a respeito do desenvolvimento deste festival e seus resultados pode ser lida nos exemplares publicados nos dias 20, 21 e 23 de setembro de 1919.Outro artigo bem completo a respeito das festividades realizadas em outro festival pró Escola Moderna, no Jardim da Aclimação em São Paulo, pode ser lido sob o dia 19/10/1919.

[95] Ver páginas 102 e 103 desta dissertação.

menção a necessidade desta relação, preocupando-se mais em educar para a liberdade,

> [...] no espírito da ciência;isto é, liberar as crianças de todos os preconceitos e dogmatismos que haviam obscurecido e anulado a capacidade de decisão autônoma dos seres humanos [...] ele acentuava o caráter diretamente liberador de um ensino científico com expressões que devem ser entendidas no bojo deste ambiente positivista [...] (MORIYÓN, 1989, p.20)

Os artigos em que se encontram, ao mesmo tempo, os termos crianças e trabalho têm o objetivo de chamar a atenção na exploração e mortes sofridas por estas no interior das fábricas, tratando-as como mártires, ou, ainda, para ir contra a imprensa burguesa, que não observando a carestia em que se encontrava o operariado, acusa os pais destas de não enviarem as crianças a escola porque são

> *[...] ganaciosos e verdugos de sua própria carne.Como estão errados os referidos senhores!Pois não sabem elles que ganhando os operários, hoje em dia os salários irrisórios e mesquinhos, têm que forçosamente manter os filhos em uma oficina qualquer? Desconhecem ainda que faltando-lhes os recursos necessários a aquisição dos livros e outros apetrechos de estudo, o caminho que naturalmente lhe é indicado é o de mandarem os descendentes ao trabalho?* (A PLEBE, 15/03/1919)

Porém, isso não quer dizer que o movimento libertário não tenha se preocupado em abrir cursos práticos para os operários. Artigos no jornal “A Plebe” chamam a atenção para cursos técnicos, porém estes se destinam aos adultos:

> *Notícias de Recife dizem que a Federação de resistência das Classes Trabalhadoras vai estabelecer cursos práticos para seus associados, em todas as séries e sucursaes.Isso! Façamos tudo por nossas mãos! Os governos , esses, estão preocupados com assumptos de máxima importância, taes como alistar idiotas, perseguir phantasmas vermelhos e colocar os seus meninos bentos* (Idem, 16/09/1919).

Um outro artigo[96] de 30 de agosto de 1919, traz uma listagem dos aspectos a serem observados quanto à atividade do trabalho **após** a revolução, considerando-o uma atividade de vital importância; da qual ninguém poderá furtar-se; que poderá ser escolhido conforme agrade ao trabalhador; feito pela mulher também, mas conforme suas aptidões, e aponta alguns outros aspectos, no entanto, nada consta da maneira em que a educação será conectada ao trabalho. Estes artigos levam ao entendimento de que o trabalho era um elemento essencial na sociedade libertária, entretanto, sua relação com a educação não aparece nas folhas do jornal, visto que, ao adotarem Ferrer como seu porta-voz no quesito educação, assim como ele, não fazem a co-relação dos dois elementos, mas sim trabalham no sentido de libertar seus leitores de dogmatismos de qualquer espécie.

Por isso, o aspecto ideológico da exploração do trabalhador não é esquecido e um dos artigos que melhor demonstra o pensamento dos colaboradores libertários do jornal e sua ligação com a educação do operariado é *"Perguntas ingênuas":*

> *Porque é que um homem pode fazer com que mil outros homens , geralmente mais inteligentes que elle mais fortes que elle, trabalhem em seu proveito? Pelo dinheiro... Se o leitor estiver com paciência recomece a leitura deste artigo, se achar que este círculo é vicioso demais , compre livros como estes: A Escravidão Moderna, Palavras de um Revoltado, A Conquista do Pão, A Dor Universal, A Sociedade Moribunda e a Anarchia, e em qualquer delles, terá uma explicação completa* (Idem, 20/12/1919).

[96] Este artigo traz uma listagem de todos os aspectos a serem observados quanto à finalidade da revolução e o trabalho após a mesma.Como a educação não é contemplada em tal artigo ele não foi colocado em sua integra no corpo do trabalho.Outro artigo de 27/12/1919 também expõe os princípios do trabalho anarquista mas, da mesma maneira que os demais, não faz menção á educação.

FIGURA 30

Perguntas ingenuas

Porque motivo, na terra tão vasta e bôa, mais de dois terços dos homens não têm um logarzinho para repouzar nem mesmo depois de mortos?

Porque motivo os que cultivam a terra, os que a fecundam, os que descem ás suas entranhas, que são as minas—vivem na maior pobreza e são tratados como cães?

Porque motivo os que produzem o pão que comemos, a roupa que vestimos, a casa que habitamos, são aquillo que a sociedade chama «a gente baixa», os «pés rapados»?

Porque motivo os varredores de rua, que arriscam a vida cem vezes por dia, que morrem para que não morramos, em logar de serem tratados como sacrificados pelo bem commum, são tidos estupidamente como... a ralé?

Porque motivo a sociedade burgueza (aqui como em Paris) representa ainda hoje a mentalidade da Cafraria? Lá, o prestigio do guerreiro se avalia pelo collar de orelhas que traz a tiracollo. Aqui, ou em qualquer outro centro *civilizado* se conta as glorias de um general pelos morticinios que fez.

Porque motivo mandam para Londres o dinheiro que nos cobrem pelo fornecimento do nosso gaz? Esse serviço será por ventura feito por inglezes? Não nos consta que banqueiros inglezes tenham pegado na pá e em outros instrumentos de trabalho para nos fornecer gaz. Os pobres caiçaras e portuguezes que aqui trabalharam com certeza já estoiraram de miseria.

Porque motivo os trabalhadores que moram em pocilgas nos bairros esconsos constroem palacios na Avenida para os ricos? Feito o palacio, o capitalista fica com elle. E os trabalhadores com o que ficam?

Que poder maravilhoso autoriza e justifica esta dictadura de uma classe sobre as demais?

O dinheiro? Está bem... Mas que é dinheiro? E' trabalho accumulado... Mas um homem só, com seu trabalho honesto, poderá accumular, em sessenta annos de vida, mais de trinta contos de trabalho? Quantos são os capitalistas que têm uma profissão? A loteria... A herança... Conquistada num escriptorio, com o auxilio dos numeros, ou por morte de um parente, a fortuna representa sempre —o trabalho dos outros, o suor de uma legião, a fome de um povo.

E dahi... cae-se no circulo vicioso...

Porque é que um homem pode fazer com que mil outros homens, geralmente mais intelligentes e mais fortes do que elle, trabalhem em seu proveito?

Pelo dinheiro...

Se o leitor estiver com paciencia, recomece a leitura deste artigo. Se achar que este circulo é vicioso demais, compre livros como estes: *A Escravidão Moderna, Palavras de um Revoltado, A Conquista do Pão, A Dor Universal, A Sociedade Moribunda e a Anarchia*, e em qualquer delles, terá uma explicação completa.

S.

Fonte: Jornal "A Plebe" , 20/12/1919 – AEL- UNICAMP

Ao fazer estes e outros questionamentos, o jornal desempenhou seu papel de educar os militantes anarquistas através da propaganda, "[...] isto é, pela sua apresentação e debate e não a doutrinação" (PERES, 2006, p.140), ações estas propostas por Ferrer em sua Pedagogia Racionalista, contribuindo

assim no processo de desvelamento da ideologia que a classe dominante impunha sobre o operariado, mostrando em diversos artigos que:

> *Uma das maiores, das mais acuradas preocupações dos dirigentes dos povos tem sido a de ensiná-los a obedecer sempre, mesmo quando, com a sua obediência, sanccionava as maiores infâmias.Não era permitido aos oprimidos a mais insignificante observação, a mais leve rebellião; e quando, com a influência da escola, da moral, da lei, da ordem, da imprensa, não era possível obter absoluta obediência, então se empregava a mais severa, a mais deshumana reacção.E foi por ter adormecido no povo a livre vontade de comprehender, de raciocinar, que os governos todos puderam, em um dado momento como malfeitores, chegando a sua imprudência a assassinar homens como Francisco Ferrer* (A PLEBE, 31/10/1919) .

O Governo, a Igreja e os industriais, vendo, nestes artigos, um perigo para a ordem vigente, perseguiram tanto as formas de propaganda libertárias – jornais - quanto suas iniciativas educacionais – escolas - que, conforme discutido nos capítulos anteriores, acabaram por serem “esquecidas”, tão grande foi o esforço da polícia durante a Primeira República em destruir os arquivos e dados referentes ao movimento anarquista e suas ramificações.

3.3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO JORNAL “A PLEBE”.

O pensamento educacional de Ferrer foi apresentado pelo jornal “A Plebe” já em seu primeiro número publicado em 1917, quando, no texto de abertura foram colocados os princípios que o jornal se propunha a seguir, sendo que um deles era ir contra

> *[...] o nefando clericalismo, pois que vinha ao encontro do formidável movimento de indignação mundial provocado pelo infame crime de que Ferrer, o libertário abnegado, fora a vítima gloriosa, tombando altivamente nos fossos do castelo de Montjuich, sacrificado pelos manejos do tenebroso conluio reaccionário então dominante na Hespanha, e no qual, o bando negro do Vaticano fora elemento dominante* (A PLEBE,09/06/1917).

FIGURA 31

Edição especial sobre Ferrer.

A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno . . . . 10$000 — Semestre . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1 o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

Toda a correspondencia a Edgard Leuenroth
Endereço: Caixa Postal, ... — S. Paulo (Brasil)
Redacção e Administração: Largo do Palacio, 5-b

ANNO I — NUM. 17
14 de OUTUBRO de 1917
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis por centimetro de columna

Francisco Ferrer y Guardia

Ha oito annos que foi fuzilado no castello de Montjuich o fundador da Escola Moderna, e até hoje ainda não foi executada a sentença recta e justa que a Justiça lavrou contra os seus covardes algozes.

Não a esqueçamos, porém, jamais, pois do tumulo aberto pela reacção no dia 13 de Outubro de 1909, chegam até nós os gritos de:

VINGANÇA! VINGANÇA!

Relembrando

O anniversario funebre dum justo

A' memoria de Ferrer

Escola Moderna

A obra e os intuitos de Ferrer

O anniversario d'um crime

Fonte: Jornal “A Plebe” , 14/10/1919- AEL – UNICAMP

No mesmo ano, foi publicada uma edição especial a respeito do educador, em comemoração ao aniversário de sua morte.

Os artigos enviados por diversos colaboradores do jornal, elevavam a figura de Ferrer à de mártir, um gênio perseguido como outros anteriormente, comparando-o a

> *Giordano Bruno, Gallileu, Antonio José da Silva e Bartholomeu de Gusmão, eis outras victimas que a igreja anniquilou pelo mais atroz suplício, unicamente por serem homens de engenho, por possuírem um cérebro mais elevado que os vulgares da época.* (Idem, 14/10/1917).

Outros o homenageiam dizendo que ele morreu, mas sua idéia triunfará sobre seus inimigos, chamando-o de “apostolo do racionalismo”, uma vez que a sua morte serviu para unir a classe proletária contra o dogmatismo da Igreja e do Estado.

No mesmo número foi publicada uma poesia dedicada a Ferrer, assinada por Bento da Silva:[97]

FIGURA 32

A' memoria de Fer[illegible]

«Educar para a vida a mocidade,
Para uma vida forte e sem mentira?
Horror! Isto é a anarchia, isto conspir[illegible]
Contra o céo, mais o throno, mais o abbad[illegible]

Morte ao infiel, ao que á loucura aspira[illegible]
A terra é muito nossa propriedade,
Não deixemos morrer a autoridade,
Como se esvae o fumo duma pyra!

Morte ao infiel!» — E a terra horroriza[illegible]
Viu a resurreição de Torquemada
Dum mar de sangue, horrivel e iracundo[illegible]

Nem renascer da inquisitoria sanha
Viu Ferrer succumbir dentro da Hespanh[illegible]
— Para viver no coração do mundo!

Bento [illegible]lva.

Fonte: Jornal “A Plebe”, 14/10/1917 – AEL- UNICAMP

Na cidade de Piracicaba, SP, foi realizada, nesta data, uma manifestação de protesto contra a morte de Ferrer, e o jornal da semana seguinte, trouxe detalhes a respeito dos discursos proferidos na ocasião, quando novamente relacionavam a morte deste a propagação de sua idéia, dizendo que:

> *O fuzilamento de Ferrer, longe de anniquilar as idéias por elle propagadas, serviu para fazê-las prosperar [..] vangloriemo-nos por isso nós os propagandistas e continuadores*

[97] De acordo com RODRIGUES, 1992,p.44, esta poesia já havia sido publicada anteriormente no jornal “A Lanterna” em 13 de outubro de 1910.

> *incançaveis da sua obra, e prestando a nossa homenagem grandiosa ao apostolo abnegado da instrucção popular* [...](A PLEBE, 21/10/1917).

Novamente o caráter heróico aparece nas palavras de João Penteado, diretor da Escola Moderna n.2 que deu sua colaboração neste número do jornal falando de Francisco Ferrer

> *[....] o grande herói, cujas últimas expressões foram: "Viva a Escola Moderna" . E com isso fez com que se lhe ajustasse bem o conceito do poeta: Quem na luta cae com glória, toma nos braços da história* (Idem, 21/10/1917).

Em quase todos os artigos onde o nome de Ferrer é mencionado no jornal, o caráter heróico é levantado, o que ia de encontro com o que o próprio educador disse em sua carta testamento, onde pedia :

> *Deseo también que mis amigos hablen poco o nada de mi, porque se crean ídolos cuando se ensalza a los hombres, lo que es un gran mal para el porvenir humano. Solamente los hechos, sean de quien sean, se han de estudiar, ensalzar o vituperar, alabándolos para que se imiten cuando parecen redundar al bien común, o criticándolos para que no se repitan si se consideran nocivos al bienestar general (FERRER, 1909).*[98]

O jornal "A Plebe" não é publicado no ano de 1918[99], todavia, no ano de 1919[100], traz novamente homenagens a Ferrer, não mais em um número especial como aconteceu no ano de 1917, mas em diferentes edições do mês de outubro. Ocorrem sessões comemorativas nas Escolas Modernas n.1 e 2, na *Sociedad Hespañola de Repatriación e Instrucción*, e *no* Salão Itália Fausta onde ocorreu" [...] *uma bela conferência sobre o martyr de Mounjuich*" (A PLEBE, 12/10/1919), continuando assim, a dar mais atenção ao aspecto heróico da morte de Ferrer do que a teoria desenvolvida por ele na Escola Moderna de Barcelona e que estava presente nas Escolas Modernas brasileiras.

---

[98] Extrato da carta testamento de Ferrer, obtida com a ajuda da Fundación Fracisco Ferrer y Guardia.
[99] Ver página 88 desta dissertação.
[100] Ano em que este jornal se torna diário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo dos capítulos anteriores sobre a Educação Libertária, traz como síntese do processo histórico a educação na imprensa e os artigos críticos do jornal “A Plebe”.

A vinda de mais europeus para o Brasil trouxe para as fazendas de café levas de imigrantes que constituíram o braço para a grande lavoura em substituição ao trabalho escravo, interditado em 1851.

As nacionalidades dos imigrantes eram variadas,entretanto um terço dos que chegaram em São Paulo eram oriundos da Itália, uns poucos de Portugal, outros de Espanha e, ao chegar ao país, começaram a publicar pequenos jornais propagando os ideais do anarquismo.

A presente pesquisa teve como objeto principal a Educação Libertária e sua análise através dos artigos do jornal “A Plebe”, um periódico que circulou em São Paulo durante a Primeira República e que se propunha a organizar e educar o militante dentro dos princípios libertários.

Podemos inferir, com base nas análises desenvolvidas, que a sua maior preocupação era desvelar a ideologia da classe dominante, levar seus leitores a serem libertos de todo dogmatismo e ser um instrumento de propagação das idéias libertárias.

Dentro destes princípios, estava o de que a educação era o instrumento mais importante em prol da revolução social que instauraria uma sociedade anarquista calcada no princípio de liberdade, rejeição total do poder do Estado , vida em cooperação entre indivíduos livres - tendo o trabalhador como centro do processo - e pela consolidação das mudanças após esta revolução; pois um povo que não estivesse preparado para viver na sociedade idealizada pelo movimento correria o risco fazê-la tomar um rumo diferente do almejado.

Assim, verifica-se que as propostas de tal educação se materializaram quando as idéias pedagógicas de educadores que representavam os ideais dos libertários de uma educação diferenciada - e não aquelas que são produzidas de forma a não criar problemas para a classe dominante , que não tem

interesse em ampliar os direitos das bases da sociedade – chegaram no Brasil juntamente com os imigrantes.

Francisco Ferrer y Guardia foi o educador que mais teve suas idéias pedagógicas aplicadas em solo brasileiro, através da fundação das Escolas Modernas em vários lugares do Brasil.Os aspectos educacionais que defendia eram e, inclusive em nossos dias, são considerados modernos por serem críticos e procurarem formar homens livres: o sujeito autônomo tão em voga nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas governamentais atualmente.

Ferrer e os libertários no entanto, chamavam a atenção, já no final do século XIX e início do século XX ao embuste que era esta escola governamental que diz pretender formar indivíduos livres, pois, para a classe dominante não há por que formar indivíduos com vontades próprias, questionadores, que construam seus próprios pensamentos e definidores de seus caminhos como queiram. Ferrer não acreditava que a escola do governo fosse criar um modelo pedagógico que revolucionasse o sistema social e melhorasse as condições de vida dos trabalhadores.Esta escola iria sim ensinar os pobres a aceitar a estrutura social vigente, e instruir que só se pode conseguir melhoramentos com o esforço próprio e dentro da classe social a que ele pertence..Estes indivíduos foram e ainda são considerados uma ameaça ao sistema dominante vigente, que só conforma e forma os alunos de acordo com seus planos .

O educador Ferrer foi fruto de uma época e de uma sociedade em que se eliminava sumariamente qualquer pessoa que pensasse diferente do que era ditado pela corte ou pela igreja. Destarte, as autoridades espanholas,assim como fizeram anteriormente com milhares de judeus mortos durante a famosa inquisição que marcou sua história, eliminou Ferrer.Contudo, seu pensamento pedagógico já havia sido conhecido por outros que, também, procuravam um caminho para a liberdade: uma melhor condição social e de vida, e fuga da miséria, que assolava a Europa no final do século XIX.

Muitas destas pessoas vieram como imigrantes para o Brasil e aqui, não conheceram um mundo tão melhor quanto aquele donde saíram e que haviam deixado para trás.Partiram em busca de um sonho e encontraram uma triste realidade.

Transformados em mão de obra barata, foram trazidos aos milhares a fim de que os fazendeiros do café e os industrias da cidade de São Paulo pudessem montar um exército de mão de obra excedente , pois, se muitos precisavam trabalhar, os capitalistas pouco precisariam pagar; sendo assim, os operários se viam obrigados a trabalhar por míseros salários e em condições subumanas.

A revolta foi o que se seguiu; o anarco-sindicalismo procurou aglutinar estes trabalhadores em sindicatos para que juntos pudessem ter sua voz ouvida.Muitas greves ocorreram, poucas foram as conquistas realmente efetivas, já que os capitalistas atendiam as reivindicações operárias somente para que estes voltassem ao trabalho e depois as retiravam .Porém, estes atos dos anarco –sindicalistas, fizeram com que os anos compreendidos pelo início do século XX fossem aqueles em que os trabalhadores estivessem mais organizados e mobilizados por causas comuns a todos.

Desta forma, o Governo e os patrões começaram a prestar atenção nas perdas que tinham, quando os trabalhadores cruzavam os braços; e, por conseguinte instauraram seus próprios sindicatos que mantidos por uma política cooperativista e populista, atitude esta que cerceou as manifestações operárias até sua completa dissolução.Na verdade, a sociedade burguesa percebeu que era necessário estender aos trabalhadores alguns direitos sociais e políticos a fim de manter a sua própria soberania e controlar o movimento operário.

A fundação das Escolas Modernas, pelo grupo libertário, enriqueceu as discussões pedagógicas em solo nacional, aglutinaram em um mesmo objetivo educacional o Movimento Operário Brasileiro e, indiretamente, pode-se até dizer que arrefeceram a criação de mais escolas públicas pelo Governo que queria afastar os operários e seus filhos de tais iniciativas .

O meio para se propagar todas essas idéias libertárias e liderar o movimento anárquico era a imprensa operária, representada nesta pesquisa pelo Jornal “A Plebe”.

A leitura desse jornal deu a pesquisadora uma ampla visão do desenrolar dos fatos nos anos de 1917 e 1919, apresentou, igualmente, muitos atos e pensamentos que não se encontram nos livros sobre o assunto,

possibilitando também, a intimidade com o assunto através da própria voz dos sujeitos analisados.

Os textos referentes à educação retirados do jornal, bem como outros que se referem ao trabalho e a ideologia a que este grupo se opunha, foram de grande importância para a análise do posicionamento do Estado quanto ao movimento libertário e deste quanto àquele.

Tais textos convocam os trabalhadores a "ler nas entrelinhas" do discurso da classe dominante e lutar pelos seus direitos; critica severamente todo e qualquer elemento de dogmatismo sobre o operariado , num discurso claro e aberto .

Todo este discurso, defendido pelo jornal, levou-o a ser empastelado inúmeras vezes e seus colaboradores perseguidos e deportados, pois as críticas ao Estado ,a Igreja e a exploração por parte dos patrões não eram veladas , nada no jornal era dissimulado, os pensamentos antagônicos eram aceitos e publicados - até a Revolução Comunista era alardeada no jornal, pois se acreditava que, mesmo que seus meios fossem diferentes, as causas eram iguais,com efeito, o fim da exploração de uma classe sobre a outra.

No que se refere às análises dos extratos a respeito da educação do militante libertário, pode-se perceber que o jornal estava em consonância com os ideais de Ferrer, criando nele, de forma entusiasmada e extrapolada, um mito,caindo por vezes no ranço do pensamento positivista que buscava nos homens públicos atos de heroísmo e altivez.

Alguns pesquisadores os chamaram de idealistas, por darem maior importância ao individuo do que a massa,no entanto, o que é a massa se não um grupo de indivíduos? Muitos os criticaram por não concordarem com a representatividade do voto,contudo, somos realmente representados por nossos políticos, ou, ainda, não enfrentamos decepções que nos trazem os órgãos do poder instituído? Porém, a questão que paira no ar é: o povo realmente estaria pronto para viver nesta sociedade idealizada pelos anarquistas após tantos anos sob o jugo do poder do Estado?

O fim da década de 1910 foi um período de definhamento do movimento operário. As greves se tornaram pequenas e sem união devido á grande repressão que, expulsando os líderes sindicais deixou o proletariado sem

representatividade. Só a menção da palavra “greve” já servia para que houvesse perseguições, reprimindo o movimento anarco-sindicalista.

Em 1922 foi fundado o Partido Comunista; e muitos de seus membros, inclusive seu fundador, Astrojildo Pereira, foram ex - militantes libertários que, com a vitória dos bolchevisques na Revolução Russa de 1917, voltam suas esperanças de mudança e de uma possível revolução proletária para o comunismo recém instaurado naquele país da Europa.

O jornal “A Plebe” cobriu estes eventos e os analisou sob sua ótica, que em conjunto com outras leituras feitas pela autora possibilitou análises variadas que foram se dando ao longo do trabalho; portanto, a utilização da imprensa, representada nesta dissertação por este jornal, possibilitou uma análise concreta do contexto em que se deu a luta pela educação e pelo trabalho realizado pelos libertários nos anos de 1917 e 1919 no Brasil.

Diante destas considerações finais, este trabalho investigativo leva à conclusão de que o discurso defendido pelo jornal “A Plebe” permitiu a reconstrução de parte da história da educação brasileira, através de seus artigos. A partir deste estudo, procurou-se evidenciar que o país recebeu mediante tendências associativas e luta anticapitalista, trazidas pelos anarquistas, a compreensão e o direito de reivindicar os direitos trabalhistas, que neste período multiplicaram o número de greves e manifestações de trabalhadores.

A imprensa operária, da qual fazia parte o jornal “A Plebe”, buscou noticiar essas lutas, divulgando seus resultados, para que os trabalhadores pudessem se organizar com estratégias em conjunto.

Advém daí a importância da imprensa que informava sobre o movimento operário em outros países fazendo com que desta forma os trabalhadores brasileiros criassem coragem de reivindicar e, ao mesmo tempo adquirir uma noção do coletivo; dando-se conta de que a luta que eles se propunham era contra o Capital, mostrando assim aos operários brasileiros que eles não estavam sozinhos neste embate e que, para haver os avanços sociais sonhados era preciso que ocorresse a união destes trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**, Ed.Martins Fontes, São Paulo, SP, 2003.

AGOTANI. **Reminiscências da Colônia Cecília**. A Plebe, 23 de dez. de 1933, p.1.

ARENA,D.B. A voz do trabalhador (1908 – 1915) e a educação anarquista no Brasil. **Didática**,São Paulo, v.26/27,p.21-23,1991

A. V, A arma indispensável. **A Plebe**, São Paulo, n.23, p.3, 26 jul.1919.

BORGES, V. P. **O que é história**. Ed. Brasiliense, São Paulo, SP, 1985.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento Marxista**, Ed.Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

CALDEIRA,J.CARVALHO,F. MARCONDES, C. PAULA S.G., **História do Brasil**. Ed. Compamhia das Letras, São Paulo, Sp, 1999.

CAMPOS, C.H.**O sonhar libertário**., Ed.UNICAMP,São Paulo, Campinas, 1988.

CARDOSO,C.F.S. **Uma introdução à história**. Ed.Brasiliense.São Paulo, Sp, 1981.

CARRÃO,P.V. **Anarquismo e Educação**. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, 1992.

CARONE, E. **Classes sociais e movimento operário**. Ed.Ática, São Paulo, SP, 1989

CUADRADO, M. M. **Historia de Espana Alfaguara VI: La Burguesia conservadora (1874-1931)**, Ed.Alianza, Madrid, 1983.

CUBERO, J. **Anarco-sindicalismo no Brasil**.Ed.Index Librorum Prohibitorum, São Paulo, SP, 2004.

CURY, C. R.J. **Educação e Contradição**. Ed.Cortez, São Paulo, SP, 1986.

DICIONÁRIO AURÉLIO, Ed. Nova Fronteira, 12º edição, Rio de Janeiro,RJ, s/d.

DECCA,E.,MENEGUELLO,C. **Fábricas e homens**. Ed.Atual, São Paulo, SP, 1999.

EFIMOV, **História Moderna**.Vol. 1 e 2. Editorial Estampa, Lisboa, 1977.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Ed.Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 1979.

___________. A Situação da Classe Operária na Inglaterra. **Obras Escolhidas**. Ed.Alfa-Omega.São Paulo,SP, 1985

FAUSTO, B. **Trabalho urbano e conflito social.** Ed.Difel,Rio de Janeiro,RJ, 1977

FELICI, I. **A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi.** Cadernos AEL, Anarquismo e Anarquistas, Ed: Unicamp/IFCH, v.8/9, 1998.

FERRER, F. **La Escuela Moderna**, Ed.Solidaridad, Barcelona,1912

___________, **Carta testamento de Francisco Ferrer y Guardia**. Disponível em <http://www.laic.org/cas/fig/testament/testament2.htm> consultado em 25/06/2006.

FERREIRA, M.N. **A Imprensa Operária no Brasil: 1880-1920**. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1978

GALLO, S. **Pedagogia do Risco**, Ed.Papirus, Campinas, SP, 1995.

_________, Ferrer e a Pedagogia Racional: um balanço, cem anos depois. In: **Revista Educação Libertária**, n.1. Instituto de Estudos Libertários, Ed. Imaginário, 2006.

GUÉRIN, D. Irmãos gêmeos irmão inimigos IN; Malatesta et all. **O anarquismo e a democracia burguesa**. Ed.Global,Coleção Bases n.18, 1979.

GONÇALVES,O. F, **A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal " A Plebe"** , Dissertação de mestrado, Defendida no mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica –SP, 2002

_______________, Trajetória e ação educativa do jornal *A Plebe* (1917- 1927) In: **Revista de estudos da Educação, Quaestio**,v.6, n. 2, UNISO, 2004.

GUIRALDELLI. P. Jr., **Educação e movimento operário.** Ed. Cortez/Autores associados, São Paulo, SP, 1987.

GUSSINYER, P.S., Francesc Ferrer i Guàrdia: A Escola Moderna. In: **Pedagogias do Século XX.** Ed.Artmed, 2003.

HILSDORF,M.L.S.**História da Educação Brasileira**.Ed.Thompson,São Paulo, SP, 2003.

HOBSBAWN, E. **A Era das Revoluções: Europa 1789–1848**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

______________. **A Era dos Imperios**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ,1998.

KHOURY, Y.M.A. **Edgard Leuenroth : uma voz libertária Imprensa, Memória e Militância Anarco-Sindicalistas.** Tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.

LEUENROTH, E.**Anarquismo: roteiro de libertação social**.Ed.Mundo Livre, Rio de Janeiro,RJ, 1963

LOBATO, D.R. **O papel dos princípios pedagógicos anarquistas nas práticas cotidianas de seus militantes: as tentativas de vivência das idéias e seus impasses.** Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Federal Paulista, 1995.

LUIZETTO, F. **Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo literário e educacional** (USP, 1984, mimeo.).

___________, **Utopias anarquistas**.Ed.Brasiliense, São Paulo, 1987

____________, O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna n.1 (1912-1919). In: **Revista Educação e Sociedade**, ano VIII, número 24, agosto de 1986.Ed.Cortez, São Paulo.

MARAN, S. L.. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1978.

MARX, K, **A liberdade de Imprensa**, Ed. L&PM, Porto Alegre, 1980.

__________, **Manifesto do Partido Comunista**.Consultado em 10/10/2007, disponível em:< http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000042.pdf

___________, **Critica ao Programa de Gotha**. Consultado em 06/10/2007, disponível em < http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/gotha.html >

_________, **Miseria de la Filosofia.** Moscú: Editorial Progreso, 1979.

_________,**A ideologia Alemã (Feuerbach)** Ed. Hucitec, São Paulo, SP, 1993.

__________, **Obras Escolhidas**, Ed. Alfa Omega, São Paulo, SP,1980.

_________, **Miséria da Filosofia**, Ed. Ícone, São Paulo, SP, 2004.

MARX,K.,ENGELS F. **Crítica da educação e do ensino;introdução e notas de Roger Dangeville**. Ed. Moraes, Lisboa, Portugal, 1978.

____________, **A ideologia Alemã.** Ed. Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1979.

MORAES, J.D. **A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos centros de cultura social.** Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 1999.

MORIYÓN,F.G.(org) **Educação Libertária**.Ed. Artes Médicas, Porto Alegre , RS, 1989.

NASCIMENTO, M. I. M. **A Primeira Escola de Professores dos Campos Gerais- PR.** Tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2004.

____________,**Formação de Professores Perspectivas para a Pesquisa em Educação**. In: SCHELBAUER A. R., LOMBARDI J. C. MACHADO M. C. G. (orgs) Educação em Debate: perspectivas, abordagens e historiografia. Ed: Associados, São Paulo, SP, 2006.

____________, . **Grupos Escolares na Região dos Campos Gerais-PR**. Ed. Mercado das Letras, Campinas,SP, 2006

NETTO, C.M. **O anarquismo experimental de Giovanni Rossi: De Poggio al Mare à Colônia Cecília**. Ed.UEPG, Ponta Grossa, PR, 1998.

ORREDA, J. M**. Irati***,* Ed. EDIPAR, 1979.

PERES, F.A. **Estratégias de aproximação: um olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República.** Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

_________, Estratégias de aproximação, sociedade de idéias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, n.11,Ed: Autores Associados, São Paulo, SP, 2006.

PETRONE, M.T.S.P. Imigração. In: **O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições.** v.3, Ed.Bertrand Brasil, Rio de Janeiro,RJ, 1997.

PINHEIRO, P.S. O proletariado industrial na Primeira República. In: **O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições.** v.3, Ed.Bertrand Brasil, Rio de Janeiro,RJ, 1997.

PINHEIRO, HALL, **A classe operária no Brasil**, 1889-1930, vol II, Ed. Brasiliense, 1981.

PONCE, A**. Educação e luta de classes**, Ed. Cortez,São Paulo, SP, 1991.

PRADO, C. **História econômica do Brasil**.Ed. Brasiliense, São Paulo, SP, 1979.

RODRIGUES, E. **O anarquismo: na escola, no teatro, na poesia**. Ed. Achiamé, Rio de Janeiro, RJ, 1992.

_____________. **Os Companheiros**, v.2, p.29-30, Editora Associados, Rio de Janeiro, RJ, 1995.

_____________, **Alvorada operária: os congressos operários no Brasil**. Ed. Mundo Livre,Rio de Janeiro, 1979.

SAFÓN, R. **O racionalismo combatente de Francisco Ferrer y Guardia**. Ed.Imaginário, São Paulo, SP, 2003.

SAVIANI, D. **Breves considerações sobre fontes para a história da Educação**. In: LOMBARDI José C. NASCIMENTO Maria Isabel M. (orgs.). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Ed. Autores Associados, São Paulo, SP, 2004.

SAVIANI, D. **As Concepções pedagógicas na História da Educação Brasileira.** In: LOMBARDI, José Claudinei, SAVIANI, Dermeval e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Org.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas- SP: Graf. FE: HISTEDBR – UNICAMP, 2006. CD-Rom

SAVIANI,D.**História das Idéias Pedagógicas no Brasil**.Ed..Autores Associados, Campinas, SP, 2007.

SFERRA, G. **Anarquismo e anarcossindicalismo**. Ed. Ática, São Paulo, SP, 1987.

SILVA, F. T. da. et. Al.(org) **República, Liberalismo,Cidadania**. Piracicaba: Editora Unimep, 2003.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. Ed. Alfa Omega, São Paulo, SP, 1986.

SINGER, P. **A formação da classe operária**. Ed.Atual, São Paulo, SP, 1985.

SODRÉ, N. **História da Imprensa no Brasil**. Ed.Martins Fontes, São Paulo, SP, 1983.

TRAGTENBERG, M.Francisco Ferrer e a pedagogia libertária.In: **Revista Educação e Sociedade**,Ed.Cortez, n.1,1978.

VALENTE, S.M.P. **A Presença Rebelde na Cidade Sorriso: Contribuição ao Estudo do Anarquismo em Curitiba (1890- 1920),** Ed. Atrito Art., Londrina, PR, 2004.

VALVERDE, A.J.R.**Pedagogia Libertária e autodidatismo**.Tese de doutorado.Consultado em 10/08/2007, disponível em: < http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000102984 >

WOODCOCK, G, **História das idéias e movimentos Anarquistas**, vol.1 e 2. Ed. L&PM Pocket, Porto Alegre, RS, 2002.

______________, **Os grandes escritos anarquistas**. Ed. L&PM Pocket, Porto Alegre, RS, 1981.

ZANLORENZI, C. **Estado, Ideologia e educação na "Tribuna dos Municípios" de Irati (1954-1959).** Dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, 2006.

FONTES PRIMÁRIAS:

AEL – Arquivo Edgar Leuenroth

- Jornal "*A Plebe*", s/d

- ______________, 09/06/1917

- ______________ ,16/06/1917

- ______________ , 30/06/1917

- ______________ , 09/07/1917

- ______________ , 21/07/1917

- ______________ , 04/08/1917

- ______________ , 09/08/1917

- ______________ , 25/08/1917

- ______________ , 08/09/1917

- ______________ , 22/09/1917

- ______________ , 14/10/1917

- ______________ , 21/10/1917

- ______________ , 30/10/1917

- ______________ , 08/03/1919

- ______________ , 15/03/1919

- _______________ , 22/03/1919

- _______________ , 19/04/1919

- _______________ , 12/04/1919

- _______________ , 17/05/1919

- _______________ , 24/05/1919

- _______________ , 31/05/1919

- _______________ , 21/06/1919

- _______________ , 12/07/1919

- _______________ , 19/07/1919

- _______________ , 09/08/1919

- _______________ , 30/08/1919

- _______________ , 16/09/1919

- _______________ , 17/09/1919

- _______________ , 19/09/1919

- _______________ , 12/10/1919

- _______________ , 19/10/1919

- _______________ , 20/10/1919

- _______________ , 21/10/1919

- _______________ , 23/10/1919

- _______________ , 31/10/1919

- _______________ , 20/12/1919

Fundación Francisco Ferrer Y Guardia

Caderno agenda de Francisco Ferrer y Guardia s/d.